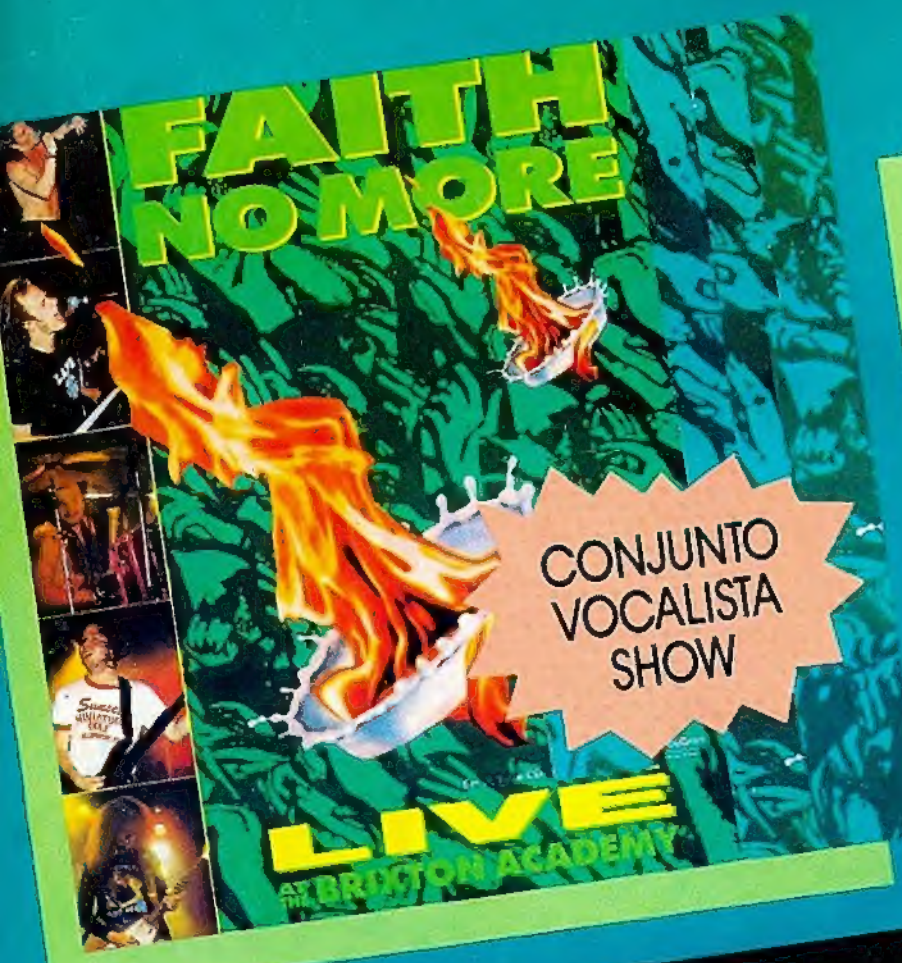
INDICAÇÕES

PRÊMIO BIZZ

OS MELHORES DE 91

A Polygram dispara no âmbito internacional



PolyGram

PolyGram do Brasil Ltda.

Nirvana foi *a* banda de 91, a surpresa mais explosiva a sair de uma garagem em muito, muito tempo.

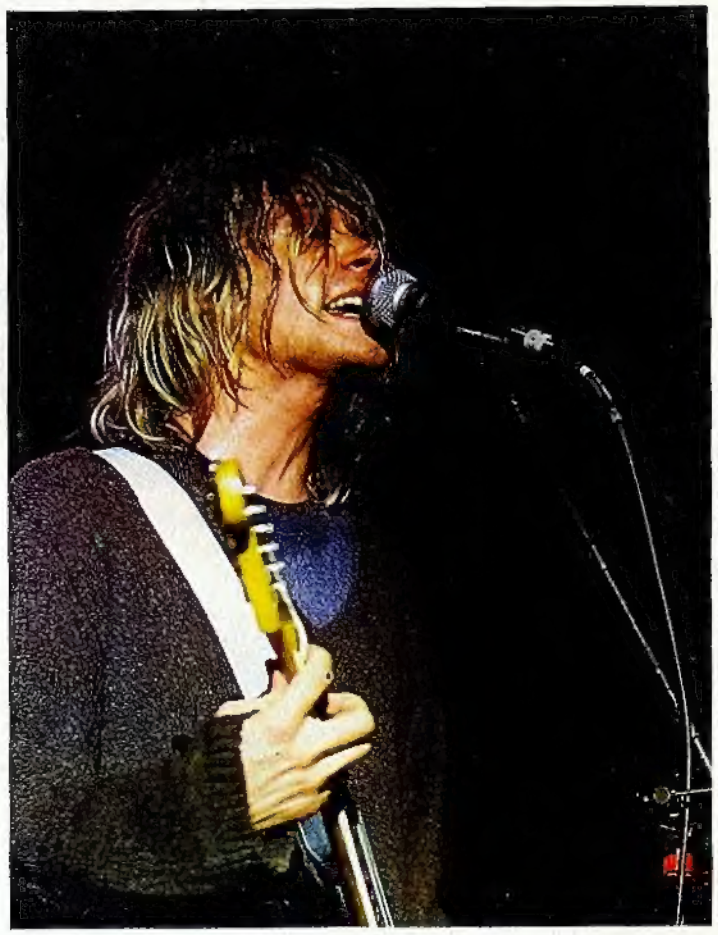
E pode se tornar *a* banda de 92. Pense: a Geffen, gravadora do grupo, pagou 750 mil dólares para contratá-los, mais meio milhão para promover o álbum *Nevermind*. Pois bem: o disco chegou a 2,5 milhões de cópias vendidas antes de sair o segundo single! Especialistas prevêem que até terminar sua carreira, o disco terá faturado perto de cinqüenta milhões de dólares.

O que quer dizer o seguinte: o Nirvana acaba sendo uma máquina de dinheiro mais eficiente que grandes nomes como U2, Guns N'Roses e Michael Jackson — nomes que, aliás, o trio enxotou do topo das paradas.

E sem fabricação, que Nirvana não é Vanilla Ice: é barulhento, radical, autêntico. Como uma série de outras bandas que surgiram no selo Sub-Pop. Mas, porque o Nirvana é tão característico dessa nova geração de bandas de garagem, ele acabou tomando o espaço da segunda parte da série *Barulho*. Quem queria Mudhoney, L7 e tal vai ter de esperar o livro — *sorry*. Se você quer alcançar o Nirvana, vá direto à página 18.

Mas tem mais nessa edição: os incríveis Red Hot Chili Peppers, na pág. 32; uma geral nos bastidores do Hollywood Rock, na pág. 28; e, claro, os indicados para o *Prêmio Bizz Melhores Do Ano!* Você que votou, agora vai ficar sabendo quem está no páreo, na pág. 7 (e se não votou morra de inveja).

Mês que vem: o resultado final dos *Melhores Do Ano*, que vai surpreender muita gente. Suspense total... e até abril.



Fotos de capa: BMG - Ariola (Nirvana), Warner (Red Hot Chil. Peppers)

6 **SHOWBIZZ**
Informação é a alma do negócio

12 **FAST FORWARD**
Bomb The Bass, Yo-Ho-Delic, Biquini Cavadão

28 **PRIMAL SCREAM**
Rock para dançar e viajar

44 **DANCE MUSIC**
Ce Ce Peniston, finalmente

45 **CONEXÃO BRASIL**
Especial Porto Alegre

46 **PARADA**
Chili Peppers e Legião se dão bem

48 **AO VIVO**
Hollywood Rock

51 **DISCOS**
Primal Scream, Metallica, Nirvana

56 **CD**
A ressurreição dos Mutantes

60 **VIDEO**
O melhor do Queen

62 **LETRA**
"Smells Like Teen Spirit", Nirvana

64 **CARTAS**
Esses leitores são uns neuróticos

66 **DISCOTECA BÁSICA**
Novo Aeon, de Raul Seixas, por Marcelo Nova

AS 9400 SKYHAWK

A linha Powerplay está deixando muito equipamento de som com complexo de 3º Mundo. Além de ter sido lançada simultaneamente em vários países, ela tem tecnologia digital e uma potência que assusta americanos e soviéticos. Todos os modelos da linha impressionam pela qualidade de som, pelo design e pelos recursos avançados. Linha Philips Powerplay. Uma potência de som. Aqui ou lá fora.

CD PLAYER AK 601

CD CHANGER AK 701 (Produto importado)

PHILIPS POWERPLAY AUDIO SYSTEMS

QUEM DISSE QUE O BRASIL NÃO FA

AS 9604 FIREFOX (Produto importado)

MINI SYSTEM FW 2019 (Produto importado)

Z PARTE DAS GRANDES POTÊNCIAS?

AS 9604 FIREFOX •120 watts RMS de potência (60W por canal) •Controle remoto com 20 funções (aciona também o CD Player) •Controle motorizado do volume •Duplo deck com auto-reverse •Dolby NR •CD Changer com carrossel para 5 CDs (opcional) **MINI SYSTEM FW 2019** •64 watts RMS em dimensões ultracompactas •Equalizador gráfico totalmente programável •CD Player programável de alta performance •Sistema modular (permite diferentes montagens) •Controle remoto com 47 teclas •Controle motorizado do volume •Full-logic auto-reverse decks **AS 9400 SKYHAWK** •Sintonia digital com 20 memórias •Controle remoto •Duplo deck com high speed copy •Equalizador gráfico •Toca-discos Belt Drive •Compatível com CD Player (opcional) **CD CHANGER AK 701** •Carrossel para 5 CDs totalmente programável (mais de 6 horas ininterruptas de música variada) •Memória para 50 faixas •Permite a troca de até 4 discos sem interromper a música •Sobreamostragem quádrupla •Display de cristal líquido •Acionado por controle remoto quando acoplado aos Midis AS 9604 ou AS 9400 **CD PLAYER AK 601** •Totalmente programável •Memória para 32 faixas •Conversor digital/analógico de 16 bits •Compatível também com discos de 8 cm (3") •Acionado por controle remoto quando acoplado aos Midis AS 9604 ou AS 9400.

O SOM MUNDIAL DA PHILIPS.

PHILIPS

SHOWBIZZ

XUXA DOMINA ARGENTINA

Nossa melhor história de sucesso, **Xuxa**, estourou a banca na Argentina: foi a artista que mais vendeu em 91. Xuxa vendeu 650 mil discos (300 mil do seu primeiro em espanhol e 350 mil do segundo — este, o título mais vendido do ano no país, junto com *Bachata Rosa*, de Juan Luis Guerra), lavando o chão com as vendagens de *Joyride*, do Roxette (200 mil), *Use Your Illusion II*, do Guns (60 mil) e *Dangerous*, de Michael Jackson (60 mil).

De quebra, ela foi uma das grandes responsáveis pela incrível recuperação da indústria de discos argentina (aumento de vendas de 43%, em relação a 90). Já a brasileira nem ela consegue...

MTV AMERICANA PROÍBE CLIP DO SEPULTURA

Para que não fosse apenas mais um vídeo, a banda filmou "Arise" na propriedade em que o maníaco Charles Manson assassinou a atriz Sharon Tate, em 68. O clip inclui muitas imagens fortes, como cruzes queimando (alô, Madonna!) e um homem crucificado usando uma máscara contra gases.

A MTV americana proibiu de cara o clip e aí o falatório começou — inclusive com o rumor de que a MTV nacional teria restringido o clip ao programa *Fúria Metal*. "Quando a gente fez o clip, sabia que ia dar rolo, que ia sofrer censura. Foi meio 'suicida'. Mas 'Arise' é a música mais pesada do disco, o clip tinha de ser pesado", diz o baterista **Igor Cavalera**.

A MTV americana de fato vetou o clip. Faz parte do seu político de podar qualquer imagem (religiosa, sexual, política etc.) que possa provocar reações da onda conservadora que assola a América. Mas a MTV brasileira passa o clip com regularidade nos programas *Gás Total* e *Fúria Metal*, dedicados aos gêneros bangers, barulhentos e afins.

Segundo Rogério Gallo, diretor do núcleo de produção da emissora, não há nenhum impedimento em programar o clip em outros horários. "Colocamos o clip nesses programas porque são as que o público do Sepultura assiste. Mas ele pode vir a passar em outros programas da emissora." Gallo garante que não houve qualquer censura na MTV brasileira. "Eu nem achei o clip tão pesado assim. O Sepultura é nosso protegido, não teríamos por que pegar no pé deles."

O clip de "Arise" foi incluído como item "surpresa" no primeiro home vídeo do Sepultura, *Under Siege*. O vídeo, que registra um show em Barcelona, foi lançado no exterior em janeiro e deve sair aqui em maio.

Rita Mendes Azul

ROXETTE, KREATOR E NWA: POSSÍVEIS SHOWS NO BRASIL

Brasil é assim: prometem-se shows, anunciam-se artistas, todo mundo dá certeza e aí... na última hora tudo é cancelado. Devido ao nosso fechamento antecipado, já dançamos várias vezes com esse tipo de notícia. Então de agora em diante, todo show anunciado que não tiver datas e lugares confirmados será considerado boato. Abaixo os últimos rumores:

O **Roxette** desembarca para shows no Brasil em maio. Seu pop de arena já rendeu muitos hits radiofônicos, como "Listen To Your Heart" e "Joyride".

O **NWA** é *gangster rap* na cabeça! Diretamente do Compton, a resposta de Los Angeles para Bel-ford Roxo, vêm estes quatro rappers com seu discurso agressivo e linhas de baixo porrada. Tocam em São Paulo em abril.

Thrash até medula, o alemão **Kreator** também chega em abril para tocar em algumas capitais brasileiras. Maiores detalhes com o pessoal do Dynamo — (011) 231-5737. Em tempo: King Diamond cancelou sua turnê.

Continua a toda a boataria sobre outros shows. No início de fevereiro os **Red Hot Chili Peppers** declararam a jornais brasileiros que poderiam tocar no Brasil em maio. A gravadora do grupo, Warner, afirmou que eles vêm, mas só em outubro.

Elen Osiron

LONDRES

Algumas estrelas andaram se casando no fim de 91. Começando por Jim Kerr (Simple Minds) e a atriz/cantora Patsy Kensit: os poucos convidados incluíram Yasmin, filha de Jim com Chrissie Hynde, dos Pretenders, e Ray Davies, dos Kinks. Na véspera do Natal foi a vez do Duranie John Taylor e sua namorada, a apresentadora de TV Amanda De Cadenet, grávida de cinco meses. A cerimônia • que contou com a presença de Simon Le Bon e família — quase foi atrasada: a polícia parou e multou a noiva apressada a caminho do cartório. • Os New Kids tiveram uma decepção e tanto ao chegarem ao aeroporto em Londres e serem recebidos por apenas vinte fãs. Até as autoridades, preparadas para uma multidão, ficaram espantadas • Marky Mark aproveitou sua estadia na Inglaterra para ver o show de Kylie Minogue. Só que parece que ele não agüentou ficar três músicas • Em maio estréia uma exposição sobre Jimi Hendrix na Special Photographer's Gallery, com imagens inéditas do guitarrista • Agora aos últimos boatos: é verdade que... Nick Rhodes (DuranDuran) e sua mulher Julianne estão se separando? ...a banda James pretende lançar este ano um jogo de tabuleiro sobre o grupo? ...Ozzy Osbourne realmente sonha em cantar e compor com Paul McCartney, mas não tem coragem de fazer a proposta? ...antes da morte de Freddie Mercury, o Queen já havia gravado material suficiente para oito discos completos? Acredite se quiser...

ANAMARIA G. DE LEMOS

David Godlis Retna

FIM DOS TALKING HEADS REVELA MATERIAL INÉDITO

O **Talking Heads**, uma das bandas de rock mais importantes da new wave americana, decretou seu fim. Desde o disco *Naked*, de 88, os membros do grupo já haviam se dispersado e estavam ocupados em projetos solo. David Byrne disse ao jornal *L.A. Times* que "não houve briga, pelo menos da minha parte. Foi só o fim natural de uma relação". Ainda em 92 serão lançados vários singles inéditos do grupo (o primeiro, "Sax And Violins", está incluído na trilha de *Until The End Of The World*). Em julho sai nos EUA *Popular Favorites 1976-1991: Sand In The Vaseline*, caixa de CDs com o melhor da banda.

E a última sobre Chris Frantz e Tina Weymouth é que eles irão produzir o quinto álbum dos Happy Mondays.

OUÇA ESSA

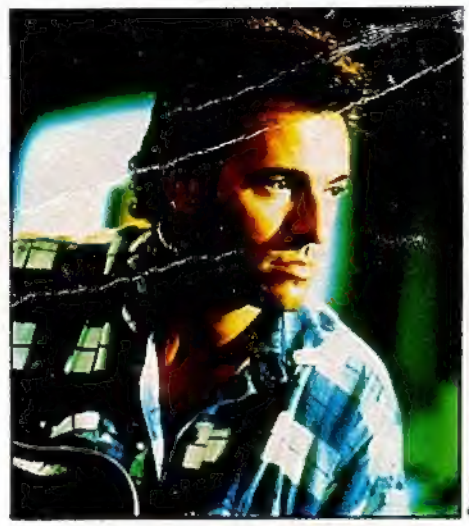
"Utopia é um posto de gasolina."
O politicamente incorreto Ian Astbury, do Cult

"Meu pesadelo é um dia acordar e descobrir que tudo isso foi um sonho e que na verdade sou um vendedor de sapatos."
Depois de vinte anos, Alice Cooper continua inseguro sobre sua profissão

"Adoro telefones. Às vezes saio para andar de skate com meu telefone."
J. Mascis, Dinosaur Jr.

"Se às vezes eu ajo como um escroto, é porque sou um escroto."
Seal assume

"Eu pensei que era ousada, mas este garoto passa o vídeo inteiro de cueca. E ele é adorável!"
Madonna, sobre Marky Mark ◄



Sony

FS

▸ CHEFÃO VOLTA EM DOSE DUPLA

Síndrome de *Use Your Illusion* atinge Bruce Springsteen

Depois de quatro anos e meio afastado do pop, **Bruce Springsteen** lança material novo. São dois álbuns simples, *Human Touch* e *Lucky Town*.

O primeiro, com quatorze músicas, foi gravado em vários estúdios em Los Angeles, durante um ano. O segundo contém dez faixas gravadas no pequeno estúdio na sua casa.

A **E Street Band**, que acompanhou Bruce por anos, foi dispensada sem maiores explicações. Fala-se em muito ressentimento por parte dos músicos da banda.

Lançados os discos, Bruce volta ao palco. "Estou excitado por ter acabado o disco e não vejo a hora de cair na estrada", disse o chefão ao jornal *USA Today*.

Outra recente produção de Bruce foi seu segundo rebento, uma menina, com Patti Scialfa.

O ZEPELIM VOA NOVAMENTE — OU QUASE

— "NOVO LED ZEPPELIN" TEM DAVID COVERDALE NOS VOCAIS — FILME CONTARÁ HISTÓRIA DA BANDA

Jimmy Page apelou. Depois de anos insistindo com Robert Plant para reformar o Led Zeppelin — e aturando suas negativas — Page convocou para uma parceria David Coverdale, o vocalista do Whitesnake (entre 73 e 76, do **Deep Purple**).

A banda, que inclui a cozinha do **Bad English** (heavy americano do mais farofa), não tinha nome definido até fevereiro: o disco, que deve sair em maio lá fora, é assinado (por enquanto) como Coverdale-Page. Robert Plant, que uma vez chamou seu "substituto" de "David Cover Version", deve estar espumando.

Outra do Zep: **Malcolm McLaren** — é, aquele, o inventor dos Sex Pistols — anunciou que vai produzir a versão cinematográfica de *Hammer Of Gods*, biografia da banda. No papel de Plant, McLaren quer o ídolo teen **Jason Donovan**. Diz que o loirinho é "perfeito para o papel"...

E se você está estranhando tanto barulho em cima de uma banda que acabou em 78, saiba que *Remasters* foi uma das caixas mais vendidas no mundo no ano passado (embora no Brasil só tenha vendido 6500 cópias).

Michael Putnario Retna

MAIORES DE 1991

Para ir esquentando os tamborins para nossa superedição de abril, com os resultados do prêmio *Melhores do Ano*, outras listas de melhores álbuns do ano passado, segundo algumas publicações estrangeiras importantes

NEW MUSICAL EXPRESS (Inglaterra)	**MELODY MAKER** (Inglaterra)	**FACE** (Inglaterra)
NIRVANA *Nevermind*	PRIMAL SCREAM *Screamadelica*	MASSIVE ATTACK *Blue Lines*
TEENAGE FANCLUB *Bandwagonesque*	NEIL YOUNG & CRAZY HORSES *Weld*	PRIMAL SCREAM *Screamadelica*
PRIMAL SCREAM *Screamadelica*	REM *Out Of Time*	YOUNG DISCIPLES *Road To Freedom*
NEIL YOUNG & CRAZY HORSE *Weld*	MERCURY REV *Yerself Is Steam*	PM DAWN *Of The Heart...*
REM *Out Of Time*	NIRVANA *Nevermind*	ST. ETIENNE *Foxbase Alpha*

MAIS VENDIDOS

SPIN	**EUA**	**INGLATERRA**
TEENAGE FANCLUB *Bandwagonesque*	MARIAH CAREY *Mariah Carey*	SIMPLY RED *Stars*
REM *Out Of Time*	GARTH BROOKS *No Fences*	EURYTHMICS *Greatest Hits*
NIRVANA *Nevermind*	BLACK CROWES *Shake Your Money Maker*	QUEEN *Greatest Hits*
PIXIES *Trompe Le Monde*	C + C MUSIC FACTORY *Gonna Make You Sweat*	TINA TURNER *Simply The Best*
PET SHOP BOYS *Discography*	WILSON PHILLIPS *Wilson Phillips*	MICHAEL JACKSON *Dangerous*

LOS ANGELES

Coisas do futebol: a ex-rival número um de Tiffany (Alguém se lembra? alguém se importa?), Debbie Gibson, trocou o público dente-de-leite por maltas bem mais amadurecidas participando na Broadway do musical *Les Miserables*. Numa transição parecida, Sheena Easton, ex-protegida de Prince, faz parte agora do elenco de outro musical na Broadway, *Man Of La Mancha* • Os Pixies abrirão os shows da turnê norte-americana do U2 - Outra turnê, a de John Lee Hooker, está sendo visitada por uma procissão de fãs incondicionais do veterano *bluesman*. Robert Cray e Ry Cooder foram alguns dos músicos que subiram ao palco para tocar uma canção ou duas com seu mestre • John Entwistle (ex-baixista do Who) e Jeff 'Skunk' Baxter (ex-guitarrista dos Doobie Brothers) formaram uma nova banda. O dinossaurinho ainda não tem nome • Rod Stewart, pinguço sindicalizado e juramentado, virou garoto-propaganda da cerveja Miller nos Estados Unidos. Aparece na televisão promovendo o produto ao som de "Every Picture Tells A Story" (faixa sua de 71) • O Guns N'Roses continua "inovando": estabeleceu que haverá sempre um intervalo mínimo de duas horas entre seu show e a apresentação da banda de abertura, o Soundgarden, da turma de Seattle. É assim que muitos shows da turnê americana começaram (!) vinte minutos antes da meia-noite (!!) e terminaram para lá das três da madrugada. Haja cafezinho e outras coisas...

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

PRÊMIO BIZZ "MELHORES DE 91"

Você votou e... bem, nós continuamos apurando os sacolões de cédulas que criaram alguns problemas de trânsito aqui na Redação. Mesmo assim, já dá para antecipar os favoritos e criar um suspensezinho barato, anunciando... (Um ruflar de tambores híbrido de John Bonham e Olodum... Os riffs da *Quinta* de Beethoven detonados pelos samples tirados do naipe de metais de um velho disco de Otis Redding, um minuto de silêncio e...)

Os **INDICADOS** para este ano são:

Rui Mendes/Azul

Axl Rose com sua namorada Stephanie Seymour, Linda Evangelista e Ivana Trump

Warner

	NACIONAL		INTERNACIONAL
GRUPO	Engenheiros do Hawaii Legião Urbana Sepultura		Guns N'Roses Faith No More R.E.M.
VOCALISTA	Max Cavalera Renato Russo Humberto Gessinger		Bono Vox Mike Patton Axl Rose
CAPA	*V* (Legião Urbana) *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora* (Titãs) *Arise* (Sepultura)		*Remasters* (Led Zeppelin) *Flashpoint* (Rolling Stones) Metallica
LP	*Arise* (Sepultura) *V* (Legião Urbana) *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora* (Titãs)		*Achtung Baby* (U2) *Use Your Illusion II* (Guns N'Roses) *Out Of Time* (R.E.M.)
SHOW	Engenheiros Do Hawaii Barão Vermelho Sepultura		Guns N'Roses The Cult Faith No More
REVELAÇÃO	Vange Volkana Cidade Negra		EMF Jesus Jones Extreme
LETRISTA	Arnaldo Antunes Humberto Gessinger Renato Russo		
MÚSICA	"Dead Embryonic Cells" (Sepultura) "Saia De Mim" (Titãs) "Teatro Dos Vampiros" (Legião Urbana)		"Losing My Religion" (R.E.M.) "Don't Cry" (Guns N'Roses) "Enter Sandman" (Metallica)
CLIP	"Gita" (RPM) "Saia De Mim" (Titãs) "Orgasmatron" (Sepultura)		"Black Or White" (Michael Jackson) "Losing My Religion" (R.E.M.) "You Could Be Mine" (Guns N'Roses)

EMI Odeon

WILLIE DIXON (1915-1991)

Willie Dixon nos anos 40, tocando com Bernardo Dennis (guitarra) e Leonard "Baby Doo" Caston (piano)

"Não deixe a música M-O-R-R-E-R/Oh, não/Não deixe a música morrer", era o que entoava o vozeirão do rotundo Willie Dixon, lá pelos idos dos anos 40.

Mas ela morreu um bocado no último 29 de janeiro, quando o *bluesman* teve um enfarte fatal, ocasionado pela diabetes. A doença o tinha feito amputar o pé direito em 77 e o mantinha um tanto afastado do cenário musical desde então. Mas o legado deixado em seus 76 anos de vida é mais que suficiente para projetá-lo entre os gênios do blues e do r&b.

Curioso, para um cara que encarnava plenamente a nebulosa figura de eminência parda. Se fosse um futebolista, seria o chamado "carregador de piano", aquele que faz de tudo, mas que o modo de jogar não aparece para o time.

Mas seu negócio era o baixo, no qual inegavelmente sempre despontou como um mestre, criador de algumas das linhas mais "ganchudas" do instrumento. Mas isso ainda seria café pequeno (seria?), pois ele também compunha, acompanhava, arranjava, produzia e supervisionava os trabalhos dos artistas da lendária gravadora Chess, de Chicago, durante os anos 50. Um *cast* que praticamente fez nascer o rock'n'roll, com gente como Muddy Waters, Howlin' Wolf, Chuck Berry e Bo Diddley.

Como vários *bluesmen* de sua geração, Dixon traçou sua trajetória de sua cidade natal — Vicksburg, no Mississippi — em direção às oportunidades de Chicago. Dada sua constituição avantajada, durante os anos 30 tornou-se boxeador (chegando a vencer um campeonato estadual de iniciantes, na categoria de pesos-pesados). Mas abandonou as luvas para se dedicar ao baixo, de início tocando num instrumento rudimentar, improvisado a partir de uma tina de lavar roupas. Das *jams* pelos clubes do circuito local obteve grana para o seu primeiro baixo acústico.

Durante a década de 40 formou o grupo The Big Three Trio, com os amigos Leonard "Baby Doo" Caston (piano) e Bernardo Dennis (guitarra, depois substituído por Ollie Crawford). O suíngue que a banda apresentava logo atraiu a atenção dos irmãos Phil e Leonard Chess, ambos poloneses e aficionados por música negra. Eles perceberam a extensão do talento de Dixon e o contrataram para trabalhar em seu então recém-criado selo, no início dos anos 50.

Foi quando começou o período mais fecundo de sua carreira, sendo peça fundamental nos trabalhos de autênticas lendas do rock'n'roll. Uma influência que continuaria a gerar frutos ao longo das décadas seguintes, em releituras dos mais diversos artistas (ver box) e, acima de tudo, nas atividades do próprio Dixon.

Sim, porque apesar de doente, Big Willie nunca deixou de se dedicar de corpo e alma ao blues.

Além de ter retornado em grande estilo no ótimo álbum *Hidden Charms* em 88, no ano seguinte ele lançou sua autobiografia, *I Am The Blues: The Willie Dixon Story* (co-escrita com o pesquisador Don Snowden). Como se não bastasse, Dixon ainda coordenava desde 84 a fundação Blues Heaven, destinada a cuidar dos direitos e interesses dos artistas do estilo, além de fornecer a eles auxílio financeiro/instrumentos e recolher material para um arquivo da memória do blues.

Portanto, nada de lágrimas. Longa vida ao *hoochie koochie man*. *CELSO PUCCI*

QUEM BEBEU NA FONTE

Alguns dos músicos que gravaram Dixon

MUDDY WATERS: "(I'm Your) Hoochie Koochie Man", "Just Make Love To Me", "I'm Ready", "I Got My Brand On You", "Tiger In Your Tank", "My Captain", "The Same Thing", "Young Fashioned Ways", "Walkin' Blues", "I Don't Know Why".
HOWLIN' WOLF: "Little Red Rooster", "Spoonful", "Wang Dang Doodle", "I Ain't Superstitious", "Back Door Man", "Built For Comfort", "Little Baby", "Down In The Bottom", "Howlin' For My Baby", "You'll Be Mine", "Shake For Me", "Do The Do".
BO DIDDLEY: "You Can't Judge A Book By Its Cover".
LITTLE WALTER: "My Babe".
OTIS RUSH: "I Can't Quit You, Baby".
BUDDY GUY: "Let Me Love You, Baby".
KOKO TAYLOR: "Wang Dang Doodle".
SAM COOKE: "Little Red Rooster".
ELVIS PRESLEY: "My Babe", "Doncha' Think It's Time"
JOHNNY RIVERS: "The Seventh Son".
JOHN HAMMOND: "My Babe", "The Seventh Son", "Shake For Me".
ROLLING STONES: "Little Red Rooster" (single que chegou ao primeiro posto da parada britânica quando foi lançado, em 64).
JOHN MAYALL AND THE BLUESBREAKERS: "All Your Love" (parceria com Otis Rush).
THE DOORS: "Back Door Man", "Little Red Rooster".
JEFF BECK GROUP: "You Shook Me", "I Ain't Superstitious". No mesmo disco (*Truth*, de 68) que se encontram estas duas músicas, há uma terceira canção de Dixon: "Let Me Love You, Baby", creditada erroneamente a Rod Stewart.
CREAM: "Spoonful".
LED ZEPPELIN: "You Shook Me", "I Can't Quit You, Baby". O grupo também foi acusado de "chupar" o hit "Whole Lotta Love" de uma canção de Dixon ("You Need Love"), num processo que foi vencido na Justiça pelo compositor, em 87.
DEREK AND THE DOMINOS: "Evil".
POINTER SISTERS: "Wang Dang Doodle". *C.P.*

FAST FORWARD

O desafio do dragão

Ilustração: Renata Buono

Tim Simenon, do BOMB THE BASS, mixa Jethro Tull com *Videodrome* no seu novo disco *Unknown Territory*

Às vésperas de seu 21.º aniversário, o DJ Tim Simenon lançou um dos discos mais importantes de 88 e participou ativamente da criação da *DJ culture* inglesa. Com *Into The Dragon* e seus hits ("Beat Dis", "Don't Make Me Wait", "Say A Little Prayer"), o Bomb The Bass conquistou pistas de dança, rádios e paradas. O jovem DJ se viu rodeado de sucesso e ofertas de trabalho.

"Nada havia sido planejado, foi pura diversão", diz Tim hoje. Depois de "botar a casa em ordem" e decidir que criar música era mesmo sua paixão número um, tirou férias do BTB e aceitou algumas propostas de fora.

Primeiro foram os singles de Neneh Cherry, "Buffalo Stance" e "Manchild" — ambos sucessos. Em seguida, o álbum de Cat, ex-dançarina de Prince, que nunca foi lançado; um projeto dance com o ex-Ultravox John Foxx; remixes para o Depeche Mode, Tears For Fears, Seal ("Crazy"); e o começo de um envolvimento com o Tackhead.

Em 90, a reputação de Tim Simenon como produtor já estava estabelecida. Não ficou milionário, mas seu sucesso permite que ele faça trabalhos não por dinheiro, mas por gosto ou princípio. Recauchutou Depeche Mode — seus ídolos de infância — praticamente de graça, e remixou uma faixa dos Limbomaniacs porque outro ídolo seu, Bill Laswell, havia produzido o disco.

Quem gostou de *Into The Dragon* vai gostar ainda mais do novo *Unknown Territory*. Tim: "Acho que não vai vender tão bem. Não é tão comercial, tão acessível. Com este disco não segui tendência ou moda alguma, fiz exatamente o que queria. E trabalhei com gente que admiro desde a adolescência".

O elenco de *Unknown...* é de primeira. Para começar, há a presença inconfundível de Doug Wimbish e Keith LeBlanc, do Tackhead. "Esses caras vivem para a música! Foram os primeiros samplers humanos, quando ainda não existia essa tecnologia. Quando nos encontramos, foi um caso de respeito mútuo." Wimbish — que tocou baixo com o Living Colour, neste Hollywood Rock — também o apresentou a outro colaborador do disco, o rapper A La Mode.

Depois há Loretta Heywood, a bela voz de "Love So True" e "Win-

Tim e Lorella Heywood

Sony

ter In July" (esta, hit na Inglaterra); Tim está produzindo seu primeiro disco solo. Tem também velhos amigos, como o tecladista Guy Sigsworth, com quem Tim trabalhou no disco de Seal

"Quando fizemos *Into The Dragon*, o processo todo foi muito confuso; havia gente envolvida que eu conhecia desde criança e outros amigos. Desta vez a coisa foi mais séria.

Cada vez mais artistas estão escolhendo trabalhar dentro desse formato: um núcleo de "cabeças" e músicos que vêm e vão. Para Tim é a coisa mais natural do mundo: "Comecei como DJ, então nunca tive essa mentalidade de 'banda' ".

O estúdio novo construído há um ano, é sem dúvida o lugar predileto de Tim. Foi lá que, no meio de 90, ele começou a trabalhar no último disco. Da dance maníaca de "Switching Channels" (com samples de *Videodrome*) à suavidade melódica das duas baladas — "Love So True" e "Winter In July" — o disco é ainda mais rico que *Into The Dragon*. Não faltam guitarras, muita percussão e até flautas, cortesia de Ian Anderson, do... Jethro Tull!

"Pedimos permissão e ele foi legal. Já o Pink Floyd foi uma decepção. Sempre achei que eles fossem uma banda que tivesse interesse em inovar e experimentar! Tive que cortar um sample do Pink Floyd da faixa. Pessoalmente, quando me sampleiam, fico lisonjeado. No resto do disco, tive a grande sorte de poder usar músicos ao vivo, então acabei usando poucos samples."

O encontro de Tim com Wimbish e LeBlanc também deu origem a um grande projeto musical, o Night Of Interference: doze músicos no palco, mais toda a tecnologia, garantem uma das melhores noitadas da capital inglesa.

Além disso tudo, há planos para uma turnê do Bomb The Bass — "Ainda estamos pensando no assunto. Vai ser complicadíssimo. As pessoas vão querer que eu toque coisas velhas como 'Beat Dis'..."

E ele ainda consegue ouvir música o tempo todo. "Acho que a coisa toda da house e dos raves não evoluiu muito. Gosto da atitude — aquela coisa de fazer tudo em casa — mas a dance em geral virou McDonald's *fast food*."

Mas nem tudo. Para a lista de melhores discos de 91, sua primeira escolha é o hip hop anti-sexista, anti-racista e anticarnívoro do Consolidated. "*Friendly Fascism* é o disco do ano! Eles são incríveis, não têm medo de dizer o que pensam. E musicalmente combinaram os estilos muito bem. Também gostei do novo do Public Enemy e do Massive Attack. Mas na verdade, tenho ouvido só coisas mais velhas, especialmente Funkadelic."

O telefone toca. É a sua próxima obrigação do dia... mais uma hora longe do estúdio. "Todo dia quando acordo, a primeira coisa que quero fazer é entrar no estúdio e gravar algumas músicas. Pode crer que 99% dos músicos que conheço não estão nessa posição. Tive muita sorte." Sorte? Não, está mais para talento mesmo.

ANAMARIA G. DE LEMOS

ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

Quem senão **LOU REED** para transformar um cortejo fúnebre em rock'n'roll? É o que ocorre em **Magic And Loss,** onde a morte é o tema obssessivo de ótimas canções e pelo menos uma obra-prima da estatura das *sad songs* de *Berlin* (73): "Harry's Circumcision". *C.P.*

Saiu o esperado disco de estréia do **MOLEQUE DE RUA.** A produção de Charles Gavin decepciona um pouco ao não enfatizar os timbres dos instrumentos percussivos construídos pelo próprio grupo. Mas a graça e o charme suburbano do malaca brasileiro ninguém tasca. *A.A.*

O vocalista e o baixista do Suicidal Tendencies, Mike Muir e Robert Trujillo, se reuniram ao batera do Jane's Addiction e a vários guitarristas em um projeto matador. É o **INFECTIOUS GROOVES,** uma arrasadora conexão de funk e noise. **The Plague That Makes Your Booty Mooves...** é o nome do petardo. *R.M.*

CLASH ON BROADWAY é uma caixa de três CDs com os caras que foram os maiores durante pelo menos três anos. Tem também faixas ao vivo e restolhos de estúdio — o que no caso do Clash significa pérolas inéditas. *A.F.*

Rui Mendes/Azul

Red Hot Chili Peppers? Eles adoram, mas juram não copiar. No máximo, têm influências em comum: Hendrix, punk e, é claro, o funk dos anos 70, principalmente Funkadelic/Parliament. O nome Yo-Ho-Delic, aliás, foi tirado de um glossário organizado pelo *funkmaster* George Clinton, e significa branco que gosta de balanço.

O mais competente e irreverente representante nacional do funk'o'metal está na estrada desde fins do ano retrasado, com Marinho (baixo), Dennis (bateria) e Kuaker (guitarra).

A utilização de metais nos arranjos foi definida com a entrada de M.A. III, o Patossauros.

Esse é uma figura à parte. Ex-músico erudito, ele só levou o rock a sério — paradoxo dos paradoxos — depois que ouviu os Peppers. Hoje se encarrega dos vocais, saxofone e até flauta transversal — detalhe que as más-línguas aproveitam para defini-los como uma espécie de Red Hot Jethro Tull...

Alguém deve tê-los notado em breves aparições no *Programa Legal*, aquele com a Regina Casé e o Luís Fernando Guimarães, sobre as tribos do metal. De resto, andam vagando por aí, pelas casas noturnas paulistanas, e divulgando seu som em uma demo-tape bastante bem produzida.

Se ninguém bobear, 1992 promete.

LEANDRO FORTIÑO

METAL

HARD THRASH

Podem se preparar pra uma nova praga. O sortudo grupo sueco Great King Rat abriu para o Extreme e caiu nas graças de Jon Bon Jovi e Jimmy Page. As gravadoras estão disputando a tapa o passe dos caras. Socorro! • Poison Idea vai bater recorde de aparições nesta coluna. Desta vez o assunto é que eles lançaram mais discos. Apenas dois meses depois de desovar três simultâneos, lançaram *Dutch Courage*, porradaria HC detonada ao vivo, com direito a cover de "Kick Out The Jam", do MC5. E agora, logo em seguida, é a vez do álbum *Blank, Blackout, Vacant...* De quebra, o vocalista Jerry A foi parar no hospital, com a tíbia esmigalhada em uma daquelas suas aterrissagens de joelhos nos shows • Bill Rieflin (Ministry), Chris Conelly (Revolting Cocks) e Martin Atkins (Killing Joke) armaram um grupo doidão de zoeira industrial chamado Pigface. Doidão porque não tem formação constante — até mesmo os fundadores podem não estar mais na banda amanhã (Rieflin, inclusive, já não está). E ainda por cima dizem que qualquer maluco pode participar da alucinação. Que tal pegar um avião para os Estados Unidos e integrar o Pigface por uns dias você mesmo? • Essa é boa. Surgiu lá na Califórnia o primeiro popstar mendigo. De verdade. Trata-se de Stanley, cantor do LSD. Sujo, desgrenhado e fedorento como convém • Abram o olho para o Stevie Salas colorcode. É funk metal de primeira no álbum *Stuff*. *EVIL OTTO*

A QUALIDADE
DO SOM DIGITAL TEM
UMA GRANDE ALIADA
FITAS CROMO SONY.

SonyTape

biquini cavadão

Para muita gente eles já eram carta fora do baralho. O terceiro álbum, *Zé*, lançado em 89, passou em brancas nuvens. E, pelo andar da carruagem, o último disco, *Desciviliza*ção, seguiria para o mesmo beco sem saída.

Até que a faixa "Zé Ninguém" estourou nas rádios: começou a tocar em agosto e acabou se tornando um hit no caído verão de 92. Nada mais apropriado.

Numa levada dançante, o tom de desabafo da letra caiu como uma luva na "conjuntura nacional". Os 140 milhões de *zés ninguéns*, segundo as estimativas do último censo, podem se enxergar nela: "Cada dia eu levo um tiro/ Que sai pela culatra/ Eu não sou ministro/ Eu não sou magnata/ Eu sou do povo, eu sou um zé ninguém/ Aqui embaixo as leis são diferentes"...

Parece até demagogia, panfleto rasteiro, mas a verdade é que o pessoal do Biquini pouco difere do cidadão comum. Longe do estereótipo roqueiro, eles têm mesmo é cara de bancários, físicos, professores.

Coisa de que o grupo tem consciência, segundo o vocalista Bruno Gouveia: "Quando fizemos o disco *Zé* quisemos mostrar quem nós somos. Pagamos as contas, temos problemas com as namoradas. "Zé Ninguém é essa idéia elevada à potência máxima."

Eles sempre vagaram à margem do *mainstream* do rock brasileiro, e provavelmente é por isso que não se assustam com o clima de fim de festa que ronda o setor. "As bandas que estão num patamar médio, como nós, recebem um malho geral. A mídia não dá força, oportunidade", diz Bruno. "Mesmo com 'Zé Ninguém' tocando superbem, nosso disco não tem espaço: temos que matar um leão por dia para que a vendagem chegue a números razoáveis."

Batalhando duro no circuito do interior dos estados do Rio e Minas, principalmente, o Biquini vai segurando a onda, recolhendo os frutos de um repertório consolidado. A platéia se levanta com hits como "No Mundo Da Lua", "Timidez", "Ida E Volta", "1/4", "Benvindo Ao Mundo Adulto", "Teoria" e "Meu Reino" — uma linhagem iniciada com "Tédio", de 84.

Foi quando Beni, ex-baterista do Kid Abelha e até hoje empresário do Biquini, os convenceu a gravar. O guitarrista Carlos Coelho ainda não fazia parte da banda, e Herbert Vianna tocou guitarra, além de batizar o grupo.

Quatro discos e um punhado de hits depois, eles se consagram com a cara da crise

De tostão em tostão, com LPs lançados a cada dois anos — *Cidades Em Torrentes* é de 85, *A Era Da Incerteza* de 87 e *Zé* de 89 —, acumularam um pé-de-meia até que bem razoável para um zé aqui da terrinha. *A.C.M.*

acorda Zé

Ricardo Malta

MISTURA E MANDA

A miscelânea pop-bossa-dance-samba-funk do BC não nasceu premeditada. É fruto da formação da banda, como dá para conferir.

Sheik, baixo: MPB, funk, dance, Clash, Police. "Quando comecei, conheci o pessoal dos Paralamas e do Kid Abelha, que me influenciaram muito. Hoje o *pop brasileiro* perdeu a conotação pejorativa, já está mais perto do internacional. E o que a gente faz."

Bruno, voz: Queen, fase antiga, até *The Game*: tecnopop. "Hoje ouço de tudo, de Ella Fitzgerald até o XTC."

Coelho, violão e guitarra: rock dos anos 60 e 70. "Foi o auge do rock, mesmo que de 80 para cá também dê para curtir alguma coisa. Nada supera Beatles e Led Zeppelin."

Álvaro "Birita", bateria: samba. "Eu odiava rock. Com o grupo fui expandindo, passei a gostar de Depeche Mode, Gil, Caetano. Antigamente eu não admitia, era só samba de raiz mesmo, sabia de todos os enredos do Carnaval."

Miguel, teclados: música clássica. "Depois o Bruno começou a me mostrar coisas do tecnopop inglês. Hoje estou numa fase MPB, bossa nova."

43° graus à sombra

É sábado à noite! Você acaba de ganhar uma grana de uma tia que não via há três anos, seu pai lhe emprestou a caranga e aquela morenaça do quinto andar finalmente topou o chopinho com fritas. Que chopinho, que fritas. É hora de detonar Falcon Man, The King Of Sex! O funk embaça os vidros do carro enquanto as letras manhosas se misturam à conversa (?). Não dá outra. Falcon Man ataca novamente. Mais uma vez a sabedoria de rua carioca se traveste de música em *The King of Sex*, disco de estréia do homem-falcão. Seu lema: "É chato ser gostoso".

KOWALSKI

Jack Tristano/Azul

PULSO

REGGAE
WORLD BEAT

A palavra de hoje é diversificação: hoje, os novos *riddims* alucinantes saem do Belize — um pequeno país caribenho ao sul do Yucatan. O *riddim* é punta rock, e a conexão é Los Angeles. A língua de Belize é inglês, e os 180 000 habitantes são, na maioria, descendentes de ingleses que vazaram da Jamaica no século 17 e de escravos africanos. O punta rock, segundo a revista norte-americana *The Beat*, começou com a percussão dos *Garifuna*, a minoria descendente de escravos e índios Carib e Arawak — aqueles que foram dizimados na Jamaica pelos espanhóis. Não é rock, mas tem toques definitivamente caribenhos de calypso e soca e sons definitivamente afro com percussão, pratos e casco de tartaruga. É hiperdançante. O LP *Watu* (Caye Records) de Andy Palacio é o punta mais atual, com mais de 6 mil cópias vendidas no Belize e em Los Angeles. Gravado em LA — uma cidade que tem uns 20 artistas e bandas de Belize —, o som é elétrico, tropical e, hm, punta! • *Massive Vol. 4* (ffrr) é um disco duplo com uns dos melhores momentos de lovers rock e dancehall dos anos 90/91. Exemplos: a jamaicana Karen Smith arrasa na versão de "Paradise" — música da Sade. Krystal e Deborahe Glasgow fazem dupla com Shabba Ranks, respectivamente, nas faixas "Twice My Age" e "Mr. Lover Man". Diversifique. Hoje, é politicamente correto ter discos de reggae na sua coleção. Axé.

JOÃO MONTANHA

TUDO SOBRE O OSCAR 92

OS LANÇAMENTOS DO MÊS:
BUGSY com Warren Beatty.
JFK de Oliver Stone.

A melhor maneira de acompanhar a noite do Oscar é com a revista SET na mão. Ela traz tudo sobre os filmes indicados, os favoritos, os astros, os diretores mais cotados e toda a festa da mais importante premiação do cinema. Você não vai perder nenhum lance!
Assista ao Oscar na revista SET. Com ela, você sai sempre ganhando.

SET. A SUA REVISTA DE CINEMA E VÍDEO.

- Trabalhamos com os catálogos anteriores
- Preços válidos até a próxima edição da revista

NEW ROCK

REF.284 REF.285 REF.286 REF.287 REF.288 REF.289 REF.279 REF.290

REF.291 REF.292 REF.293 REF.296

REF.294 REF.301 REF.302 REF.297

REF.295 REF.300 REF.303 REF.298

REF.299 REF.244

Lançamento

REF.304

REF.249 REF.275 REF.269 REF.242 REF.240 REF.251 REF.215

REF.193 REF.267 REF.258

REF.032 REF.283 REF.282 REF.270

PREÇOS

Manga Curta (MC) Cr$ 18.000,00
Manga Longa (ML) Cr$ 22.000,00
Blusão Moletom (MT) Cr$ 30.000,00
Calça Moletom (CL) Cr$ 25.000,00
Bermuda Moletom (BM) Cr$ 18.000,00
Boné (BO) Cr$ 9.000,00
Manga Curta Simples (MS) Cr$ 12.000,00

- Preços especiais para revendedores

Fone (011) 280-2952

As Bermudas (BM), as Calças (CL) e os Bonés (BO), estão disponíveis na cor preta e nas seguintes referências:

BM_1 - CL_1 - BO_1: Metallica
BM_2 - CL_2 - BO_2: Guns N'Roses
BM_3 - CL_3 - BO_3: Faith No More
BM_4 - CL_4 - BO_4: Iron Maiden
BM_5 - CL_5 - BO_5: Caveiras
BM_6 - CL_6 - BO_6: Skid Row
BM_7 - CL_7 - BO_7: Sepultura
BM_8 - CL_8 - BO_8: Suicidal Tendencies
BM_9 - CL_9 - BO_9: Red Hot Chili Peppers

ATENÇÃO!
COMO COMPRAR:

- Envie o cupom ao lado corretamente preenchido para NEW ROCK: R. Capote Valente, 242 CEP 05409 - São Paulo - SP.
- "DESPESAS DO SEDEX": Devem vir acompanhadas de seu pedido em forma de cheque nominal à NEW ROCK. Os preços médios do Sedex são de Cr$ 6 000,00 (Região Sudeste) e de Cr$ 10 000,00 (Demais Regiões)". Se as despesas forem maiores que os valores acima, a diferença será acrescentada ao valor total a pagar no correio, ou debatida se as despesas forem menores.
- O correio mandará um "Aviso de Chegada" entre 8 a 15 dias, após o envio de sua carta
- Você tem até 7 dias para retirar a encomenda, após receber esse aviso

"SÓ ATENDEREMOS SEU PEDIDO SE AS DESPESAS DO SEDEX FOREM ANTECIPADAMENTE PAGAS"

MOD.	REF.	COR	TAM.	MOD.	REF.	COR	TAM.

TOTAL DA COMPRA CR$ _____

NOME: _____

END. _____

_____ N: _____

CIDADE _____

CEP. _____ EST. _____

FONE: _____ RG _____

NIRVANA

BARULHO PARTE 2

A grande revelação do rock vira uma máquina de dinheiro fazendo punk como antigamente

o doce cheiro do sucesso

barulho

parte 2

Trinta e um de outubro, dia de Halloween. Tinha Morrissey em Palo Alto. Tinha Stray Cats com Dread Zeppelin em Nova York. O Smashing Pumpkins tocava em Chicago. Mas o show mais importante, o mais comentado, era o de Seattle. Nirvana e Mudhoney, as duas maiores bandas da cidade, tocando juntas no grande Paramount.

Cinco mil ingressos começaram a ser vendidos às dez da manhã. Às três da tarde já tinham esgotado. Não era para menos: o Nirvana fazia o primeiro show em casa depois do estouro de *Nevermind*, seu segundo álbum. De uma hora pra outra, tinha virado uma superbanda.

Tudo aconteceu rápido demais.

No meio de agosto, quando pedi a entrevista, a divulgadora do selo Geffen se apressou em me tranqüilizar: "Não precisa marcar a entrevista agora. Depois do show a gente pega o Chris e sai para tomar umas cervejas". O Chris em questão era o Novoselic, baixista do Nirvana. Naqueles dias, tudo era fácil. A banda tinha uma pequena fama local (sustentada pelo excelente LP de estréia, *Bleach*, de 89) e mais nada. Era só questão de marcar a hora e o local da entrevista. Os caras estavam livres e disponíveis. Nem esquentei mais com o Nirvana.

Cheguei nos Estados Unidos no dia 24 de setembro, dia de lançamento de *Nevermind*. O LP começou a vender que nem água. A cada dia que passava, o Nirvana ficava 35 mil discos mais famoso. Um mês depois, dia do show de Seattle, eles tinham se tornado popstars, prestes a tirar Michael Jackson do topo da parada da *Billboard*.

A vida é dura... minha entrevista, antes exclusiva, teria que ser disputada a tapa com pelo menos outros vinte repórteres.

E o que era para ser um show tranqüilo acabou se tornando o maior acontecimento do ano em Seattle. Cinco mil pessoas dentro, outras tantas do lado de fora. A banda estava filmando o show, para fazer seu primeiro *homevideo*. Histeria coletiva.

Quando as câmeras que filmavam o show apontavam para as primeiras filas da platéia, os jovens espremidos gritavam o equivalente em inglês a "Seattle bota para foder" e outras coisas do gênero. Era uma festa local, para reverenciar três caras que lavaram a alma da cidade.

No espaço reservado aos fotógrafos, um curralzinho que separava o palco de uma horda de fãs, a coisa ficava preta. O show estava atrasado, o tempo, quente. Fãs jogavam tudo no palco: tênis, camisetas e buttons. Os seguranças solícitos davam água para os espremidos contra a grade de proteção.

De repente, uma portinha no chão se abre e, no meio dos fotógrafos, sai um cara loiro, de suéter. Era Kurt Cobain, assustado com a lotação do teatro. Poucos fãs o reconheceram. Coisa de quem atingiu um sucesso instantâneo, de quem ainda é menos conhecido do que a música. Coisa de quem ainda não foi mastigado pela mídia.

Com quase uma hora de atraso, o Mudhoney entra no palco. Seus shows são o que há de mais divertido. Parecem ensaios, não shows. A banda toca uma música, pára, decide qual a próxima música e detona. Nada armado, nenhum resquício de showbiz. São quatro caras, se divertindo tanto quanto os cinco mil à sua frente.

O repertório vem basicamente do último LP, *Every Good Boy Deserves Fudge*. "Who You Drivin' Now?" e "Let It Slide" são cantadas em coro. Parece que a banda está tocando numa garagem, tamanha descontração. O público mergulha das costas dos amigos, é uma festa com música ao vivo. A banda de Mark Arm foi um couvert perfeito para o Nirvana.

Discos como *Nevermind* só surgem de tempos em tempos. É perfeito e acessível. É pesado sem tender para radicalismos barulhentos, é melódico sem soar comercial, tem letras boas que não caem no "cabecismo" ou nos clichês "politicamente corretos" e tem riffs que colam instantaneamente na memória. *Nevermind* é o primeiro clássico dos anos 90.

O Nirvana entra no palco. Kurt diz: "Essa é uma música de uma banda que a gente ama". Começa "Molly's Lips", dos escoceses Vaselines. Seriam as únicas palavras que ele dirigiria para o público durante todo show.

A banda emenda "Negative Creep", hit do *Bleach*. O público urra. O barulho que três caras conseguem fazer em cima de um palco é impressionante. Chris Noveselic está do lado direito, tocando baixo como se estivesse numa corrida de obstáculos, pulando por todos os lados do

CHRIS NOVOSELIC, 25, é baixista. Faz dupla com Kurt nas detonações, no palco e na vida real. Segundo Bruce Pavitt, da SubPop, "Chris fala para cacete, bebe mais ainda e conhece rock como poucos". Admira bandas punk americanas como Dead Kennedys e Millions Of Dead Cops; mas cresceu ouvindo Poco, Toto "e mais um monte de bobagens".

KURT COBAIN, 24, é guitarrista, vocalista e letrista. Antes do Nirvana, trabalhou como vigia em consultórios médicos. É tido como um cara instável, que pode parecer amigável num momento e no segundo seguinte arrumar uma briga. Tem problemas com as cordas vocais. No início deste ano, circularam rumores de que ele estaria enfrentando problemas com consumo de drogas, mas nada foi confirmado. Detalhe: ele varia sua assinatura entre Kurt, Curt e Kurdt.

DAVID GROHL, 26, é o quinto baterista que o Nirvana já teve, mas o primeiro que faz *backing vocals*. Entrou quando Danny Peters preferiu ir para o Mudhoney. Segundo Kurt, "dissemos que se ele não entrasse, ia morrer". Segundo Bruce Pavitt, "David é o mais normal deles". Bom, até a família Manson tinha um "mais normal deles". Momento mais feliz de sua existência: tocar "I Wanna Be Your Dog", com Iggy Pop.

NÃO CHEIRA NEM FEDE

O desodorante feminino que inspirou o maior hit do Nirvana

Teen Spirit — "espírito adolescente" — é o nome de uma marca americana de desodorantes, direcionada a garotas. "Smells Like Teen Spirit" ("Cheira A Teen Spirit") é o superhit do Nirvana. O que veio antes, o ovo ou a galinha?

O ovo, quer dizer, o desodorante. O letrista Kurt Cobain diz que um amigo grafitou na parede de sua casa a frase "Kurt smells like teen spirit". Kurt se inspirou na frase para escrever uma letra metendo o pau na apatia da moçada de sua geração.

E a fábrica do Teen Spirit, o que diz? Nada: não informa se as vendas cresceram ou diminuíram. O problema é que o estilo do Nirvana — pesado, descabelado, suarento — não combina nada com o modelito patricinha das consumidoras de Teen Spirit, um desodorante tão careta que vem nas fragrâncias Rosa Romântica, Frescor Caribenho e Onda Oceânica.

barulho

parte 2

palco. No centro, David Grohl, espancando seu kit. Na direita, o canhoto Kurt Cobain, olhar de psicopata, balançando a cabeça.

O show do Nirvana é uma experiência impressionante. Tudo em silêncio... Kurt balbucia "one, two, three, four", e a máquina de esporro começa a funcionar. São três minutos ininterruptos de pancadaria. "Breed", uma das melhores do grupo, vem como fósforo em gasolina e incendeia o lugar. O público, espremido, tenta subir no palco, os seguranças agem. O esporte do dia é o *stagedive* das costas dos amigos. Valia a pena estar sóbrio só para ver o espetáculo. Na guitarra de Kurt, um adesivo diz: "Vandalismo — tão bonito quanto uma pedra na cara de um guarda". Ele age como um delinqüente. Parece um daqueles moleques que passou toda a infância apanhando dos fodões da turma e que agora resolveu descontar no mundo.

O show continua. São 70 minutos, divididos em 17 espasmos de barulhos. Mesmo baladas como "Polly" soam — só para usar uma expressão batida — "viscerais".

Aí começam os acordes de "Smells Like Teen Spirit". Sempre ouvi amigos mais velhos falando da emoção que foi ouvir os Sex Pistols tocando "Bodies" em 77 ou o Black Sabbath matando com "Paranoid" em 73. Nunca tinha visto uma banda no auge, tocando um pretendente a clássico. Agora já tinha visto.

O show vai chegando ao fim, num crescendo de barulho e suor. Chris quase tropeça num tênis de cano alto, arremessado por um doente mental. Em "Territorial Pissings", começa o ritual: Kurt pega a sua Fender e enfia num ventilador na beira do palco. A microfonia é insuportável. Ele enfia o braço da guitarra nas hélices do ventilador, apóia a guitarra no chão e se equilibra com a barriga na ponta, como se estivesse no meio de um salto com vara.

Do outro lado do palco, Chris e David continuam o massacre. O ventilador é pouco para Kurt. Um amplificador Marshall na beira do palco vira saco de pancada. A Fender leva a pior. Um roadie entrega outra guitarra novinha para ele. Não demorou nem dois minutos e a pobrezinha já engrossou a lista de bebês mortos no parto. Sem tocar um acorde, Kurt martela a infeliz no chão. Ainda agonizante, ela é recolhida por Chris. O meliante a joga para o alto. Uns cinco metros. Quando ela cai, Chris emenda um bate-pronto, usando seu baixo como taco de beisebol. Show-demência. Chris jogando beisebol com uma Fender, David chutando todo o seu kit, Kurt agradecendo timidamente. Não teve bis. O equipamento estava todo destruído.

A banda sai do palco. Quem chegasse ao Paramount naquela hora poderia pensar que havia acontecido algum acidente de carro: de um lado, tudo destruído; do outro, cinco mil pessoas embasbacadas, olhando. Nenhum grito de "fucking great", nada. Transe total. O público ainda não havia digerido a porrada. O show do Nirvana é agradável como um motim em prisão, tem sempre algum perigo escondido, esperando por você. Caos juvenil, anarquia destruidora, estupro sonoro.

No camarim, uma zona. Kurt, Chris e David estão lá, cercados por dezenas. É a equipe de filmagem comemorando uma noite bem-sucedida. Chego perto de Chris... "Oi, sou do Brasil, marquei uma entrevista com a Jenny... Ela te avisou, né?" "Entrevista? Brasil? Não me lembro." Àquela altura, ele não se lembraria nem da data do próprio aniversário. "O que você achou do show?" "Fucking great!" Parecia que eu estava conversando com algum adversário do Mike Tyson, depois da luta. Chris era um caso perdido.

Kurt nem adiantava tentar. Sentado num canto, cercado por uma multidão, falando alto e completamente torto. Nocaute técnico.

Talvez David conseguisse falar alguma coisa... "Vocês esperavam que *Nevermind* fizesse tanto sucesso?" "Não, ninguém esperava." Foi a frase mais articulada que ouvi em toda a noite. Comecei a ficar desesperado: a banda ia folgar no dia seguinte, uma sexta, e no sábado iam para a Europa, numa excursão. Minha entrevista tinha dançado.

De qualquer maneira, ia ser uma tarefa ingrata entrevistar a banda, sóbrios ou não. O legal do Nirvana é que eles ainda não têm uma história. Ela está sendo contada agora. Daqui há uns dez ou vinte anos, a gente vai poder falar daquela "loucura do final de 91". Alguém já disse: "Se você fala sobre os 70, é porque não esteve lá". Para 91 idem. Melhor aproveitar enquanto é tempo. *ANDRÉ BARCINSKI*

NEVERMIND FAIXA POR FAIXA, SEGUNDO KURT COBAIN

"Smells Like Teen Spirit"
É sobre a apatia da minha geração. Me enoja. Me enoja minha apatia também.

"In Bloom"
Reprodução.

"Lithium"
Pessoas que se alienam, enlouquecem e como último recurso usam religião para sobreviver. No música, o cara perdeu a garota e os amigos e está deprimido. Decide encontrar Deus antes de se matar. É difícil para mim entender a necessidade de um vício como esse — mas é assim mesmo. As pessoas precisam de vícios.

"Come As You Are"
Uma canção de amor tradicional.

"Something In the Way"
Amor, puro e simples.

"Drain You"
Pensando bem todas as canções desse disco são sobre amor ou confusão, que geralmente é o resultado do amor.

"Stay Away"
É sobre reclamar e resmungar.

"Breed"
A América tradicionalista. Casar aos dezoito anos, ficar grávido, aturar um bebê — e odiar tudo isso.

"Lounge Act"
Problemas amorosos.

"Territorial Pissings"
No Reino Animal, o macho muitas vezes mija em certas areas para determinar seu território. Às vezes, vejo uns machões reagindo dessa mesma maneira em relação o sexo e poder.

"Polly" Estupro.

Andra Barcinski Azul

"Vandalismo: tão bonito quanto uma pedra na cara de um guarda"

A HISTÓRIA ATÉ AGORA

O Nirvana foi formado em 87 por Kurt Cobain, um garoto que passou toda sua infância morando num parque de trailers em Aberdeen, Washington, o popular fim-do-mundo.

Ele encontrou o baixista Chris Novoselic na escola em Seattle (o Grays Harbor Institute Of Northwestern Crafts). Pouco depois de montar o grupo arrumaram um contrato com a heróica gravadora SubPop.

O primeiro registro em vinil foi o single "Love Buzz", em 89. Em seguida veio *Bleach*, o primeiro álbum. Nessa época, a banda era completada pelo baterista Chad Channing e por mais um guitarrista, Jason Everman. *Bleach* é uma pedrada, misturando riffs de Black Sabbath e Metallica, muita microfonia e sensibilidade pop — e foi gravado em seis dias, por seiscentos dólares.

O disco foi bem recebido pela crítica e passou a tocar muito nas rádios universitárias americanas. O single "Silver", lançado logo após *Bleach*, tornou-se um hit nestas *college radios*. Ainda em 89 saiu o EP *Blew*.

A fama local valeu um convite da poderosa Geffen, gravadora de Guns N'Roses e Sonic Youth e célebre por investir em novos talentos com fama de radicais. Foi um dos melhores contratos já oferecidos para uma banda independente: segundo a revista *Spin*, o Nirvana embolsou 750 mil dólares na mudança de gravadoras.

Agora já com o baterista David Grohl (vindo do Scream, uma banda de hardcore de Washington D.C.; entrou em maio de 90) e sem um segundo guitarrista, o Nirvana estava pronto para o sucesso. O próprio Bruce Pavitt, um dos donos da SubPop, sempre achou que era a banda com mais potencial comercial do selo. Todo mundo apostava no estouro.

Menos a Geffen. Quando *Nevermind* foi lançado, a gravadora fez uma previsão "otimista" de vendas: fez uma prensagem inicial de cinqüenta mil cópias. Menos de 48 horas depois, essa tiragem estava esgotada.

O baixista Chris Novoselic disse: "Imagine o Bay City Rollers sendo molestado pelo Black Flag e pelo Black Sabbath. Somos nós". Acertou na mosca. O Nirvana tem um lado meio idiota e juvenil, como o Bay City Rollers (mal comparando, o equivalente glitter dos New Kids On The Block em 73). Tem um lado totalmente Sabbath, com aqueles riffs longos, e não abre mão do hardcore do Black Flag.

Kurt prefere citar os Melvins, banda de seu antigo chapa de Aberdeen, Buzz. O baterista dos Melvins, Dale Clover, tocou como convidado em três faixas de *Bleach*. Foram os Melvins que apresentaram David Grohl a Kurt e Chris.

A.B.

barulho

parte 2

SOUNDGARDEN — O novo Black Sabbath.

SKIN YARD — Banda formada por Jack Encino, o produtor responsável pela criação do *Seattle Sound*.

TAD — E não T.A.D. Tad é um cara, um gordo imenso que canta e faz letras na banda que leva o seu nome. Costuma fazer *stagedive* em cima dos pobres fãs. Puro hardcore.

PEARL JAM — Outra banda formada das ruínas do Mother Love Bone. Só o cantor/letrista Eddie Vetter é da Califórnia. Provável próxima banda de Seattle a estourar.

ALICE IN CHAINS — Hard rock mais para o tradicional, com visual skatista e um ou outro funk metal. Já abriu para Billy Idol.

MELVINS — Banda caipirona de Aberdeen, mesma cidade de Kurt Cobain do Nirvana. Inspirou e é idolatrada por todas as outras bandas da SubPop.

O MAPA DA MINA

Como é Seattle, a cidade que está renovando o rock americano — e quem é quem na cena local

Em Seattle chove. O tempo todo. É uma das cidades com maior índice pluviométrico dos Estados Unidos.

Esse fato — ligado ao isolamento dos grandes centros urbanos americanos e à presença de três universidades e quatro faculdades na cidade — explica em grande parte o aparecimento de todas essas bandas da SubPop. Não há nada para um jovem fazer na sonolenta Seattle, a não ser tocar numa banda de rock'n'roll.

Mas se o terreno já era fértil, o evento catalisador, que botou fogo na imaginação dessa juventude entediada, só foi acontecer em 87.

Foi a última turnê do Black Flag, quando o venerado remanescente do punk californiano decidiu tocar lento e pesado — só para sacanear a tendência da época, que mandava as bandas hardcore tocarem o mais rápido possível. Ver uma lenda hardcore tocando devagar criou uma ponte entre o melhor do punk 80 e o melhor do heavy 70.

Entre esses polos, está a geração que tomou Seattle — antes só conhecida como terra natal de Jimi Hendrix e Heart e sede da Boeing — a nova meca do rock americano. Conheça os principais representantes da cena:

MUDHONEY — A banda que pôs Seattle no mapa. Visual caretão e um som muito próximo do Nirvana — rock simples e barulhento, mais para punk que para heavy. O cantor Mark Arm foi do Green River e do Mother Love Bone — ambas bandas fundamentais na evolução do "Som de Seattle". "Touch Me, I'm Sick" já é um clássico.

PAREM AS MÁQUINAS

Notícias que chegaram quando esta revista já estava indo para a gráfica:

— Segundo o *New York Times*, o álbum *Nevermind* vendeu até a primeira semana de fevereiro três milhões e meio de cópias mundialmente. Os empresários do grupo prevêem vendas totais de sete milhões. Se isso se confirmar a Geffen — que investiu meio milhão para promover o disco — terá um faturamento de cinquenta milhões de dólares com *Nevermind*.

— Para comemorar o n.º 1 na *Billboard*, o Nirvana tocou no programa humorístico americano *Saturday Night Live*. Como sempre, eles destruíram o palco e todos os instrumentos. No final, quando todo o elenco do programa se abraça e se despede do público, Novoselic e Grohl se beijaram na boca e Kurt Cobain caiu no chão.

— A SubPop relançou o primeiro disco do grupo, *Bleach*, em vinil colorido. E promete um álbum só com restos de estúdio da banda ainda para este primeiro semestre.

Envie cupom ou/ seros para HIPGNOSY T-SHIRTS
Caixa Postal 20.025 - CEP:02597 - S.Paulo/SP
Ou faça seu pedido pelo telefone

Junto ao seu pedido, deve ser enviado um cheque nominal ou vale postal no valor de Cr$ 3.000,00 para HIPGNOSY T-SHIRTS (preço médio das despesas do Sedex). Esse valor varia de acordo com o peso, localidade e valor da compra. A encomenda só é paga ao ser retirada no Correio.

PRECOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

☆ FONE: (011) 222-4552 ☆

SOLICITE CATALOGO COMPLETO

● Camisetas modelo frente/costa

Temos camisetas: Manga Curta/Longa
Malha Simples (MS) e Malha Especial (ME)

Manga Curta (MS)
Branca- ..... CR$ 12.000,00
Preta- ..... cr$ 13.500,00
Manga Curta (ME)
Branca- ..... CR$ 15.000,00
Preta- ..... CR$ 15.000,00
Manga Longa (ME)
Branca- ..... CR$ 18.000,00
Preta- ..... CR$ 18.000,00

VALOR DA COMPRA ..... + despesas do Sedex

REF.	COR.	MOD.	REF.	COR.	MOD.	REF.	COR.	MOD.

BIZZ-80

Nome: .....

End.: ..... Cidade .....

Est. ..... CEP ..... fone .....

A ZONA DEVE CONTINUAR

Porque *Screamadelica*, do Primal Scream, foi um dos discos mais comentados de 91?

Porque sua mistura dance — rock não é igual as outras? E por que eles tomam tantas drogas?

Ficar cara a cara com o Primal Scream não é tarrefa fácil — especialmente se você é um *brazilian journalist*.

Primeiro, é preciso passar pelo crivo do empresário. "O que a gente quer é ir para o Brasil e cheirar muita coca", anuncia Simon Stevens pelo telefone.

Em seguida, vem o interrogatório. "O que você sabe sobre a banda? Qual o nome do primeiro disco? Qual a última banda que você entrevistou?" Um jornalista britânico jamais seria submetido a isso. Quando reclamo, a resposta é descaradamente imodesta. "Mas esta é *a* banda".

A banda é o Primal Scream: idolatrados pela imprensa, odiados pela garotada *indie*, amados por quem dança. A banda para quem nenhuma festa é perda de tempo, nenhuma droga é forte demais. *A* banda do momento... bem, pelo menos na Inglaterra.

Screamadelica, seu último LP, foi considerado pela crítica britânica um dos melhores do ano passado (primeiro lugar na *Melody Maker*, terceiro na *New Musical Express*). Seus shows foram eleitos os mais quentes da temporada: ao vivo, Bobby Gillespie (vocais), Andrew Inness e Robert "Throbert" Young (guitarras), Martin Duffy (teclados) e Toby Tomanov (bateria) subvertem o conceito "concerto de rock", promovendo eventos dançantes que se estendem pela madrugada — com o auxílio dos DJs/produtores Alex "The Orb" Patterson e Andy Weatherall (da equipe Boys Own).

Foi Andy o grande responsável pela virada histórica na trajetória do Primal Scream. Fã antigo da banda, decidiu em 89 remixar uma faixa do segundo LP, *Sonic Flower Groove*. "I'm Losing More Than I'Ve Ever Had" sofreu uma intervenção radical: Andy tirou a voz, sampleou Peter Fonda em *Easy Rider* e colocou *aquela* batida.

"I wanna stay high to the day I die" ("Quero ficar chapado até o dia em que eu morrer"), dizia a nova letra da canção. Ela foi rebatizada de "Loaded", literalmente "carregado"; na gíria "entupido de bebida e/ou drogas". O compacto chegou ao Top 20, estourou nas pistas e foi adotado como hino pelos *clubbers* da ilha. Começava a discussão: seria mais um caso de oportunismo barato?

A resposta está em Brighton, a cidade de praia a uma hora de Londres, onde Bobby vive a três anos. Na sala de seu apartamento, o resto da banda e vários amigos esvaziam algumas garrafas de Jack Daniels e conversam sobre o que parecem ser as duas obsessões da banda: drogas e celebridades. A grande questão do dia é: "A Kylie Minogue estava no show da semana passada em Londres?"

As paredes estão cobertas de fotos: Elvis, Brian Jones, Marc Bolan, Hendrix. A coleção de discos no chão está arrumada cuidadosamente: não para o ouvinte, mas para a visita que saiba apreciar a beleza de se possuir os discos certos. Neste caso, Mott The Hoople, Faces e Stones.

"Ainda somos uma banda de rock", é a primeira coisa que ele diz. "Fui ver os Guns N'Roses em Wembley... e juro que somos mais pesados do que eles. Se houve alguma mudança, foi uma evolução natural."

No início, eles eram apenas a banda-do-baterista-do-Jesus-And-Mary-Chain. Dividindo-se entre os dois grupos (só deixaria os irmãos Reid em 86), Bobby mergulhava fundo no *indie guitar rock*. "Eu não sabia tocar bateria, ninguém tocava nada", diz ele. Também não sabia cantar: com o Primal, limitava-se a rolar no chão emitindo grunhidos ininteligíveis.

Primal Scream, o álbum de estréia, passou despercebido. O segundo teve mais sorte: a imprensa badalou, John Peel tocou... Mas, como *indie rock*, eles ainda eram uma banda de importância duvidosa. "Tudo mudou quando começamos a trabalhar com produtores de verdade, como Andy e The Orb. Somos bons pra escrever músicas, mas esses caras é que têm o talento para mixá-las, torná-las mais belas."

O resultado dessa união foi *Scremadelica*: um LP recheado de dance, drogas, reggae, rock e muito, muito mais. "Higher Than The Sun" ("Mais Alto Do Que O Sol") é tudo aquilo que o título promete. Já "I'm Coming Down" é um mar de tranqüilidade no meio da *rave*. Com participações de Jah Wobble e da vocalista Denise Johnson (que cantou com o Electronic), o LP já foi chamado de "um dos mais importantes da década". "Não me interessa o que a imprensa diz", enfatiza Bobby. "O importante para mim é que o disco signifique algo para alguém por aí."

Uma coisa é certa: o vocalista acredita no poder da música. "Espero que ela afete as pessoas emocionalmente. O que cristalizou minha rebeldia foi ouvir bandas como os Pistols e o Clash. Espero que possamos fazer o mesmo."

De repente, ele fica sério, como que prestes a fazer uma grande revelação. "Somos uma banda extraordinária. Há muitos músicos por aí que eu admiro, mas nós somos *únicos*. Numa época em que todo mundo parece ter sido anestesiado pelo tédio da televisão, *nós* somos a banda que entende o poder da música, sua santidade."

ANAMARIA G. DE LEMOS

Continental

Apertem os cintos e pr

Volta ao Mundo da M

Vocês vão ver, e ouvir, o INXS em Wembley, o Pink Floyd em Pompéia, o Elton John na Austrália, Sting na Holanda, o Faith No More na Brixton Academy, o jamaicano Bob Marley, o irlandês U2, e muito, muito mais.

É a PolyGram Vídeo que está invadindo o mercado com o que há de melhor na música pop mundial. São os dez vídeos mais esperados da história, com muitos shows, depoimentos, clips, entrevistas e muita, mas muita música mesmo.

Para fazer esta viagem toda com eles sem precisar sair de casa, basta responder corretamente às cinco perguntas abaixo e enviar para a PolyGram do Brasil. Os cinco primeiros acertadores vão levar esta overdose de som e imagem para casa, com mais de 20 horas de viagem garantidas.

1) O INXS é uma das mais famosas bandas de rock do mundo. Qual é o seu país de origem?
2) A vinda do Faith No More ao Brasil mandou ao estrelato o seu vocalista. Qual o seu nome?
3) O Extreme, apesar de ser uma banda de hard rock, estourou no mundo inteiro com uma balada. Qual é o nome da música?
4) O disco e o vídeo Two Rooms comemoram os 25 anos de parceria de Elton John com quem?
5) Sting, agora em carreira solo, começou como baixista do Police. Quem eram seus parceiros?

Agora é só criar um texto sobre o tema desta promoção, "Viagem ao Mundo da Música em Dez Vídeos", de no máximo 20 linhas.

...parem-se para dar uma

...úsica em Dez Vídeos.

REGULAMENTO:

1) O critério de avaliação levará em conta a correção das perguntas e as cinco melhores redações.

2) O primeiro colocado com as respostas corretas receberá os 10 vídeos da coleção, o segundo, seis vídeos à escolha, o terceiro, quatro vídeos à escolha, o quarto, dois vídeos à escolha e o quinto, um vídeo à escolha. Sempre levando em conta os dez vídeos aqui estampados.

3) Os prêmios ficarão disponíveis por 60 dias contados a partir da data de apuração.

4) Os premiados receberão comunicado por telegrama do local e prazo para retirada do prêmio.

5) É vedada a participação de funcionários e/ou parentes de qualquer pessoa que trabalhe na PolyGram ou Editora Azul.

6) As cartas devem ser enviadas à PolyGram do Brasil Ltda., Depto. Internacional, "Volta ao Mundo da Música em Dez Vídeos", Caixa Postal 37133, Rio de Janeiro, até 31/03/92.

PolyGram Video

Red Hot Chili Peppers

SACANAS e SELVAGENS

Matt Anker Rocha

A bordo de seu melhor disco, os reis do funk-metal se afirmam como superbanda sem deixar de lado a esculhambação

"É como fazer amor com uma mulher", diz Anthony Kiedis, o vocalista da banda punk/funk californiana prototípica, o Red Hot Chili Peppers. Anthony pode estar sem camisa. O pôr-do-sol caindo por detrás da janela da casa de três andares onde ele mora pode estar emprestando um tom sensual de rosa ao placar na montanha que soletra em branco H-O-L-L-Y-W-O-O-D, poucos passos adiante. Mas o paralelo sexual que ele começa a traçar (sem trocadilhos, pô!) não implica uma dissertação explícita. Na verdade, Kiedis está falando de discos.

"Com o primeiro foi como se você estivesse beijando a mulher, acariciando o cabelo dela", Anthony começa, referindo-se ao início da discografia da banda. "No segundo álbum talvez você já esteja passando as mãos nos peitos dela. No terceiro pode estar acariciando os órgãos genitais dela. No quarto disco elà já está com o maior tesão e finalmente você dá a ela o leite, o *Mother's Milk*". Ou seja,no ano passado o mundo estava pronto para ser devidamente carcado pelos Peppers.

O que não aconteceu. *Mother's Milk* foi o best-seller da carreira da banda — seiscentas mil cópias vendidas —, a MTV deu treia e exposição para o clip de "Higher Ground", os Peppers mudaram de clubinhos apertados para teatros com cinco, seis mil lugares. Mas não havia motivação. A banda estava broxa. O broto proverbial, depois de tantos prolegômenos, tantas carícias e promessas úmidas ao pé do ouvido, teve que voltar para casa sem ter chegado aos finalmentes.

Anthony atribui o *coitus interruptus* à antiga gravadora da banda, a EMI. "Nunca nos demos bem lá", Kiedis explica. "Com a exceção de algumas poucas pessoas do departamento de divulgação de rádio, não havia o mínimo de entendimento entre nós e a companhia. Eles ouviam nossa música e faziam uma cara confusa, estonteada, e diziam 'desculpe, mas não sabemos o que vamos fazer com esse disco'. E nós: 'mas essa é a coisa mais preciosa do mundo para nós, estamos desbravando novos caminhos, estamos fazendo música que precisa ser ouvida e que o mundo quer, porque o mundo precisa de uma alternativa à mediocridade do *mainstream*'... mas a EMI é a mediocridade do *mainstream*."

Anthony está apenas aquecendo as turbinas. "Não nos agradavam os métodos deles. Às vezes eram bisbilhoteiros demais, a ponto de querer se meter na composição das músicas, o que é repugnante! Uma gravadora querendo ensinar ao artista como deve editar uma canção!"

A banda não pensou duas vezes quando chegou a hora de renovar o contrato com a EMI: mudou de gravadora. Após reuniões com representantes da Virgin (Janet Jackson, Paula Abdul, Keith Richards), da Sony (Michael Jackson, Rolling Stones) e da Geffen (Guns N'Roses), os Peppers defectaram para a Warner Brothers, lar da banda alternativa mais popular do mundo, o R.E.M.

"Nós queríamos uma potência apoiando nossa retaguarda", diz Anthony, "uma companhia forte, com distribuição mundial, que nos desse confiança.No fundo, sabíamos que o disco (que iríamos fazer na nova gravadora) seria tão forte, lindo, colorido e potente que não podíamos correr o risco de alguém deixar cair a bola."

Blood Sugar Sex Magik, o primeiro álbum dos Peppers na Warner, reflete um sentimento de lua-de-mel entre banda e gravadora. Com a provável exceção do genial *Freaky Styley* — o segundo álbum da banda, uma colaboração faiscante entre os Peppers e o *funkmeister* George Clinton lançada em 1985 —, esta é a primeira vez que os pimentas ardem para valer em disco, se esparramando por generosas dezessete faixas urdidas com funk virulento ("The Power Of Equality", "Suck My Kiss" e a canção-título), filosofia ("Give It Away", "The Righteous And The Wicked"), muita sacanagem ("Funky Monks"), mellotron ("Sir Psycho Sexy") e — cu-ru-zes! — *ha*-morr ("Breaking The Girl", levada no violão, e "I Could Have Lied"). O mais variado de todos os álbuns da banda, *Blood Sugar Sex Magik* também consegue soar mais cru e selvagem do que toda a discografia anterior dos Peppers.

"Uma das vantagens de trabalhar com a Warner depois de todos esses anos na EMI é que agora tivemos todo o tempo do mundo para compor e um orçamento muito maior." Produzido por Rick Rubin — o dono da gravadora Def American, que antes deu ao mundo os Beastie Boys e o Run-DMC —, o novo álbum foi gravado numa mansão incrustada nas colinas de Hollywood, para onde os Pepper mudaram-se enquanto trabalhavam.

"Rick queria nos contratar para a Def American, mas, embora não estivéssemos interessados em assinar com a companhia dele, queríamos trabalhar com ele. Rick nos pareceu uma escolha natural: ele é daqui, de Hollywood, tem uma formação supervariada, com experiências em diversos formatos (de música), sente-se à vontade com punk rock, rap, rock e funk, e tem uma cabeça aberta. Pareceu um cara sábio: tantos outros, antes dele, chegaram com o maior ego e tentaram mudar o som da banda; ele não. Nos deixou na nossa, bem relaxados."

A casa onde o disco foi gravado é classificada por Kiedis como "uma das mordomias de Warner, um dos luxos. Esse som, com essa coloração, não foi feito para ser tocado no ambiente estéril de um estúdio. Num estúdio esse som se acanharia: você entra (no estúdio) e se depara com secretárias, funcionários andando para lá e para cá... então achamos essa casa, construída em 1918 — o que é tempo à beça para Hollywood —, e construímos um estúdio dentro dela. Chamamos uns técnicos canadenses especializados em instalar estúdios em lugares obscuros. A biblioteca da casa virou a sala dos controles, com o console de gravação e mixagem. Montamos a bateria, as guitarras e o baixo num enorme salão de baile e, do lado, erguemos um compartimento de vidro, de onde eu fazia as vozes-guia. Mais tarde gravamos os vocais para valer comigo deitado em meu quarto de dormir".

Quarto de dormir? "Nos mudamos para a casa durante as gravações", prossegue Anthony. "A casa é enorme! Tínhamos cozinheiro até, porque não queríamos sair dali e ser perturbados com trânsito, poluição, gente demais na rua. E não havia a pressão de ter que começar a gravar a tal hora porque o 'taxímetro' do estúdio ia começar a rodar. E era acolhedor, com tapetes antigos enormes, centenas de velas. Foi muito low-tech, muito low-tech."

O ambiente de campo de férias rendeu dividendos: em sete semanas de "acampamento" os Peppers gravaram 25 canções. "Todo o tempo que passamos juntos criou entre nós uma forte telepatia. Não precisávamos mais falar para saber o que o outro estava pensando em tocar."

Das novas canções, algumas surpreenderão os já convertidos ao estilo energético dos Peppers. Embora desde *Uplift Mofo Party* a banda já flertasse com elementos musicais mais "dóceis" e, de certa forma, pescados nos anos 60 ou em tradições diferentes do som urbano de L.A. — cítaras, mellotrons —, é em *Blood Sugar Sex Magic* que essas investigações alcançam sua total fruição — o riff de baixo de "Come Together", dos Beatles, usado em "Give It Away", metais de Nova Orleans em "Apache Rose Peacock" — Kiedis não acha que os fãs se assustarão com a nova cara dos Peppers.

ANTHONY KIEDIS, 28
Vocal e letras
Co-fundador do grupo, amigo de infância de Flea. "Éramos os únicos caras no colegial que não tinham cabelo comprido nem gostavam de Led Zeppelin." Consumidor insaciável de drogas de todos os tipos, largou tudo depois que o guitarrista original da banda morreu. Trabalhou como ator em *Caçadores de Emoção* (Point Break 91) e *My Own Private Idaho* (91).

CHAD SMITH, 31
Bateria
Sem nunca ter tocado em uma banda conhecida, este veterano de Michigan entrou para os Peppers após um único teste. Substitui Jack Irons, de *Uplift* (que substituiu Cliff Martinez, baterista dos dois primeiros discos).

FLEA, 28
Baixo
Ex-baixista de uma dos mais importantes bandas do punk americano, o Fear. Considerado um dos mais influentes baixistas de sua geração, combina à perfeição o baixo funk com o peso do rock. Também toca trompete. Também trabalhou em *My Own Private Idaho*. Ídolo máximo: Jimi Hendrix.

JOHN FRUSCIANTE, 21
Guitarra
Um menino-prodígio, estreou nos Peppers aos 19 anos, após uma passagem pelo Thelonious Monster. Substituiu Hillel Slovak, que foi substituído no primeiro LP por Jack Sherman.

"Tanta gente tem sua própria expectativa de como a banda deve ou não soar", diz Anthony, "gente que nos acha os heróis punk do funk-rock da década, ou coisa assim. Mas nenhum de nós na banda tem uma noção pré-concebida de como os Peppers devem ou não soar. O que nos interessa é a honestidade de tocar algo que nos pareça enxuto e funky. E se der vontade de compor um negócio completamente lento e sentimental, bastante vulnerável e revelador, com violão, tudo bem. Porque a filosofia dos Red Hot Chili Peppers é não ter medo de não se conformar aos pré-conceitos dos outros."

Toca o telefone e Anthony atende, se desculpando por ter que dar atenção à chamada. Todos os dias, religiosamente, os Peppers ensaiam num estúdio do Vale de San Fernando, no outro lado da montanha que abraça os fundos da casa de Anthony. Falar ao telefone no cair da tarde é a única chance que o vocalista tem de se comunicar com o resto do mundo.

"We rocked", diz Kiedis ao telefone, enquanto seu visitante investiga os detalhes das três enormes pinturas em volta da mesa de bilhar que enfeita a sala principal da casa, todas mostrando mulheres nuas. Kiedis está visivelmente excitado com a proximidade de uma excursão. Com seus ensaios diários os Peppers estão se preparando para uma turnê que culminará com os dois maiores shows que a banda já realizou: um, no Sports Arena, o ginásio de Los Angeles onde toca o primeiro escalão do pop, de Bruce Springsteen a Madonna. Outro, como atração principal do show de réveilon no Cow Palace de San Francisco, onde cabem dezessete mil pessoas.

Só não pergunte a Anthony sobre as meias. "Acho que os fãs de verdade não se deixam distrair por detalhes menores", sentencia Kiedis, com toda a seriedade do mundo. Ele se refere a artigos em revista e reportagens em jornais que dão destaque, única e exclusivamente, ao costume dos Peppers terminarem os shows nus em pêlo, apenas com meias enormes adornando a genitália.

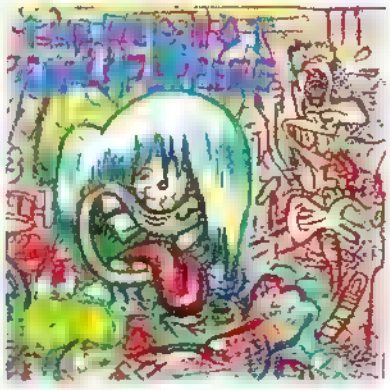
"Quem se preocupa, ou se distrai com isso, é a mídia, porque (os jornalistas) estão sempre procurando um gancho. Tudo bem, nós ficamos nus e nos divertimos, é *cool*. Mas se você acha que isso é tudo o que fazemos, não está entendendo nada. E quanta gente não entende: nas entrevistas, ninguém nunca quer falar da profundidade das letras de nossas músicas, da *soulfulness* dos instrumentistas, do amor e da amizade entre os integrantes da banda, da qualidade pioneira de um som que nunca se ouviu antes. Só querem escrever sobre 'esses caras ridículos que botam meias sobre os perus'. Dá vontade de gritar: 'Alô! Alô! Estamos fazendo música aqui, e vocês só se preocupam com as meias?' " *J.E.R.*

A HISTÓRIA, DISCO POR DISCO

O fã brasileiro dos Peppers — existem muitos — infelizmente não tem muito material disponível. *Freaky Styley, The Uplift Mofo Party Plan* e *Mother's Milk* foram lançados aqui, mas estão fora de catálogo. E os dois home videos, a coletânea de clips *Positive Mental Octopus* e o ao vivo *Psychedelic Sex* ainda não saíram por aqui.

THE UPLIFT MOFO PARTY PLAN (EMI) 1987
É o disco em que o grupo deu uma virada para o metal: mais guitarras, batidas simples e pesadas. Só o baixo de Flea é que continua com um pé no jazz-funk. A influência do hiphop se aprofunda, inclusive nos vocais — que agora incluem muito mais raps — e na postura de palco. Hit: "Fight Like A Brave".

THE RED HOT CHILI PEPPERS (Enigma-EMI) 1984
Apresentando a fórmula peppers: funk rock ótimo para festas, sexy, avacalhado, inocentemente politizado. Problema: a produção de Andy Gill, ex-Gang Of Four, impõe uma sonoridade pós-punk que não combina com a banda. Outro problema: Hillel Slovak, guitarrista fundador da banda, nao toca neste disco. Voltará para o próximo. Hit: "True Men Don't Kill Coyotes".



FREAKY STYLEY (EMI) 1985
Produzido pelo legendário George Clinton — líder do Parliament/Funkadelic, criador do funk psicodélico e doido de pedra —, *Freaky...* é praticamente um disco de *dance music*. Ao estilo dos peppers, claro: cheio de ataque e sacanagem. Hit: "Catholic School Girls Rule".

THE ABBEY ROAD EP (EMI) 1988
Picadinho de várias velharias: "True Men Don't Kill Coyotes" (do disco de estréia), "Catholic School Girls Rule", "Hollywood" e "Backwoods". e o lado B do single "Fight Like a Brave", "Fire".

MOTHER'S MILK (EMI) 1989
Novamente produzida por Michael Beinhorn, o mesmo de *Uplift...*, a banda encontra seu estilo definitivo em faixas como "Knock Me Down", "Highway To Venus" e na cover de "Fire", de Hendrix. Mas como álbum é irregular, graças à entrada de dois novos integrantes: o baterista Chad Smith e o jovem guitarrista John Frusciante, que substitui Hillel Slovak, morto por overdose em junho de 88. Hit: a cover de Stevie Wonder, "Higher Ground", que se torna single mais vendido.

10 FATOS SOBRE *BLOODSUGARSEXMAGIK*

- *É o primeiro disco pela Warner. Eles escolheram a gravadora por que:*
  a) ela não se meteu no processo criativo
  b) o chefão da Warner Mo Ostin foi quem descobriu e contratou Jimi Hendrix
  c) ela pagou mais, é claro.
- *A mansão angelena em que foi gravado o disco é onde os Beatles tomaram LSD pela primeira vez.*
- *A banda inteira ficou morando nessa casa durante as gravações, junto com seu produtor Rick Rubin.*
- *A casa é mal-assombrada. Pelo menos John Frusciante jura que viu o fantasma de uma mulher.*
- *O disco é dedicado a Mike Watt, guitarrista do FIREHOSE e ex-integrante dos Minutemen. Ele era amigão de Kiedis e Flea desde a adolescência.*
- *Pela primeira vez um produtor participa do processo de composiçao dos Chili Peppers.*
- *É a primeira vez, também, que os Peppers mantêm a mesma formaçao por dois discos seguidos.*
- *Este é o álbum dos RHCP que chegou mais alto na parada americana, o 14.º lugar.*
- *Na tour de lançamento do disco, os Red Hot Chili Peppers excursionaram pelos EUA com Nirvana e Smashing Pumpkins abrindo.*
- *A dobradinha deve se repetir na edição 92 do festival Lollapalloza, que acontece em julho nos EUA. Outros grupos que devem participar são Soundgarden e Cramps. A tour vai aquecer os Peppers para a gravação de um novo disco, que deve sair no final deste ano.*

SHOPPING

DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIO

LONDON CALLING

DISCOS E CD's

A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES

SEMANALMENTE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA E EUROPA

ROCK - DANCE MUSIC - NEW BEAT - POP - ETC...

ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO PAÍS

ATACADO E VAREJO SOLICITE CATALOGO

RARIDADES DE: U2 · RAMONES · DEPECHE MODE · SISTERS · DOORS · STOOGES · RED HOT · ETC...

FONE: (011) 223-5584

R. 24 DE MAIO Nº 116 — RUA ALTA — LOJA 15
CEP. 01041 — CENTRO — SP

BIZZ

PARA ANUNCIAR

LIGUE

(011)8147211

RAMAIS

221 a 228

HOP BOP

Discos, CD's
Camisetas
e Acessórios

Atendemos também pelo correio
(Reembolso Postal)

Peça catálogo grátis,
enviando 6 selos de
1 porte para remessa.

R. Bx. de Itapetininga, 255 loja 25
São Paulo - SP
CEP: 01042 fone: (011) 231-4960

Music Store

CDs EUROPEUS JAPONESES AMERICANOS

GANHE CATALOGO COMPLETO NA 1.ª COMPRA

• VIDEO LASER • FITAS VHS (oficiais)

• 12" REMIX (vinil)

R 24 DE MAIO 116 LOJA 29 - TERREO
CEP 01041 CENTRO. SP - F (011) 223-1174

Viaje no teclado com as Partituras Facilitadas

EASY PLAY

p/ iniciantes e iniciados

Procure nas livrarias ou peça pelo correio
anexando cheque nominal à
Easy Play Partituras Facilitadas,
Calçada dos Mirtilos, 27 - Alphaville CEP 06453 - SP

Escolha ♪ Iniciando ♪ Cinema 90 ♪ Marina ♪ Lulu Santos ♪ Clássicos
♪ Guilherme Arantes ♪ Cinema 91 ♪ Djavan ♪ Paralamas do Sucesso

HOLLYWOOD ROCK

"Pague um, leve dois." Foi preciso recorrer a essa estratégia, no Rio de Janeiro, para espantar o fantasma do fracasso que rondou a terceira edição do festival. Uma iniciativa simpática e inteligente, mas um tanto atrasada. Como fica o público de SP depois dessa? Sentindo-se sacaneado, claro...

ENQUANTO ISSO, NO SALÃO NOBRE DO HOTEL...

Entrevistas coletivas costumam ser eventos dos mais divertidos, um hilariante desfile de bobagens, preconceitos, exaltação e desinformação. Mas, desta vez, isso não aconteceu — na maior parte do tempo, os jornalistas simplesmente *não perguntavam nada*. No caso do Living Colour, a intérprete chegou a improvisar uma pergunta para diminuir o constrangimento. As melhores coletivas foram aquelas em que os entrevistados desistiram de levar a coisa a sério e partiram para a farra: EMF e, principalmente, Living Colour.

Fotos O Globo

PÉROLAS

Perguntas presentes em todas as coletivas
"Como vai ser o show?"
"Os shows no Rio e SP vão ser diferentes?"
"O que você acha dos grupos de Seattle?"
"Como você se sente tocando no Brasil?"
"De onde você tira idéias para as músicas?"
"Quais são suas influências?"

"Tem nego surdo nas gravadoras."
Frejat *explica a falta de renovação no rock pátrio e no elenco nacional do Hollywood Rock*

"Festival não é lugar para tocar músicas novas."
A lição de **Frejat** *que Lulu Santos e Titãs não ouviram*

"Crítica tem pau? Eu nunca vi!"
Marcelo Frommer (Titãs) *responde à pergunta: "Esse show conjunto dos Paralamas com os Titãs é uma resposta ao pau da crítica?"*

"Não é justo que as bandas que estão em cima sejam um símbolo de estagnação. Não temos que ser sepultados para que os novos apareçam."
Herbert Vianna *responde à mesma pergunta*

"Já nos anos 70 o Led Zeppelin parou de lançar compactos, protestou contra isso. Compacto é uma coisa que só interessa para a indústria. Voltar com ele no Brasil agora é um retrocesso artístico."
"Isso só está acontecendo por causa da crise. Compacto é ruim, a pessoa compra só uma música e não fica conhecendo o disco inteiro."
Herbert Viana *e* **Arnaldo Antunes**, *catedráticos em cultura pop, desmentem quatro décadas de História*

"Só lançamos um compacto no início de carreira porque as outras músicas eram uma merda. Na verdade, o primeiro disco inteiro é uma merda."
Herbert Vianna *está precisando de um palanque ou de espaço em cadeia nacional de TV*

"Se o público se parecer com você, vai ser muito divertido."
A repórter pergunta o que ele espera dos shows e **Sebastian Bach** *passa-lhe uma cantada*

"Quando eu tinha doze anos, vi pela TV o show do Queen no Rio e fiquei sonhando com o dia em que tocaria para um estádio lotado no Brasil. Nem consigo acreditar que esse dia chegou."
Sebasitan, *de novo*

"Na cama."
Sebastian *responde à pergunta: "Onde você pesquisa para fazer suas letras?"*

"A verdade é que essas marcas simplesmente apareceram uma noite. Talvez seja algo cósmico."
Seal *explica sua cútis acidentada*

"Obrigado por aturarem a outra banda. Agora vocês vão ter um show de verdade."
Sebastian Bach *entra no palco, em São Paulo, depois do Extreme*

"Não estou aqui para cantar musiquinhas de novela."
Lulu Santos, *no Pacaembu, antes de cantar "Tempos Modernos", que entrou na trilha de* Sol de Verão

"Eu hipervalorizei o festival. Brindei o público com um repertório novo, arrojado."
Lulu Santos

" 'More Than Words' é boa, poderia até ser uma música do Lulu Santos."
Lulu Santos

"Dez anos de rock brasileiro não serão destruídos por irresponsáveis com suas máquinas de escrever."
Herbert Vianna *no palco do Pacaembu. Se for o Forastieri, ele só escreve no computador...*

"Sebastian Bach é superbobo, se acha um Deus. Nao passa de uma criança mimada. As meninas inventam todas as maneiras de se encontrar com ele e gritam *'fuck me, fuck me'* o tempo todo. Mas o único do grupo que ficou com uma garotinha foi o Rob Affuso. De todas as bandas com quem já trabalhei aqui, a única que me deu trabalho com as mulheres foi o Marillion."
Bárbara Setti, guest relations *(espécie de cicerone oficial) do Hollywood Rock*

"Tocamos em qualquer *fucking* lugar, até no banheiro, levamos todo o equipamento para lá. O cheiro pode ser uma bosta, mas o som vai ser bom."
Sebastian Bach, *homem rústico e viril*

"Vamos descer ao palco em cápsulas, vestidos como alienígenas. Seremos acompanhados por 36 músicos, que tocarão atrás do palco: nós não tocamos, só dançamos. O repertório vai ter músicas dos nossos sete álbuns, menos 'Unbelivable'."
Derry Brownson (EMF) *responde à imaginativa pergunta: "Como vai ser o show?"*

"Expulsamos o Robert Smith da banda. Depois, fizemos um teste com Axl Rose, daquela banda... como é mesmo, Skid Row? Mas ele não passou."
Derry *responde a uma pergunta sobre a briga do grupo com Robert Smith (The Cure)*

"Nós encontramos com eles aí em cima e os afogamos na piscina do hotel. Então, não vai mais haver comparações."
Derry, *já um pouquinho cheio das comparações entre EMF e Jesus Jones*

"O pessoal do Living Colour deve ter mijado aqui, porque a mesa está toda molhada."
Derry, *de novo. Ele não é uma gracinha?*

NOTAS SOLTAS & PICADAS

Seguranças e bilheteiros aceitavam qualquer cinco mil cruzeiros para fazer vista grossa enquanto grupos de até cinco ou seis pessoas entravam. Com a Apoteose lotada, Luis Oscar Niemeyer respirou aliviado e já foi prometendo o próximo — para 93 ou 94.

Nos hotéis e aeroportos, a histeria adolescente deu o tom. Ninguém escapou. De **Nuno Bittencourt** (que teve várias mechas de cabelo arrancadas pelas fãs no aeroporto) a **Malu Mader** (que acompanhava o namorado, Toni Bellotto, dos Titãs, e acabou dando autógrafos no hotel), toda celebridade foi brindada com gritos.

subindo no palco da Apoteose e soprando bastante.

Não foi só no palco que Herbert Vianna manifestou sua irritação com a crítica. Ele chegou a ligar para o jornal *A Folha De S.Paulo* para dizer que não seria de "bom tom" mandar o jornalista Luis Antônio Giron (que fez uma crítica negativa ao último disco) à coletiva.

O Skid Row trouxe um presente especial para as fãs: calcinhas de renda preta com o nome da banda na frente e *Slave To The Grind* atrás, bordados em vermelho. Nada original no país do menestrel do motel, Wan-

Coragem é que não falta a Vernon Reid. O guitarrista armou-se de sua câmera fotográfica e visitou seis favelas em São Paulo e duas (Rocinha e Vidigal) no Rio. Depois, viajou para Salvador, onde ficou um semana. Lá, foi ao Pelourinho, viu o bloco Olodum (achou "interessante") e deu um canja (tocando percussão) em um show dos Paralamas na Concha Acústica do TCA.

Três garotas conquistaram o coração dos popstars. Daniela Di Benedetto, de quinze anos, foi pedir autógrafos ao EMF e acabou saindo com Zac Foley. Glória Maria, ex-namorada de Da Gama, do Cidade Negra, apareceu na noite acompanhada por Corey Glover, do Living Colour. E Cristina Midosi recebeu várias declarações de amor — e um convite para uma viagem a Londres — de Seal, a quem serviu de intérprete.

Léo Gandelman não precisou ficar na espera. Através do seu empresário nos EUA, entrou em contato antes do festival com Vernon Reid, se oferecendo para solar com seu saxofone em "Elvis Is Dead". Testado e aprovado pelo grupo na passagem de som, acabou do, que fez a mesma coisa há anos.

Os esportes radicais estiveram em alta. Os garotinhos do EMF andaram de skate na pista do Arpoador, enquanto Mike Edwards praticava *bodyboarding* na praia de Ipanema. Sebastian Bach abandonou a pose e pulou de asa-delta da Pedra Bonita, acompanhado por um instrutor. Dizem que ele gritava sem parar.

Os points preferidos pelos astros foram o Columbia (SP) e o Rio Reggae Club (RJ). O primeiro foi freqüentado por EMF e Living Colour (acompanhados por uma *stripper*). O EMF também esteve no Rio Reggae Club, acompanhado pelo Jesus Jones. Os dois grupos ficaram até o final e arriscaram alguns passos (depois, na coletiva carioca, Derry diria que tinha gostado muito da "lambada"). Iain Baker (Jesus) atacou de DJ no Resumo da Ópera (RJ), enquanto William Calhoun participou de uma *jam* no Gula Bar, também no Rio. A festa mais badalada foi a do Bootleg (RJ), que contou com Derry Brownson (EMF), Corey Glover e Vernon Reid (Living Colour), Al Jaworsky e Barry D. (Jesus Jones).

PRÊMIOS, TROFÉUS & DESONRAS AO MÉRITO

Clube do Bolinha para a Mills & Niemeyer. Nenhuma mulher subiu ao palco nesse festival.

Fino Trato Sebastian Bach, que arrotou nas entrevistas, cuspiu pizza nos estúdios da MTV, cuspiu no elevador do Maksoud Plaza e assoou o nariz no palco.

Jimmy Cliff para Seal, que passou quatro dias em Búzios (onde deu canja em dois bares) e já fala em comprar uma casa por lá para passar alguns meses ou, quem sabe, ficar definitivamente.

Competência Bárbara Brandão, a intérprete que salvou as coletivas dos desastres de outros anos.

Simpatia mais um para Seal, que ficou horas no lobby do hotel, dando autógrafos e conversando com as fãs, além de tratar todos os jornalistas com extrema paciência.

Mala Herbert Vianna, que maltratou os ouvidos do público com seus discursos contra o governo e a crítica musical.

Esporte Espetacular James Atkins (EMF), que acertou um chute de voleio em uma garrafa cheia de água arremessada contra ele em SP.

NÚMEROS

Público
Barão Vermelho, Extreme, Skid Row
SP (17/01): 30 mil RJ (26/01): 40 mil
Cidade Negra, Seal, Jesus Jones, Paralamas, Titãs
SP (18/01): 15 mil RJ (25/01): 40 mil
Lulu Santos, EMF, Living Colour
SP (19/01): 8 mil RJ (24/01): 30 mil

Cachês (em dólares, pelas duas apresentações)
Skid Row 100 mil
Living Colour 80 mil
EMF e Seal 50 mil
Extreme 40 mil
Jesus Jones 30 mil

Mais...
Músicas tocadas no show conjunto Titãs/Paralamas 44
Baleados Dois, no Rio, durante o show de Seal — a estudante Ângela Morais e o soldado do Exército Sidney Trindade. Os tiros, segundo os organizadores, foram provenientes de uma ruela próxima à Apoteose, onde há pontos de vendas de drogas e prostituição.
Custo do festival 5 milhões de dólares. Segundo o promotor Luís Oscar Niemeyer, ele se pagou.
Preço de um autógrafo de Seal, recolhido por funcionários do Aeroporto Internacional de Garulhos (SP) Cr$ 10 000,00

SKID ROW SEBASTIAN & SNAKE

Faz pouco mais de cinco horas que eles puseram os pés no Brasil. A chegada ao aeroporto foi, no mínimo, conturbada. Cerca de duzentas fãs obrigaram Sebastian a sair pelos fundos — depois de acenar para as fãs, gritar *"I love rock"* e colar seus lábios a uma porta de vidro, simulando um beijo. Foi o bastante para levar uma garota mais alucinada a arrancar seu sutiã e jogá-lo em direção ao ônibus — em cena mostrada para todo o Brasil, mais tarde, nos noticiários de TV.

A entrevista coletiva é previsível: perguntas sobre a concorrência com o Guns, os três anos de carreira ("não aprendemos nada, tomamos drogas demais"), música brasileira ("conhecemos o Sepultura, famos excursionar com eles, não sei o que aconteceu"), o célebre caso da camiseta ("não somos antigay, só não somos gays") e o Bon Jovi ("está tudo resolvido, só não somos mais amigos")

É a vez das exclusivas. "O que é ser bonito?", pergunta Cristina Franco, editora de moda da Globo. "Não sei, tenho que procurar no dicionário", responde o vocalista, para desespero da repórter. "Bonito cabelo", ele acrescenta, já com as mãos no dito cujo. Ela se afasta, com cara de "meu-Deus-o-que-eu-estou-fazendo-aqui?".

Pausa para uma sessão de fotos para a BIZZ, e Sebastian está na minha mesa, acompanhado por Snake. "Vocês estão no meio de uma turnê mundial, não é?" *"Yeah"*, responde o vocalista, mascando chiclete e arrotando mais uma vez. "E parte da fase norte-americana foi abrindo para o Guns..."

"Nos divertimos muito", acrescenta Bas — como o resto da banda —, "apesar daqueles probleminhas". Então, um auditório destruído em St. Louis, tumultos diversos e vários shows cancelados são "probleminhas"?

"Eu adoro esse elemento do rock'n'roll, o perigo. Deixa tudo mais divertido".

Não dá para resistir à pergunta: quem é mais encrenqueiro, Sebastian ou Axl?

"Axl, com certeza. Eu gosto do perigo também, mas... ele já foi para a cadeia uma vez esse ano. Entende o que eu digo? Mas eu o respeito muito. Pô, eu conheço o cara! Se uma peça do equipamento não está funcionando, ele não fica no palco. Dizem para ele: 'Deixa para lá, é só um detalhe'. E ele responde: *'Fuck that*, eu quero o melhor para a minha banda' "

Para os fãs, é como se eles fossem dois rivais. "Rival? Não, ele é um amigo. É legal para os fãs ficarem discutindo quem é o melhor, mas não é assim". Snake dá uma força: "Tenho total respeito pela banda. Pela integridade musical, pelo jeito como são como pessoas. Além do mais, as festas com eles são muito mais divertidas".

Cinco minutos de papo são suficientes para Sebastian tirar a máscara. Arrotos e palavrões são deixados de lado, e ele esquece até de mascar o chiclete. Falando tranqüilamente sobre si mesmo, aquele belo rapaz mais parece um cara simples, jovem e imaturo, para quem o sucesso é tao fascinante e inesperado quanto um brinquedo novo.

"Essa vida pode te deixar maluco. Para começar, você fica indulgente com você mesmo, porque é tão paparicado! Todo mundo faz tudo para você. Porque você é o *chefe*." A pior época foi logo depois da turnê de lançamento do primeiro LP. "Saímos de uma fase em que não tínhamos vendido nada para outra em que podíamos comprar o que quiséssemos", lembra Snake. "O período de reajuste foi estranho".

Voltar para casa depois de uma turnê parece ser o mais difícil. "Dessa vez, vai ser mais fácil, porque eu tenho para onde voltar", reflete o vocalista. Família? *"Yeah*, eu tenho um garotinho de quatro anos, chamado Paris. É provavelmente a única pessoa fora da banda que me ama apenas pelo que eu sou. Ele não sabe que eu vendo milhões de discos. Ele não sabe que eu estou agora no Brasil para tocar para milhares de pessoas. É ele que me mantém sao."

"Você só tem uma vida, fuck it!"

As ambições de Sebastian não são nada modestas. "Quero ficar nesse negócio por vinte anos, como o *fucking* Jagger. Então, você não pode sair por aí detonando todas, transando com todo mundo, embora a tentação seja muito forte. Nos últimos dias da turnê, quando você está esgotado, é inevitável. Mas você tem que tentar se concentrar no seu objetivo, que é cantar bem, e não ser o maior festeiro".

O Skid Row chegou ao primeiro lugar nos EUA logo depois que o sistema de apuração da parada da *Billboard* foi completamente modificado. "Mudou tudo", diz Snake, animadíssimo. "Agora é totalmente honesto. Não é mais baseado em quantos programadores de rádio foram pagos para tocar seu disco. É direto na loja!" É a vez de Bas cantar vantagem: "Morro de pena de algumas bandas que todo mundo achava que eram grandes, e agora sumiram das paradas (*risos*). Vendemos dois milhões de cópias sem nenhum hit single!"

Nem mesmo a "censura" atrapalhou. "Get The Fuck Out" teve que ser retirada de parte dos discos, para que *Slave To The Grind* não fosse banido, nas regiões mais conservadoras dos EUA. Os que ficaram com a faixa levaram uma etiqueta de "advertência". Na coletiva, eles falaram alguma coisa sobre viver nos anos 70... "As pessoas eram mais livres, não existiam regras tão restritas, todo mundo se divertia", explica o guitarrista. "Hoje você tem que se preocupar com o colesterol..."

Sebastian levanta a voz, como quem faz um sermão: "E você não pode pegar uma cor, se não vai ficar com câncer. Então, tem que ficar dentro de casa, e não pode beber cerveja, para não ficar gordo, e não pode comer hambúrgueres, se não você morre. Foda-se! Eu quero todo o sol, toda a cerveja e todos os hambúrgueres, quero fumar baseado, quero tudo! Você só tem uma vida, *fuck it*!"

MARISA ADÁN GIL

Fotos Ru Mendes/Azul

JESUS JONES
IAIN BAKER

Uma coisa que impressionou esses rapazes acostumados a competir por um lugar ao sol com mil outras bandas inglesas foi o assédio das brasileiras. O tecladista Iain Baker está esfregando os olhos até agora. "Nunca tivemos isso. Quer dizer, temos muitas fãs nos EUA e Inglaterra, mas o nível de histeria aqui é outra coisa. Estamos nas nuvens."

Mas nem tudo são rosas. Imagine o terror da coletiva, que aconteceu no dia anterior, logo que eles chegaram ao hotel. Claro que o assunto mais martelado foi a suposta rivalidade entre Jesus Jones e EMF. A questão é tão tediosa que as bandas não sabem o que responder: uma hora dizem que se amam, outra que se odeiam. Afinal, o que se passa entre JJ e EMF?

"Não é verdade que somos rivais. A imprensa precisa de histórias e quando não as tem, inventa. A resposta final à questão Jesus Jones versus EMF é 'SOMOS AMIGOS' ", diz, sem convencer muito, mas no tom certo para que não se insista mais na pergunta. "O EMF usou muitas idéias nossas, não roubou, foi influenciado. O que é ótimo, queremos influenciar."

A pretensão do Jesus Jones é meia dura de digerir. Eles se colocam como pioneiros, na vanguarda da trombada entre guitarras de rock e rap/dance. De chofre, dá

"O EMF usou muitas idéias nossas, não roubou, foi influenciado. O que é ótimo, queremos influenciar"

para pensar em cinco exemplos de união desses mundos. Donna Summer fase *Bad Girls*, New Order, Run DMC, Mother's Finest e Tackhead. Não dá para entender bem o que o JJ está trazendo de novo nesse setor.

"Trouxemos para o rock uma abordagem muito mais tecnológica. Do jeito como fazemos nunca foi feito...", proclama Baker em tom definitivo. E aqui não adianta entrar em detalhes do tipo "explique melhor", "qual é essa diferença?" porque Iain não dá muita bola e vai embora, viajando no plano de revolução estético-musical do JJ...

Mas algo a ser dito em favor do JJ é que eles continuarão confundindo roqueirões com suas manobras. Depois de uma apresentação de "banda", em que eles "tocavam seus próprios instrumentos", o próximo disco (programado para este ano) terá muito som de guitarra, sem que uma guitarra seja levada para dentro do estúdio. Ou quase.

"Será um álbum de dance muito pesado: barulhento, intenso, com pilhas e pilhas de guitarras. Mas todos os instrumentos serão passados pelo sampler, para podermos expandir suas possibilidades." *CAMILO ROCHA*

SEAL

"Quero criar raízes no Brasil"

Acomodado num canto do sofá, abraçado ao violão, ele é a imagem da tranqüilidade. "Tudo é uma questão de positividade", diz, enquanto dedilha o instrumento.

Não é à toa que Seal foi eleito por unanimidade a figura mais simpática deste Hollywood Rock. Sempre amável, seja com fãs ou jornalistas, responde a qualquer pergunta e ainda faz questão de ilustar suas respostas com música.

"Eu gosto de dançar... Acho que algumas músicas do Jimi Hendrix, por exemplo, são dance music. Coisas como 'Spanish Castle Magic'. Não tenho interesse em fazer música para as pistas. Há muitas pessoas por aí que se especializam nisso e fazem muito melhor do que eu."

Modéstia à parte, soa bastante estranho para alguém que fez sucesso com hits dançantes como "Killer" e "Crazy". "É normal que esperem de mim outro 'Crazy'. Mas eu vou fazer o que eu quiser. E, no momento, o que eu quero é algo mais *rocky*. O primeiro disco já tinha coisas roqueiras. 'Whirlpool', por exemplo..."

A lista de seus cinco álbuns favoritos situa melhor ainda a mente psicodélica do rapaz: Fishbone, *The Reality Of My Surroundings;* Stevie Wonder, *Innervisions;* Joni Mitchell, *Hejira;* Hendrix, *Axis: Bold As Love;* e Cocteau Twins, *Heaven Or Las Vegas.*

Outra surpresa: ele detesta videoclips. "Eles te impedem de viajar na música", diz. "Meu clip favorito no momento é o de 'Violet', meu novo single. Sabe por quê? Sou só eu, cantando. A canção pode significar qualquer coisa para quem estiver assistindo."

Seal está compondo. Sem parar. "Tenho milhões de músicas novas." Alguns dias depois dessa entrevista, ele confirmaria à imprensa seus planos: comprar uma casa em Búzios, onde teria a tranqüilidade necessária para suas composições. "Quero criar raízes no Brasil", diria ele, confirmando sua intenção de investigar a vida de seus avós brasileiros.

Há um período obscuro na vida do cantor, uns dois anos atrás, quando ele deixou Londres e ficou vagando pelo Oriente. "Foi uma fase difícil. Eu não tinha conseguido um contrato e resolvi sair por aí, viajando, tocando... Mas hoje sei que não era o momento. Primeiro, eu precisava entrar dentro de mim mesmo, perguntar o que realmente queria e por quê. Quando você faz isso, você consegue o que quer." *MARISA ADAN GIL*

LIVING COLOUR
VERNON REID
WILLIAM CALHOUN

Eles circularam bastante por São Paulo e Rio, procurando conhecer "lugares não comerciais", como definiu Will. Fotógrafo nas horas vagas, Vernon visitou algumas favelas e ainda esticou até Salvador. É sua primeira visita ao Brasil, mas eles conhecem razoavelmente a nossa música, principalmente o guitarrista: "Gosto de alguns artistas, como Djavan, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Nana Caymmi, Hermeto Pascoal. Estou procurando uma fita do grupo de Hermeto ao vivo, tem um material maravilhoso."

Desde sua estréia, com o álbum *Vivid*, que o grupo vem sendo vendido pela mídia como um grupo negro de hard rock. Calhoum e Reid odeiam o rótulo, como sintetiza o baterista: "Não chame o Living Colour de 'black rock'. Por que não chamar o Van Halen de 'white rock'? O rock and roll é uma arte de origem negra. Mesmo que as pessoas, a mídia, a MTV, as gravadoras ou as rádios não programem certos artistas, a música vai continuar acontecendo.

Esta espécie de apartheid cultural, que no final dos anos 60 parecia caminhar para o fim, detonado por artistas como Hendrix e Sly Stone, voltou a imperar na América dos anos 80. Para Vernon, este é um processo que começou na década de 70: "Mais do que a mídia, foram os negócios, o comércio, que passaram a etiquetar todos os estilos e dirigi-los para cada segmento. Um homem branco, de determinada idade, não escuta outra música que não aquela já estabelecida para sua faixa. Não se mistura, por exemplo, um Smokey Robinson porque daí o sujeito muda de estação." E eles fizeram umbom trabalho. Tão bom que já estão verificando que esta separação foi além da conta. Mas, ao mesmo tempo, bons discos ainda acontecem, independente das rádios. É o caso do Nirvana, que está indo muito bem e realmente aconteceu vindo das ruas".

Sobre a saída de Muzz Skillings, Reid e Calhoum falam de uma "separação amigável". O grupo evoluía para um lado e o baixista tinha outras idéias. "Para a sobrevivência coletiva era melhor fazer uma mudança, antes de enveredarmos por estas repugnantes e estúpidas cenas de separação, brigas...", explica Vernon. Agora, com Doug Wimbish, um excelente músico e produtor, os fãs do Living Colour não deverão sentir saudade de Skillings. Coisa que o novo disco poderá provar. As gravações do disco novo — que deve chegar às lojas no final do ano — começam agora em março.

ANTONIO CARLOS MIGUEL

"Não chame o Living Colour de 'black rock'. Por que não chamar o Van Halen de 'white rock'?"

Fotos Rui Mendes Azul

DOUG WIMBISH

O Brasil pôde conferir em primeira mão a estréia mundial do novo baixista do Living Colour. Só na volta aos EUA foi feito o anúncio oficial de sua entrada no grupo

O que passou despercebido pela grande (e pequena... e média...) imprensa foi o fortíssimo currículo pré-Living Colour de Doug Wimbish. Assim, foi solenemente ignorado um mestre de estúdio envolvido desde o gênese do rap e do hip hop até as últimas investidas mais interessantes na fronteira entre a dance music e o experimentalismo eletrônico.

Flashback: cerca de dez anos atrás, um estúdio em Nova York. "Eu estava produzindo algumas faixas do álbum solo de um amigo meu chamado Eddie Fletcher, que escreveu 'The Message' (*clássico do rap, gravado por Grandmaster Flash*) e entre os músicos estava Vernon Reid, que fez o solo de uma música. A partir daí, nos tornamos grandes amigos."

Antes de se transferir para Londres, em 1985, Doug trabalhou bastante em Nova York. Como músico de estúdio da Sugarhill Records, participou de alguns discos básicos para o surgimento do rap: "Não toquei em 'Rapper's Delight' (*o primeiro rap, de 79*), mas em tudo que foi gravado depois disso pela Sugarhill Gang. Também participei de todas as gravações de Grandmaster Flash, incluindo 'The Message'.

Doug explica que ele, Keith LeBlanc e Skip McDonald, a seção rítmica da Sugarhill, gravava com todos os grupos do selo, como as grandes gravadoras negras dos anos 60, onde um grupo de estúdio acompanhava todos os cantores contratados — os Funk Brothers na Motown, Booker T. & The MGs na Stax

A atuação deste trio de cobras foi bater nos melhores ouvidos londrinos e, durante uma edição do New Musical Seminar, em Nova York, foram procurados pelo produtor inglês Adrian Sherwood, dono do selo On-U Sound Records. "Sherwood nos convidou para Londres e aí começou a nascer o Tackhead, por volta de 1985."

Mesmo longe de qualquer padrão comercial, a música do Tackhead não passou despercebida e hoje é apontada como influência de muito grupos novos. O uso pioneiro de samples e a mistura de variados ingredientes, usando vozes em contraponto aos ritmos, polirritmia desenfreada e a fusão de bateria eletrônica com percussão, estavam entre as suas marcas.

No último álbum, contando até com Mick Jagger na harmônica, o Tackhead teria freado um pouco seu radicalismo. Parte da crítica chegou a compará-lo ao Living Colour. O melhor é que a entrada no Living Colour não vai podar os experimentos de Wimbish. Na Inglaterra, tem trabalhado principalmente como produtor e agora vai viver na ponte aérea Nova York—Londres. Recentemente tocou e produziu algumas faixas do último álbum do Bomb The Bass (*veja materia nesta edição*). Ao lado do pessoal da On-U Sound Records, de Adrian Sherwood, a produção também tem sido intensa: "Produzi alguma coisa do novo trabalho de Gary Clail, que rendeu muito bem no estudio, uma ótima atmosfera e que você pode ouvir. Fizemos uma compilação, *Pay It All Back*, um ótimo disco, com Gary Clail solo, African Headcharge, um monte de diferentes grupos. O selo reúne um grupo de pessoas que tocam do rock ao reggae ao rap, passando por hip hop, funk e poesia"

A.C.M.

EXTREME
GARY CHERONE

Em cima do palco, eles querem provar que sua munição não se limita a "More Than Words". A balada que funcionou como ponte para o sucesso fechou, ao mesmo tempo, as portas para as alas mais radicais do público de metal.

O vocalista Gary Cherone aproveita o tema para sua defesa: "Este é o lado ruim, pode levar muita gente a pensar que este é o único tipo de música que o Extreme faz. Mas não vamos nos deixar abater por isso. Talvez crucificassem hoje o Aerosmith, por ter feito 'Dream On', ou o Led Zeppelin por 'Stairway To Heaven'. Lembrei destes dois, pois são grupos de rock verdadeiros, que sempre fizeram baladas em meio ao repertório pesado. Tudo que fizemos foi compor uma simples canção, que as rádios passaram a tocar. Antes disso, havíamos oferecido cinco rocks, que foram ignorados por estas mesmas rádios"

Tudo começou a partir de uma paixao comum de quatro garotos de Boston pelo hard rock dos anos 70. Gary lembra que o Extreme foi seu primeiro grupo profissional. Antes, ele e o baterista Paul Geary passaram por diversas bandas amadoras, até encontrarem o açoreano Nuno Bettencourt. Ele cita Steven Tyler do Aerosmith e Roger Daltrey do Who como algumas de suas influências, ao lado de grupos como Kiss, Cheap Trick e Rolling Stones — "sempre fui um grande fã dos Stones". Mas se fosse para escolher apenas um nome o eleito seria Freddy Mercury: "Nunca achei que poderia cantar como ele, mas me influenciou a tentar tudo, a nunca ter medo de nada".

No show carioca, Cherone aproveitou para homenagear o ídolo, num cover da balada "Love Of My Life".

"Acho que Sebastian Bach é um dos melhores cantores da atualidade, muitas pessoas não dão valor a ele, não conseguem ver que ele é um grande cantor de rock and roll"

Mas apenas estas óbvias conexões roqueiras não explicam a sonoridade atual do Extreme, que tem atirado em diversos alvos, nem sempre com muita pontaria. O que Gary ouve atualmente pode servir também como indicador: "Acho que Sebastian Bach é um dos melhores cantores da atualidade, muitas pessoas não dão valor a ele, não conseguem ver que ele é um grande cantor de rock and roll. Eu também era fã do Living Colour, mas nunca imaginei que Corey Glover fosse tão bom até eu assisti-lo na noite passada. É a voz mais poderosa que já ouvi, não imaginava que fosse tão fabuloso. Sou um fã do Seal também, um bom cantor e compositor. E talvez isto possa ser uma surpresa, mas também adoro Harry Connick Jr.", um jazzista garotão que pensa que é Frank Sinatra.

"Estamos acabando de compor as canções e começando a ensaiar para o próximo disco. Entre SP e Rio, tocamos na Argentina. Agora tocamos em Porto Rico e depois vamos para a Flórida. Gravamos a partir de fevereiro. O material inclui hard, funk, heavy e vamos tentar algumas coisa novas. Ainda não decidimos o nome. Vocês terão que esperar até o meio do ano, ele será lançado em agosto."

A.C.M.

EMF
IAN DENCH

Dois anos e meio de carreira, um número 1 na *Billboard*, shows para milhares de pessoas no Brasil... O que acontece com a cabeça de cinco rapazes de vinte anos (em média)? "Não mudamos muito, continuamos apenas cinco amigos viajando por aí. Mudou porque ganhamos dinheiro pela primeira vez. E compramos casas, uma coisa que muita gente não pode fazer na Inglaterra. *Isso* é estranho", diz o guitarrista Ian Dench.

Drogas, bebidas, mulheres, quartos de hotel destruídos... a reputação dos rapazes na terra natal é bastante pesada. "Nao somos mais loucos do que qualquer pessoa na nossa idade. Tudo que já fizemos de mais grave foi privado e nem um pouco destrutivo." Mas vocês gostam de cultivar essa imagem... "Não! Nos não temos o menor controle!"

"É muito difícil, nove em cada dez vezes é a imprensa que exagera. Veja o Guns N'Roses..." Você acha que, com eles, acontece a mesma coisa? "Sem dúvida."

Ao vivo, o som dos rapazes está mais para o hardcore do que para a house — como o público de São Paulo viria a perceber dois dias depois. "Vamos gravar o próximo disco ao vivo no estúdio, todos tocando juntos, rock'n'roll..."

"Essa divisão entre rock e dance que as pessoas fazem é maluca. É como se, antes da dance music, ninguem dançasse. As pessoas dançavam Led Zeppelin."

"Sabemos que boa parte de nossas fãs são meninas que viram nossas fotos nas revistas ou que só curtem a última sensação do momento"

É um adeus aos samplers? "Não, nós adoramos samplers. Amamos a dance music e usamos um pouco da sua tecnologia. Mas o resultado é rock." Derry andou falando na revista *Face* que o grupo ia virar heavy metal... "Típico do Derry dizer isso... Não, *definitely*. Só vai soar mais pesado."

Não há prazo para o lançamento do sucessor de *Schubert Dip*. "Fizemos o primeiro em dois meses! Fomos tão mal interpretados. Dessa vez, vamos demorar mais, até conseguirmos o resultado que queremos. Vai ser um disco mais profundo, na linha de 'Lies' ou 'Long Summer Days'."

Outra coisa que preocupa Ian são as constantes matérias relacionando o grupo às drogas. Recentemente, o jornal sensacionalista britânico *Daily Star* publicou um longo artigo responsabilizando o EMF pelo problema das drogas na Inglaterra. "Quando me contaram, não quis acreditar. Como eles podem publicar uma coisa dessas?! Acho que as drogas podem ser uma coisa muito ruim. Você tem que tomar cuidado." O guitarrista abre um sorriso. "O mais engraçado é que eles citaram uma declaração do James. E ele nunca deu uma entrevista!"

MARISA ADAN GIL

CE CE PENISTON
DIVA N.º 857

Você com certeza já ouviu/dançou "Finally", a fulminante faixa garage de Ce Ce Peniston. Ce Ce, ex-modelo e ex-Miss Arizona, trocou o lugar na passarela por um na lista das divas dance. "Finally" estourou na Europa e nos EUA — onde chegou ao sexto lugar da parada pop.

Seu álbum *Finally*, apesar da produção de Steve 'Silk' Hurley e Dave Morales, decepciona. Mas o potencial desta voz limpa e cativante não será desperdiçado. Ce Ce garante que terá mais controle sobre seu trabalho daqui para frente, com direito a invadir outros territórios além da dance.

Enquanto esperamos mais coisas do nível de "Finally", dá para se deliciar com "I Like It", single da rapper Overweight Pooch (isto é, cachorro obeso) onde Ce Ce dá uma canja.

parada

EUA Billboard 18/1
"Hold On (Tighter To Love)" CLUBLAND *Great Jones*
"Just A Touch Of Love" C + C MUSIC FACTORY *Columbia*
"Mindflux" N-JOI *RCA*
"I'm Too Sexy" RIGHT SAID FRED *Charisma*
"Take Control Of The Party" BG THE PRINCE OF RAP *Epic*

INGLATERRA Music Week 4/1
"Everybody In The Place" PRODIGY *XL*
"Too Blind To See It" KYM SIMS *Atco*
"The Complete Dominator" HUMAN RESOURCE *R&S*
"Roobarb & Custard" SHAFT *Ffrredom*
"Running Out Of Time" DIGITAL ORGASM *DDG*

ENXURRADA

Os anos 70 estão acontecendo bem aqui diante de nossos olhos:
— O Chic volta com o disco *Chicism*. O single "Mystique" já saiu e inclui remix de Little Louie Vega.
— Evelyn King arrasou com "Shame" na época da *disco*. Ela faz um *comeback* agora com uma regravação da histórica faixa em colaboração com o duo tecno inglês Altern 8.
— Sharon Redd ("Beat Stree") faz o mesmo com sua música "Can You Handle It?". Quem refaz completamente a faixa é o DNA.
— Barry White e Isaac Hayes gravaram um dueto, que está no novo disco de Barry, *Put Me In Your Mix*.
— O'Jays, os reis do *Philadelphia sound*, lançaram *dois* álbuns em 91: *Emotionally Yours* e *Home for Christmas*. O primeiro já ultrapassou a marca das 500 mil cópias. Isso é só o começo...

NAS PISTAS

"Black Or White" (Remix) **MICHAEL JACKSON** (Epic)
Nada a ver com o que você já está por aqui de ouvir. Uma houseificação radical de Clivillés e Cole que do original só manteve a voz.

"Pride (In The Name Of Love)" **CLIVILLÉS E COLE** (Columbia)
Imperadores da dance music! Aqui você escolhe como quer ouvir uma música do U2 abalar uma pista: um tecno quase-KLF ou uma sublime faixa garage.

"Say It" **ABC** (MCA)
"Black Box Remix". Não podia dar em coisa ruim. Um baixo impensável, uma guitarra fantástica e todos os ingredientes para uma *disco* requintada.

"It Should've Been Me" **ADEVA** ◁ (Cooltempo)
É garage convencional. Mas é uma melodia e tanto e o riff de piano move montanhas.

"Disco Nights" **GQ** (Arista — 79)
O GQ era uma dupla nova-iorquina cujo trabalho mais conhecido foi sua produção para o Taste Of Honey. Solo eles têm pelo menos um clássico: esta soul-*disco* onde todas as possibilidades da guitarra *funky* são exploradas. CAMILO ROCHA

Kiko Catelli

ESCOLA DA MALDADE

Eles prometeram e cumpriram. O som dos sujeitos ganhou as cinco estrelinhas. Também não se podia esperar menos de dois malucos de carteirinha do porte de Edu K e Egisto Ophodge. Tudo em que eles passam raspando em suas bandas oficiais — respectivamente DeFalla e Colarinhos Caóticos — está lá.

O resultado é metal de última geração, ultrapesado e doidão. Tiveram até a manha de somar *treze* guitarras devidamente distorcidas nas faixas do seu EP de estréia, que estará aterrisando em breve.

Enquanto o Elektra segue em frente arrebentando tímpanos, Egisto promove nova versão dos Colarinhos Caóticos, cada vez mais lisérgico. Mergulha às cegas num emaranhado harmônico de guitarras e sax como nenhum babaca jazz-roqueiro jamais ousou sonhar.

Nas horas vagas o DeFalla armou uma fita cassete (*ver nota ao lado*) e se prepara para tentar retomar o prestígio nacional com algumas sessões de ensaios chapados e muita vagabundagem alcoólica. Mais uma vez a moda emparelhou com as debilidades de Edu K, e as chances são iguais: ou eles retomam os caminhos do metal-funk (do qual são precurssores no Brasil) ou disparam em alguma direção obtusa, traindo as expectativas óbvias.

O ATAQUE DOS DECIBÉIS ASSASSINOS

Come o pau em Porto Alegre! Todo mundo viajando no peso. De hard rock a cidade está cheia. Tem o som etílico do **Alcohlic**, inspirado em Kiss (grupo que o tempo perdoou e reconheceu), AC/DC e outras tranqueiras mais. Primeira qualidade. Tem a **Quadrilha de Morte** que já agita há um tempo, o **Justa Causa** (LP na boca do forno) e mais uma penca.

Tem também funk'o'metal com o **Van Gogh**, e, o mais novo, **Borboleta Negra**: competência, letras em português (mesmo que meio "poéticas") e um chacundum bacana.

Agora, bacana mesmo é que surge por lá umas gravadoras pequenas encarando corajosamente entrar no mercado com esses grupos mais pesados. A Novaidéia lançou o LP do **Rosa Tatooada** (leia-se LA Guns, Rose Tatoo e Mötley Crüe) e se deu mais que bem. Os caras descolaram segundão nas rádios locais, na frente de Guns'N'Roses e R.E.M.

Renato Ricelli

CARLOS EDUARDO MIRANDA

RÁDIO

Ipanema FM (94.9)

Hora Do Rush (Diariamente, 18 às 19h) Lançamentos e discos raros

Base Sonora (Domingo, 19 às 20h) Discos clássicos de rock tocados na íntegra e comentados.

Rádio Cool (Domingo, 2 às 3h) Musica romântica acompanhada por textos e poesias.

Talk Radio (Segunda, 23 às 24h) Programa feito exclusivamente pelos ouvintes, que opinam sobre um assunto determinado pelo locutor.

Clube Do Ouvinte (Terça, 23 às 24h) Programa feito por um ouvinte, que escolhe um ou mais grupos como tema

Hora Do Demo (Quarta, 23 às 24h) Fitas demo de grupos locais ou não.

Surf About (Quinta, 23 às 24h) Surf music e notícias sobre o esporte.

Vôo Cego (Quinta, 0 à 1h) Apresentação de bandas locais, ao vivo no estúdio.

Piratas No Ar (Sexta, 23 às 24h) Discos piratas tocados na íntegra

Mix-Up (Sexta, 0 à 1h) Dance music e rap em versões remix.

Programa Do Mutuca (Sabado, 18 às 19h) Clássicos do rock, especialmente dos anos 60.

Feiusp FM (107.1)

Country Melody (Domingo, 12 as 13h) Country tradicional e música gospel

Monday Sessions Rock (Segunda, 23 às 24h) Especiais com bandas dos anos 60 e 70.

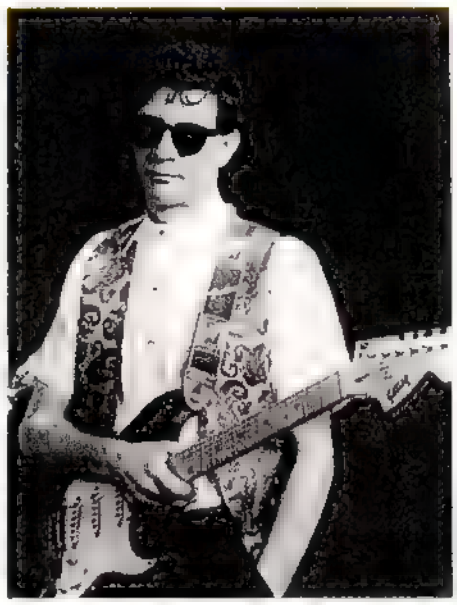
Rádio Revista (Segundas e Sextas, 18 às 19h) Agenda, entrevistas e lançamentos

Rarity (Terças, Quartas e Quintas, 18 às 19h) Raridades em flashback

Musissom (Quarta, 22 às 23h) Trilhas sonoras de filmes

Interface (Quinta, 22h30 às 24h) Lançamentos importados.

Surf E Ação (Sexta, 20 às 22h) Surf music, notícias e entrevistas sobre o esporte.



Irene Santos

★ Boa! **Júlio Reny** deu a volta por cima: voltou aos palcos gaúchos com uma banda nota 10 e repertório renovado. Buscou em seu passado remoto pérolas como "Cine Marabá" e misturou com uma penca de coisas novas. Tudo mais simples e energético.

★ Porto Alegre desova vídeos em profusão. Além de produzir clips para o DeFalla e o Nenhum de Nós, que podem ser conferidos na MTV, a **Prisma Produções** peita uma investida nos novos grupos. Até o paulista Garcia e Garcia fez seu clip por lá. O próximo passo é uma filial em São Paulo.

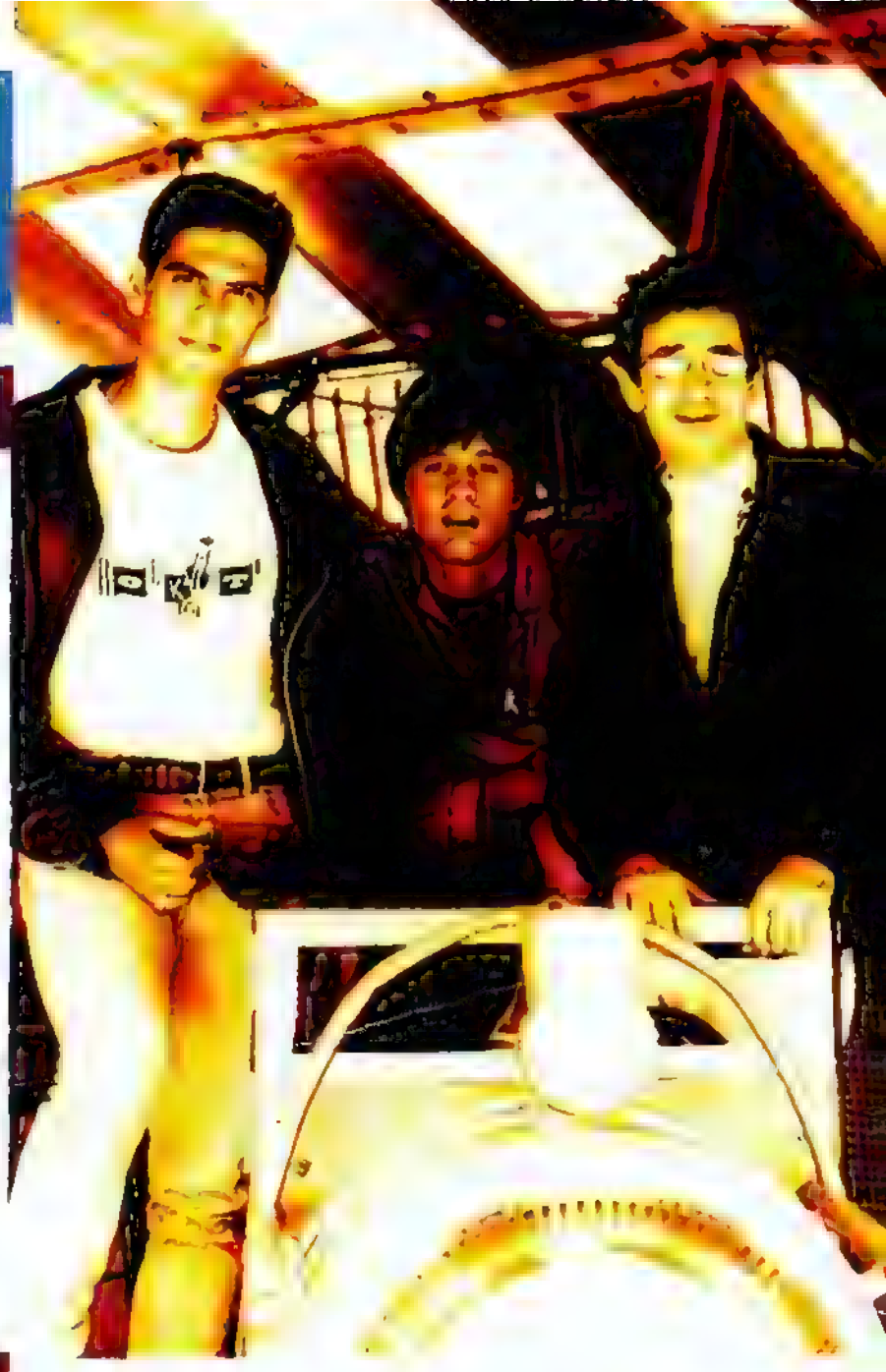
★ Melodias etéreas e pegajosas e a voz carismática de Marion transformaram o **Plastic Dream** em um quase fenômeno. A música "Shake My Mind", que está na coletânea *Assim Na Terra Como No Céu*, estourou nas FMs. Os shows da moçada lotam até a boca.

★ Do jeito que dá... **DeFalla** e **Barata Oriental**, enrascados para lançar seus novos discos, saciaram a fome com fitas cassete. DeFalla detonou uma série de covers (de Tim Maia a Dead Kennedys) e a Barata apresenta o repertório novo, testado e aprovado nos botecos dos pampas.

PARADA

LEITORES

1	(1)	*Use Your Illusion II*	**Guns N'Roses**	BMG-Ariola
2	(6)	*Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*	**Titãs**	Warner
3	(N)	*V*	**Legião Urbana**	EMI-Odeon
4	(2)	*Use Your Illusion I*	**Guns N'Roses**	BMG-Ariola
5	(N)	*Achtung Baby*	**U2**	Warner
6	(8)	*Metallica*	PolyGram	
7	(3)	*Out Of Time*	**R.E.M.**	Warner
8	(14)	*Várias Variáveis*	**Engenheiros Do Hawaii**	BMG-Ariola
9	(R)	*Slave To The Grind*	**Skid Row**	Warner
10	(N)	*Os Grãos*	**Paralamas Do Sucesso**	EMI-Odeon
11	(15)	*Appetite For Destruction*	**Guns N'Roses**	BMG-Ariola
12	(R)	*GN'R Lies*	**Guns N'Roses**	BMG-Ariola
13	(N)	*Greatest Hits II*	**Queen**	EMI-Odeon
14	(5)	*Skid Row*	**Skid Row**	Warner
15	(10)	*Meninos Da Rua Paulo*	**Ira!**	Warner
16	(12)	*Live At The Brixton Academy*	**Faith No More**	PolyGram
17	(N)	*The Best Of R.E.M.*	**R.E.M.**	EMI-Odeon
18	(N)	*Doubt*	**Jesus Jones**	EMI-Odeon
19	(N)	*On Every Street*	**Dire Straits**	PolyGram
20	(N)	*Smash Hits 1*	**Vários**	Warner



LOJAS

1	(1)	*Metallica*	PolyGram	
2	(N)	*Achtung Baby*	**U2**	Warner
3	(N)	*Blood Sugar Sex Magik*	**Red Hot Chili Peppers**	Warner
4	(R)	*Slave To The Grind*	**Skid Row**	Warner
5	(N)	*Nevermind*	**Nirvana**	BMG-Ariola
6	(5)	*Pornograffitti*	**Extreme**	PolyGram
7	(N)	*Ceremony*	**Cult**	PolyGram
8	(R)	*Seal*	Warner	
9	(N)	*Circuladô De Fulô*	**Caetano Veloso**	PolyGram
10	(N)	*V*	**Legião Urbana**	EMI-Odeon
11	(N)	*Doubt*	**Jesus Jones**	EMI-Odeon
12	(2)	*Use Your Illusion II*	**Guns N'Roses**	BMG-Ariola
13	(4)	*Use Your Illusion I*	**Guns N'Roses**	BMG-Ariola
14	(N)	*Discography*	**Pet Shop Boys**	EMI-Odeon
15	(N)	*We Can't Dance*	**Genesis**	EMI-Odeon
16	(N)	*Screamadelica*	**Primal Scream**	Continental
17	(17)	*Mama Said*	**Lenny Kravitz**	EMI-Odeon
18	(R)	*Live At The Brixton Academy*	**Faith No More**	PolyGram
19	(8)	*Arise*	**Sepultura**	Eldorado
20	(14)	*Bossa'N'roll*	**Rita Lee**	EMI-Odeon

Convenções:
(N) Novidade **(R)** Retorno **( )** Posição anterior

Leitor! Sua participação é importante! Escreva para "BIZZ — *Parada Dos Leitores*", Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479, São Paulo, SP, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Se possível, acrescente seu telefone para que voltemos a consultá-lo quando necessário.

Lojas consultadas: Câmbio Negro e Cogumelo Discos (Belo Horizonte), Pop Som e Casa Coelho (Porto Alegre), Modern Sound, New Sound e Sub Som (Rio de Janeiro), Temptation Discos e Jukebox (Curitiba), 220 Volts (Campinas), Baratos Afins, Bossa Nova, Musical Box, Wop Bop e Woodstock Discos (São Paulo), em 24/01.92.

EUA

LPs

1	(N)	*Dangerous*	**Michael Jackson**	Epic
2	(8)	*Nevermind*	**Nirvana**	DGC
3	(N)	*Achtung Baby*	**U2**	Island
4	(2)	*Ropin' The Wind*	**Garth Brooks**	Capitol
5	(7)	*Too Legit To Quit*	**Hammer**	Capitol
6	(N)	*Time, Love And Tenderness*	**Michael Bolton**	Columbia
7	(R)	*Cooleyhighharmony*	**Boys 2 Men**	Motown
8	(4)	*Metallica*		Elektra
9	(1)	*Use Your Illusion II*	**Guns N'Roses**	Geffen
10	(5)	*Use Your Illusion I*	**Guns N'Roses**	Geffen

Compactos

1	(N)	"Black Or White"	**Michael Jackson**	Epic
2	(N)	"All 4 Love"	**Color Me Badd**	Giant
3	(N)	"Can't Let Go"	**Mariah Carey**	Columbia
4	(5)	"It's So Hard To Say Goodbye"	**Boyz II Men**	Motown
5	(N)	"Don't Let The Sun"	**George Michael/Elton John**	Columbia
6	(N)	"Finally"	**Ce Ce Peniston**	A&M
7	(7)	"Set Adrift On Memory Bliss"	**P.M. Dawn**	Gee Street
8	(N)	"Diamonds And Pearls"	**Prince**	Paisley Park
9	(N)	"Too Legit To Quit"	**Hammer**	Capitol
10	(N)	"Mysterious Ways"	**U2**	Island

UK

LPs

1	(4)	*Stars*	**Simply Red**	East West
2	(2)	*Greatest Hits II*	**Queen**	Parlophone
3	(7)	*Simply The Best*	**Tina Turner**	Capitol
4	(8)	*Real Love*	**Lisa Stansfield**	Arista
5	(N)	*Dangerous*	**Michael Jackson**	Epic
6	(N)	*Achtung Baby*	**U2**	Island
7	(5)	*We Can't Dance*	**Genesis**	Virgin
8	(N)	*Greatest Hits*	**Queen**	Parlophone
9	(6)	*Time, Love And Tenderness*	**Michael Bolton**	Columbia
10	(R)	*Diamonds And Pearls*	**Prince**	Paisley Park

Compactos

1	(N)	"Bohemian Rhapsody"	**Queen**	Parlophone
2	(N)	"Justified And Ancient"	**KLF**	KLF Communicatio s
3	(N)	"Addams Groove"	**Hammer**	Capitol
4	(N)	"Everybody In The Place"	**Prodigy**	XL
5	(N)	"Don't Talk Just Kiss"	**Right Said Fred feat. Jocelyn Brown**	Tug
6	(N)	"Goodnight Girl"	**Wet Wet Wet**	Precious
7	(N)	"Too Blind To See It"	**Kym Sims**	Atco
8	(N)	"When You Tell Me That You Love Me"	**Diana Ross**	EMI
9	(N)	"We Got A Love Thang"	**Ce Ce Peniston**	A&M
10	(N)	"Live And Let Die"	**Guns N'Roses**	Geffen

INDEPENDENTES

LPs

1	(4)	*Screamadelica*	**Primal Scream**	Creation
2	(1)	*Bandwagonesque*	**Teenage Fanclub**	Creation
3	(7)	*Loveless*	**My Bloody Valentine**	Creation
4	(N)	*Nevermind*	**Nirvana**	Sub Pop
5	(3)	*Levelling The Land*	**Levellers**	China
6	(N)	*Essential Hardcore*	**Vários**	Dino
7	(N)	*The White Room*	**KLF**	KLF Communications
8	(N)	*Hash Smits*	**Moonflowers**	Pop God
9	(2)	*Fox Base Alpha*	**St. Etienne**	Heavenly
10	(N)	*101 Damnations*	**Carter USM**	Big Cat

Compactos

1	(N)	"Hit"	**Sugarcubes**	One Little Indian
2	(N)	"For Love EP"	**Lush**	4AD
3	(N)	"Justified And Ancient"	**KLF**	KLF Communications
4	(N)	"Love Your Money"	**Daisy Chainsaw**	Deva
5	(N)	"Dominator"	**Human Resource**	R&S
6	(N)	"Godhead EP"	**Nitzer Ebb**	Mute
7	(N)	"Am I Right?"	**Erasure**	Mute
8	(N)	"Space Christmas"	**Shonen Knife**	Seminal Twang
9	(N)	"Waterfall"	**Stone Roses**	Silvertone
10	(N)	"Running Out Of Time"	**Digital Orgasm**	Dead Dead Good

Fontes: *Cash Box* e *Billboard* (EUA), de 4/01/92 a 25/01/92, *Melody Maker*, *New Musical Express* e *Music Week* (GB), de 28/12/91 a 18/01/92. Para a *Parada Dos Leitores*, foram consideradas as cartas recebidas até 23/01/92.

KUBIKULUM ROCK
R. 24 de Maio, 62 — 2.º and., conj. 351
CEP 01014 Fone/Fax: (011) 221-5010

TECLADO OU
ÓRGÃO ELETRÔNICO

CURSOS RÁPIDOS, A DISTÂNCIA E PELO MELHOR PREÇO

PARTITURAS PARA TECLADOS EM GERAL
ENVIE, SEM COMPROMISSO, SEU NOME E ENDEREÇO COMPLETOS E RESPONDEREMOS DE IMEDIATO COM MAIORES INFORMAÇÕES

Keyboard
R. RANGEL PESTANA, 1.044
FONE: (011) 436 7172
CEP 13.200 · JUNDIAÍ SP

Ao vivo

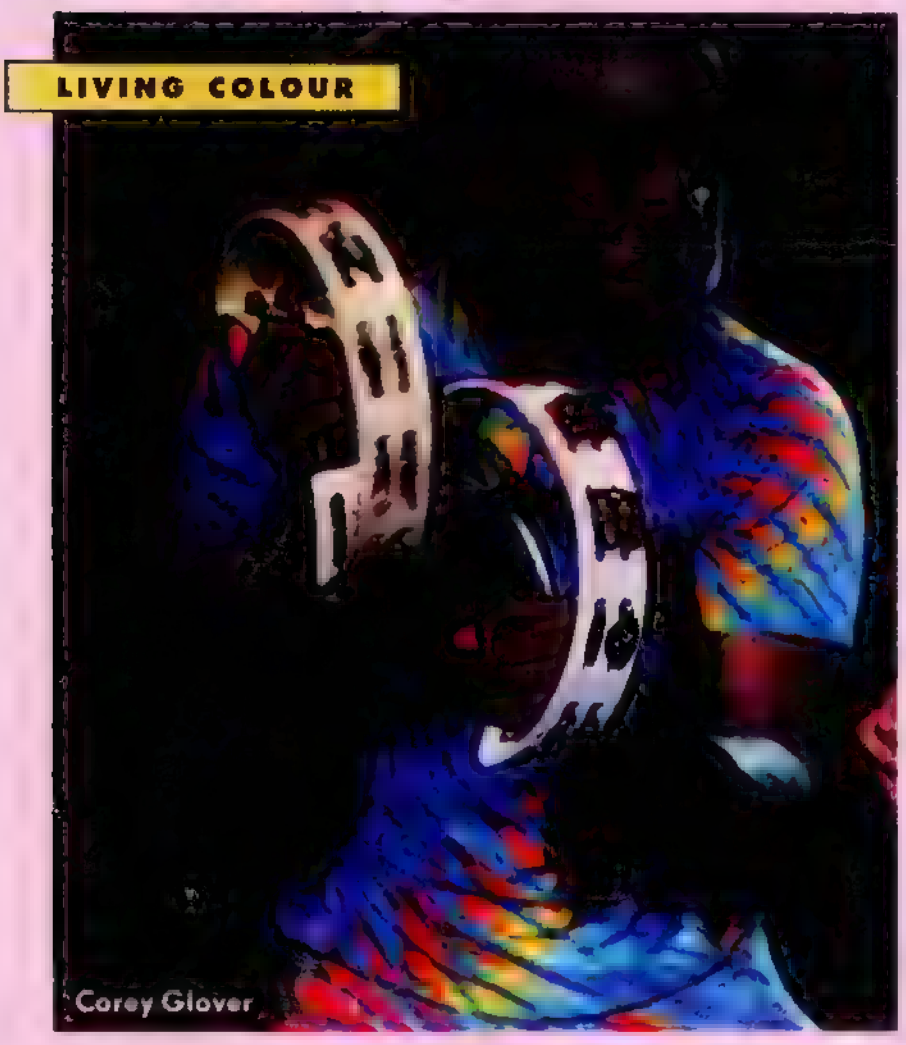
O Living Colour roubou o Hollywood Rock. E um baixista convidado, Doug Wimbish, roubou o show do Living Colour...

Não há surpresa. Espantoso é que o Living Colour, com sua excepcionalmente bem-medida receita de hard clássico, funk, jazz e o escambau (sem falar nas provocações oportunas, como "Elvis Is Dead"), não tivesse caído antes no gosto popular — e alcançado o grau de unanimidade pós festival.

Quanto a Wimbish, apesar de virtualmente desconhecido, é um *sideman* que sempre esteve no lugar certo na hora certa, e que só precisava de um empurrãozinho da sorte (no caso, a saída de Muzz Skillings) para se converter em *bass hero* — o "novo Jaco Pastorius", no dizer da moçada inteirada.

"New Jack Theme", "Time's Up", "Pride", "Love Rears Its Ugly Read", "Cult Of Personality", "Elvis Is Dead", "Memories Can't Wait" (dos Talking Heads, em sua versão definitiva), "Type": uma lista impressionante de hits para uma carreira de apenas dois LPs... O carisma boa-praça de Corey Glover, o discreto arraso da guitarra de Vernon Reid, a britadeira infalível de Will Calhoun e o surpreendente *showman* Wimbish (que tocou com os dentes, mudando a afinação, fazendo um *slap* sacudido ou simplesmente espancando as cordas do baixo) nem precisavam apelar.

No caso, a covardia foi uma interpretação fulminante de "Should I Stay Or Should I Go", do Clash, em que aquele *intermezzo* rocker foi transformado num thrash que levou as platéias à loucura. Outra cover sacada foi a de "Rebel Rebel" (Bowie), sem falar na citação de "Give It Away" (Peppers). Neguinho (e não foi um só) saiu jurando que tinha visto o melhor show da sua vida. - *ALEX ANTUNES*



A chuva que caía sem trégua no Rio havia uma semana parou uma hora antes de Lulu Santos subir ao palco para abrir a parte carioca do Holywood Rock III. O sucesso na promoção dos ingressos levou o público, o mesmo que tinha desaparecido do Pacaembu, São Paulo, a lotar a Praça da Apoteose. Lulu, lampeiro, atacou com seus hits — bem ao contrário do show paulista, em que insistiu em desfiar um repertório desconhecido —, para a felicidade dos trinta mil presentes.

Com os devidos ajustes, a fase carioca do festival salvou-o do gostinho de quase fracasso: em São Paulo, a freqüência das três noites veio caindo, de quarenta a vinte e a quinze mil espectadores. E com o entusiasmo proporcional.

O Barão abriu o Hollywood Rock com uma máquina bem azeitada para shows massivos. E repetiria a performance em casa, sem esforço e com muita simpatia.

Extreme e Skid Row entraram em campo com o jogo ganho. A banda do guitarrista açoreano Nuno Bettencourt, apesar de esnobada pela crítica, deu um show vários pontos acima de seus discos insossos. O que falta é a direção que os colocaria no patamar de uma boa banda de arena, algo entre o Led Zeppelin e o Yes...

Sebastian Barbie, a boneca que diz "fucking", também não deixou a peteca cair. O Skid Row mostrou um bom trabalho de guitarras de Snake Sabo e Scotti Hill, ainda que um tiquinho árido, e apelou mais para os baladões do que o Extreme. No Rio o *bad boy* Rob Affuso encerrou o último show da última noite destruindo sua bateria — literalmente. Pegou bem.

A segunda e longuésima noite começou morna. O Cidade Negra é um grupo OK, mas ainda não tem cancha para apresentações desse porte. A formação ampliada deixa a banda mais esbranquiçada, e a versão reggae de "Mosca Na Sopa" é no máximo esquisita. Mas "Falar A Verdade" é um trunfo certo, e a

HOLLYWOOD ROCK
Pacaembu (SP) Praça da Apoteose (RJ)

condescendência da platéia carioca foi correspondida com entusiasmo.

O Jesus Jones é que surpreendeu, com apresentações aeróbicas e convincentes. Só o pouco alcance da voz de Mike Edwards não corresponde ao som saudavelmente displicente que o JJ ataca. Qualquer comentário bobo sobre a "ousadia" em macular o bom nome do cidadão rock'n'roll com molecagens de dance music caiu por terra. Curiosamente, emplacaram menos no Rio.

Seal veio disposto a provar algo semelhante: que embora alçado à fama por enchedores de pista como "Killer" e "Crazy", ao vivo ele é um artista sério e profundo, à moda antiga. Começa com "Crazy" banquinho-e-violão... e fica por aí. A banda burocrática, os arranjos despojados, o repertório obscuro resultam num show enfadonho, que uma versão incrivelmente ruim de "Hey Joe" só consegue piorar. Saldo: "Killer" e o bis de "Crazy", com a banda inteira. É pouco.

A terceira noite, em São Paulo, praticamente reduziu o Hollywood Rock à impressão de uma longa contagem retroativa até o Living Colour, o salvador da pátria.

Após o show de Lulu para uma platéia "atenta" ou "apática" — segundo o ponto de vista mais ou menos cínico —, o EMF não rendeu o esperado. Teclados e guitarras compõem um som simples e divertido, com mais peso que no disco, mas não o suficiente para encher um estádio — ou um sambódromo. A performance de James Atkin, parecendo um clone de Mike Patton, também não ajudou. Depois de "Unbelievable" o pique despencou. Contraste flagrante com a apresentação do Living Colour.

E sinal de que a opção por um festival médio, com a cara da programação da MTV, ainda é um empreendimento arriscado. É provavel que se Neil Young (ou algum *monstro sagrado* do seu porte) confirmasse sua participação, a coisa mudasse de figura. Todo o conjunto do Hollywood Rock lucraria, com um espectro um tiquinho mais amplo.

A.A./A.C.M./C.R./M.A.G.

Dois shows e uma jam, com quase cinqüenta músicas, significa bastante tempo em pé. Acrescente que em São Paulo o ingresso foi caro, o estádio estava semivazio, e Seal tinha acabado de espalhar Mogadon pelo ar. A atitude óbvia ululantíssima seria "vamos tocar nosso hits e deixar o público satisfeito".

Os Paralamas fizeram a coisa certa, com "Pólvora", "Óculos", "Meu Erro", "Melô Do Marinheiro", "Alagados" e vários outros *greatest hits*. Com Barone e Bi engatando quinta na máquina rítmica e um providencial trio de metais, nunca essas músicas soaram tão boas ao vivo.

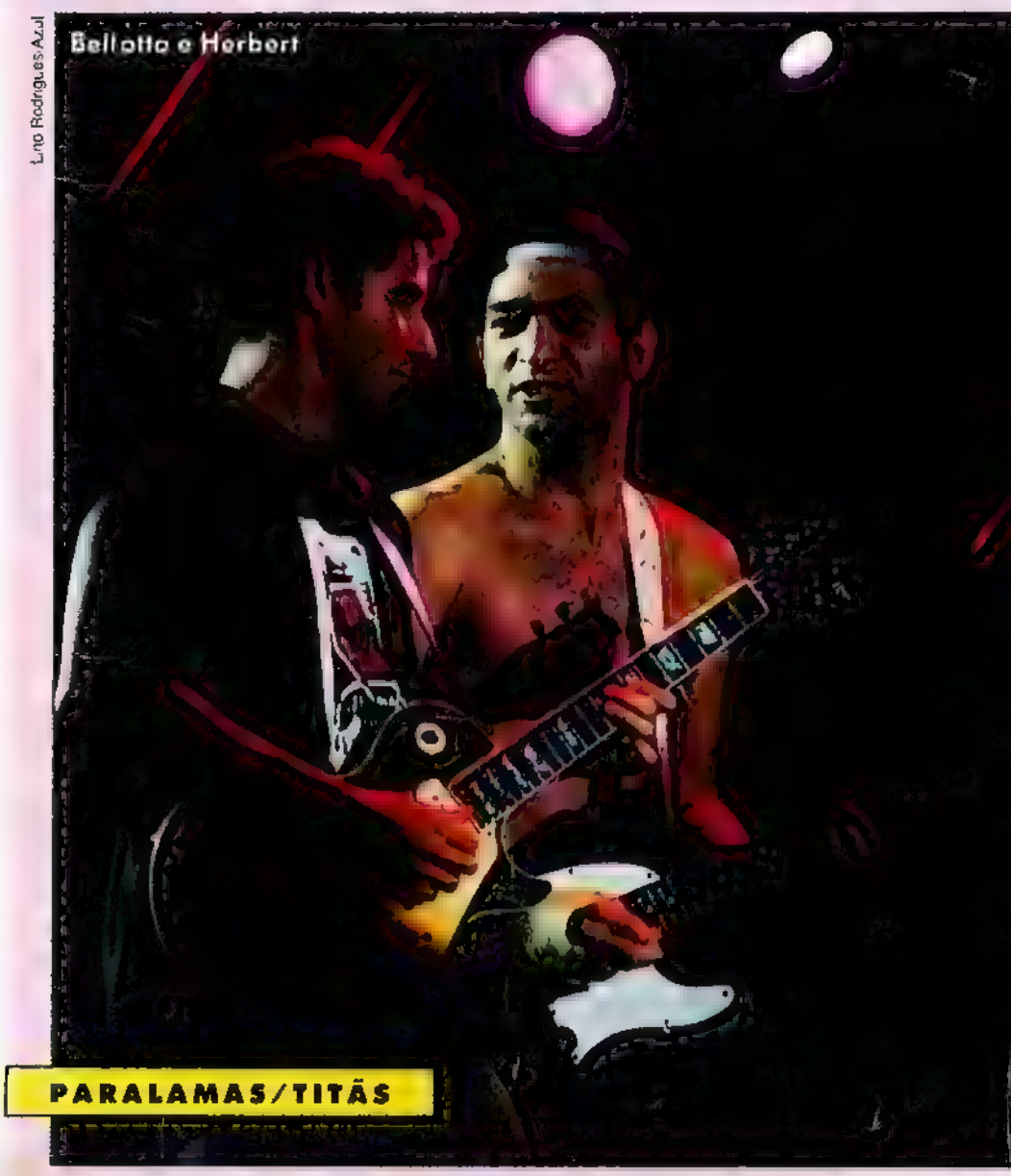
Até aqui a festa estava garantida. Herbert Vianna continua um mala incorrigível, cheio de discursos e demagogia de liquidação. Mas não conseguiu ofuscar a performance da banda.

Já os Titãs foram como um *black-out* no meio da seqüência mais emocionante do filme. A banda veio murcha como um palhaço desdentado e o repertório foi equivocado ao extremo. Músicas pouco conhecidas, especialmente de *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*, o disco que ninguém ouviu/comprou/gostou. Tudo bem, o vinil está criando teia de aranha nas lojas e é preciso divulgá-lo, mas paciência tem limite.

É só sentir a diferença de recepção quando entra "Bichos Escrotos". Tivessem os Titãs se mancado antes, o entusiasmo seria bem maior. Ou como no Rio, em que eles insistiram no repertório, mas pelo menos tocaram *antes* dos Paralamas.

A megajam Paralamas/Titãs é que reanimou a noite. Apesar do excesso de gente no palco tudo saiu certinho, com três hits de cada grupo, e inversão de vocalistas. Músicas dos Titãs como "Comida" renderam bem com os metais. O clima voltou a esquentar e ninguém precisou reclamar o dinheiro de volta.

CAMILO ROCHA



PARALAMAS/TITÃS

David Oliver Reina

NEW KIDS ON THE BLOCK
Wembley Arena (Londres)

A noite começa com uma grande decepção: o show de abertura, do sex-god Marky Mark e seu Funky Bunch, foi cancelado! Dizem que alguns dos garotos do Bunch não gostaram dos comentários racistas dirigidos a eles numa pizzaria no norte da Inglaterra. Resultado: alguns braços e pernas quebrados, concussões etc.

Os corredores em volta da arena estão vazios. Lá dentro, longe de seus olhos adultos, debaixo de disfarces inocentes e vestidos cor-de-rosa, o que está acontecendo é... SEXO, SEXO e mais SEXO.

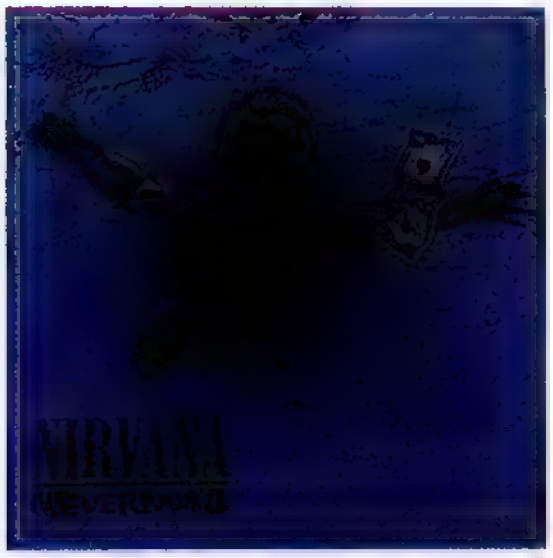
Das oito mil "crianças" presentes, 99% são do sexo feminino, aquele que não tem medo de gritar de emoção: elas apertam seus ursinhos de pelúcia (que mais tarde serão atirados ao grupo, acompanhados por bilhetinhos românticos) e não tiram os olhos do palco vazio. Algumas pulam o mais alto possível com suas faixas, na esperança de que um dos garotos leia seu recado, e quem sabe o que pode acontecer? Paixão, casamento, felizes para sempre! "Beije-me Donnie!", "Jordan é puro sexo" e outras mensagens singelas ornamentam a paisagem.

Nunca me esqueci da entrada verdadeiramente gloriosa dos New Kids... Meus tímpanos ficaram permanentemente danificados. Assobios, apitos, pés arrebentando o chão, ursinhos voadores. Para quem não conhece e não gosta: Danny é o de cabeça raspada e queixo quadrado, Jordan é o bonitinho, mas ordinário com "a voz". Joe é o insignificante, Jon é totalmente esquecível. e Donnie... ah, eis a verdadeira estrela. Com barba por fazer, calças largas, quepe de beisebol e camiseta do Suicidal Tendencies (imagine só sua irmã mais nova, na loja de discos, "Você tem o *Lights... Camera... Revolution?*"), este é o kid mais cool do quarteirão. As baladas, dominadas por Jordan e suas ambições Sinatra-para-o-ano-2000, se arrastam e entediam. Mas, na hora do hip hop, só dá Donnie, mesmo. Com uma mão no microfone e outra na virilha, ele passeia pelo palco, manda beijos para todas nós e até lê alguns bilhetes amorosos, sem interromper seu rap. Por essa e outras, "This One's For The Children", "If You Go Away" e outras babaquices mais são chatérrimas, mas "Hanging Tough" e, especialmente, uma nova em que Donnie e Danny enceram o palco com suas danças acrobáticas, são como choques elétricos na garotada.

Quando os cinco dançam juntos o resultado é deplorável. Eles não sabem cantar (e daí?). Vestem-se como um cego perdido num shopping center. Mas, com a ajuda de uma banda de músicos supercompetentes, mais a personalidade de alguns membros e o orgasmo múltiplo e coletivo da platéia, o show é puro entretenimento. Para quem é jovem demais para ter visto os Beatles... bem, em 64 as orgias eram assim.

ANAMARIA G. DE LEMOS

Discos



BMG-Ariola

NEVERMIND
Nirvana
Geffen/BMG-Ariola

"Esses caras vão nos enriquecer." Bruce Pavitt, dono da gravadora Sub Pop, sobre o Nirvana. Na BIZZ 60, junho de 90

O u seja: o fato do Nirvana ter vendido mais de 2,5 milhões de cópias só nos EUA e desbancado Michael Jackson do alto da *Billboard* não deve surpreender você, velho leitor de BIZZ. Como diz aquele slogan da nossa colega corporativa/concorrente eletrônica, você viu antes aqui.

Mas as vendas que se danem. A questão fundamental é, como sempre: vale a pena desembolsar aquela suada bufunfa para comprar *Nevermind*?

Se você gosta de Pixies ou Damned ou Stooges ou Kinks/Who ou Gang Of Four fase *Entertainment!* ou Mudhoney ou rock de garagem sessentista ou qualquer tipo de hard rock áspero, puto e sem polimento, vale. Principalmente, se você gosta de punk californiano politizado, vale a pena. Vale vale vale. Compre três, dê um para o seu amor e outro para o seu melhor amigo.

OK, segunda questão — e aí é papo de jornalista, de gente que está tentanto entender o que se passa no universo adjacente e não se limita a curtir as coisas (não que só curtir seja limitante, mas compreender é o nosso emprego e a nossa obsessão — ou pelo menos deveria ser). Pergunta 2: que significa a velocidade *warp* com que o Nirvana saiu dos cafundós do estado de Washington para os corações, as mentes e os tocadiscos do público americano, quiçá mundial?

Significa que *punk's not dead*, oba! Quinze anos depois, os espertos da nova geração assumiram o punk como sua melhor representação musical. É, o Nirvana é punk, sim, punk paca — ainda que seu vocalista-letrista-guitarrista Kurt Cobain, 24, seja muito novo para ter curtido punk na época.

E punk não só na avalanche animalesca de distorção e hormônios que jorra dos instrumentos. As letras também são violentíssimas, negras, radicais *mesmo* (sem escorregar para o niilismo burro que impera no underground americano). Falam de amor, sexo, preconceito, inteligência; do estado das coisas e do sentido da vida. Confira "Smells Like Teen Spirit", sobre a apatia *teen*, que está traduzida nesta edição... mas a melhor mesmo é "Breed". É, segundo Cobain, sobre "Ser de classe média, casar jovem, ter filhos, assistir TV toda noite — e detestar tudo isso".

A década de 90 já tem seus Dead Kennedys — e desta vez, eles estão no topo das paradas.

ANDRÉ FORASTIERI

PRIMAL SCREAM
Screamadelica
(Creation/Continental)

Esta é a história de como um grupinho *indie* inglês liderado por um ex-baterista tentou se transformar na maior e melhor banda do planeta. *Screamadelica* é talvez o disco que sonhou mais alto nos últimos anos.

Suas referências confessas são praticamente tudo que mudou a história do pop — Stooges, Sly Stone, *dub*, James Brown, Sex Pistols, Stones, house etc. Aparentemente, a idéia é fundir tudo isso e apresentar a poção mágica do pop dos anos 90. Em cinco anos saberemos se vingou. Por enquanto, *Screamadelica* é "apenas" um disco excepcional.

Apesar dos *grooves*, ele é muito mais para a cabeça do que para os pés. Há poucas canções no sentido tradicional do termo: a maioria das faixas é um monte de coisas soltas, conduzidas por uma levada. De vez em quando há um refrão.

Foi como se trancassem um monte de loucos de ácido no estúdio dizendo: "Brinquem à vontade". Efeitos sonoros e maluquices de estúdio foram usados em sua plenitude. O critério: soar "viajante".

Os cruzamentos são inteligentes. O exemplo já clássico é "Loaded", o remix que serviu de cartilha para duas mil faixas *indie rock* dance. Na versão "dub symphony" de "Higher Than The Sun" (oito minutos e lá vai de instrumental. Pode?), a batida hip hop é só mais uma das partes da fantasmagórica tapeçaria sonora. Não está ali para fazer ninguém dançar, é só que soava bem no conjunto.

A escolha dos dois principais produtores reflete bem a intenção de abrangência do disco. São eles, Jimmy Miller (produtor dos Stones durante a segunda metade dos anos 60) e Andrew Weatherall (dos ravers Boys Own, arquitetos de N fusões dance *indie rock*).

Esquisito, "difícil", variado, comprido, elaborado, meticuloso. Esse disco provavelmente vai vender pouco. Seja um desses espertos.

CAMILO ROCHA

mento abregalhado entre Soft Cell e Bronski Beat também é fato. Felizmente *Chorus* põe as coisas no lugar, com *cyberpops* e *newromances* de primeira, como "I Love To Hate You". *A.A.*

ALICE IN CHAINS
Facelift
(Epic/Sony)

Alice In Chains soa como um Slade sanitizado; não desce o pau de vez, mas também não se assume como metal farofa. O baixo pesado e os vocais à Ozzy com testosterona sempre te deixam na esperança que uma megacastanhada se avizinha. Engano: nada em *Facelift* (que significa "operação plástica na cara") vai além de um hard rock feito por caras que gostam de coisas mais pesadas. Se você também gosta, esqueça o Alice e compre um disco do Mudhoney. *A.P.Jr.*

CAPITAL INICIAL
Eletricidade
(RCA/BMG-Ariola)

Entra ano, sai ano e o Capital continua aí, lançando seus discos, emplacando um hitzinho de vez em quando... E nada muda. É verdade que, aqui, eles estão um pouco mais ousados do que de costume. Numa tentativa de fusão entre o metal e a dance, usam samplers, misturam batidas e guitarras, citam até frases da *disco*. Mas para que tudo isso funcionasse, seria preciso que o grupo demonstrasse um pouquinho de talento — coisa que eles, definitivamente, nunca tiveram. *M.A.G*

RICKIE LEE JONES
Pop Pop
(Geffen/BMG-Ariola)

Talvez pelas antigas afinidades — musicais e afetivas — com Tom Waits, esta cantora americana denote um certo ranço yuppie na busca de "raízes" em seu trabalho. Mas é certo que o country pop de orientação jazzística que pratica pode surpreender especialmente num disco pautado pelo despojamento como *Pop Pop*. A partir de uma instrumentação baseada num violão de cordas de nylon (tocado por Robben Ford) e baixo acústico (revezado entre John Leftwich e Charlie Haden), Rickie faz sutis recriações de "Up From The Skies" (Jimi Hendrix) e "Comin' Back To Me" (Jefferson Airplane). *C.P.*

ERASURE
Chorus
(Mute/Warner)

Respeito "abstrato" pela vida e obra de Vince Clarke, o homem que recodificou o tecnopop via Depeche Mode, Yazoo e Erasure, a gente tinha que ter.

Agora que essa última banda, ao lado do vocalista Andy Bell, sempre soou como um cruza-

QUEEN LATIFAH
Nature Of A Sista'
(Tommy Boy/Stiletto)

O segundo disco da melhor rapper do planeta Terra — me desculpe, mas isso é indiscutível — é uma bela surpresa. Apesar de não conter nada tão imediato e forte como "Come Into My House" e "Ladies First", há outras virtudes aqui que o álbum de estréia não tinha. Um disco redondo, regular na sua qualidade e com muito mais variações musicais. Enquanto "Nature Of A Sista' " é um hip hop trovejante, "That's The Way We Flow" é uma balada soul com Lati-

CASSETE COMPACT DISC

fah provando que também canta bem. E arranjos estão muito mais sofisticados, como "Fly Girl". Boa pedida. *C.R.*

RUSH
Roll The Bones
(Atlantic/Warner)

O Rush representava tudo de mais execrável para quem cresceu ouvindo punk-new wave — aquelas operetas-Brumas de Avalon intermináveis de *Hemispheres* (78), credo! Mas depois dos clipes do *Power Windows* (85) e canções mais curtas e diretas, o Rush foi o único grande progressivo que não virou caricatura de si próprio (como o YES), nem pop (Genesis), nem cabeção demais (King Crimson). Esse *Roll The Bones* completou minha pelegada: pesado, hiper bem tocado e com a ficção científica temperada por um certo senso de humor. *A.F.*

B.B.KING
There Is Always One More Time
(MCA/BMG-Ariola)

"Este é o melhor álbum que eu gravei em minha carreira...", assina o entusiasmado *blues boy* na contracapa de seu novo trabalho. Injustiça: fora o passado glorioso de B.B., seria injusto atribuir tal título a um disco sem uma canção sua e um único clássico (Something Up My Sleeve", de "Doc" Pomus, a quem o álbum é dedicado postumamente). Mesmo assim, *There Is...* impõe respeito, seja pelos arranjos econômicos, seja pela velha classe das seis cordas de Lucille. *C.P.*

GENESIS
We Can't Dance
(Virgin/EMI-Odeon)

O lançamento de LPs duplos deveria ser considerado questão de segurança nacional, submetido ao Congresso, ao Brizola ou ao raio que o parta. *(Triplos,* é claro, estariam sumariamente proibidos). "Sobras de gravação" eram usadas, antigamente, para garantir os parentes com lançamentos póstumos, depois que os figuras morriam...

Hoje fazem lados 3 e 4 (ou *C* e *D*) desses gananciosos tipo Phil Collins, ressalvados os trocadinhos para Banks e Rutherfords que não têm competência para estabelecer carreiras-solo. Sempre tem um ou outro trecho simpático, mas como encontrá-los no meio dessa maçaroca de baladões insossos? *R.M.*

BLACK BOX
Mixed Up!
(Deconstruction
BMG-Ariola)

VÁRIOS
Yo! Tommy Boy Raps
(Tommy Boy/Stiletto)
Apple Dance Hits
(RCA/BMG-Ariola)
Roots — O Som Da Massa
(EMI-Odeon)

O Black Box revisa seus velhos sucessos em excelentes remixes. Destaque para a versão totalmente Stax de "Ride On Time" (rebatizada "Bright On Time") e a chiquérrima remodelagem de "Everybody, Everybody" (antes só em single 12" importado).

Apesar da capa fuleira *Yo!* tem seus atrativos: "O.P.P.", megahit do Naughty By Nature, uma das revelações do rap em 91; um poderoso remix de Dave Morales para "Saturdays", do De La Soul; e "Kiss You Back", inédita do último disco do Digital Underground. *Sons Of The P.* As duas outras compilações valem pelas faixas inéditas que contém. Apesar de meio velhas, ainda caem bem na coleção de qualquer dancemaníaco. Na primeira, há o tecno do N-Joi ("Anthem") e três ítalos matadoras (Xpansions, DJH feat. Stefy e Black Box — ainda outro remix de "Strike It Up"). Na segunda, no meio de muita farofada, "It's A Shame" (Monie Love) e um remix sublime de "Let's Push It" (Innocence). *C.R.*

LUIZ MELODIA
Pintando O Sete
(Philips/PolyGram)

Num ano de vacas magras para a MPB como 91, quase todos os medalhões pareciam andar pela bola sete. Só mesmo o ressurgimento do velho e bom Melô para sacudir o marasmo, com seu sétimo álbum em dezoito anos de carreira discográfica.

Esta parca produção, no entanto, não indica acomodação do compositor, visto que aqui qualidade e quantidade teimam em caminhar em sentido inverso. Razões para isso há de sobra: a fama de "maldito" atribuída à Melodia, as produções deficientes de seus discos anteriores e até mesmo a inconstante trajetória do Pérola Negra. Mas todos estes problemas encontram uma resolução quase perfeita em *Pintando O Sete.*

Ironicamente, o pontapé inicial do projeto deu-se com "Codinome Beija-Flor", a regravação do hit de Cazuza para uma trilha de novela. Junto a "Traição" (balada empastelada pelo arranjo de Lincoln Olivetti) são as duas únicas pisadas na bola em um dos melhores discos dos últimos tempos.

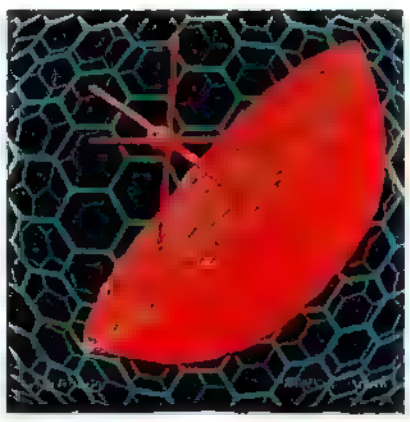
Se o álbum anterior de Melô — *Claro* (87) — pecava pela indigência dos arranjos e a pouca inspiração das canções, aqui a história foi bem outra. Sob a produção geral de Fábio Fonseca (que neste disco acertou definitivamente a mão), Melodia pareceu ter escolhido a dedo o arranjador ideal para o clima de cada faixa. Assim, pela tarimba do guitarrista Perinho Santana são criadas verdadeiras maravilhas contemporâneas como a *blues ballad* "Sigo E Vou", o fado "Maria Particularmente" e a regravação de uma das mais belas canções dos Novos Baianos ("Mistérios Do Planeta", que sob a ótica melodiana superou de longe a versão original). Já os mestres Altamiro Carrilho e João Donato compareceram respectivamente no chorinho "Maura" (composto pelo pai de Luiz, Oswaldo Melodia) e na bossa nova "Poeta Do Morro", enquanto a banda Cidade Negra despontou com uma eficiente participação no reggae "Cara-Cara". Em suma, um disco em que Melô pintou e bordou pelos mais diversos estilos. *CELSO PUCCI*

RAUL SEIXAS
Eu, Raul Seixas
(Philips/PolyGram)
As Profecias
(Warner)

Dois anos e meio após a morte prematura de Raulzito, é retomada a briga de foice entre gravadoras pelo espólio de sua obra. Não bastasse o tributo lançado pela Sony *(O Início, O Fim E O Meio)*, PolyGram e Warner também se apressam em raspar o tacho na busca de uns trocados. No caso de *Eu...*, até que a iniciativa é válida: trata-se de uma gravação pirata de um show feito na praia do Gonzaga (SP) em 82, um item de colecionador para seixófilos. Já *As Profecias* não esconde sua intenção de caça-níqueis, tendo como único mérito a versão (ao vivo) de "Rock Das Aranhas", com Raul junto a Marcelo Nova (que, por sinal, escreve sobre o mestre na *Discoteca Básica* desta edição). *C.P.*

LISA STANSFIELD
Real Love
(Arista/BMG-Ariola)

A maior mudança de Lisa neste segundo disco é o cabelo. Ficou bem melhor. Bem, para ser justo seu vocal também melhorou. Explicando: sua voz sempre foi ótima, mas agora ela resolveu parar com todos aqueles "uou-uou" (que resvalavam num timbre digno de Patolino). Musicalmente, a cartilha continua sendo o soul sinfônico-sofisticado dos anos 70 associado a *beats* modernos. Caprichado, mais nada *C.R.*



GILBERTO GIL
Parabolicamará
(Warner)

Onde Caetano às vezes é bobo e inconveniente, Gil tem se tornado francamente odioso. Como é que o cara com a mais fina sensibilidade da MPB se transformou nesse 'estadista' de província, eu sei lá.

A estratégia, claro, é Eco-92. Guinada na direção da falsa música de raiz e de protesto. "O Sonho" é um *mea culpa* político oportunista. "Buda Nagô", para Caymmi, transpira aquela baianidade escrota: podia ser, na mesma, para Antônio Carlos Magalhães. A única graça está em "Neve Na Bahia", para a Xuxa. Se a intenção era *fazer* a loirinha, Pelé tem argumentos mais sólidos. *A.A.*

THE BEACH BOYS
Summer Dreams
(Capitol/EMI-Odeon)

Lógico que seria muita pretensão tentar resumir a fulgurante carreira dos Beach Boys numa compilação de dezessete faixas como esta. Sem contar que, tanto em vinil como em CD, estão disponíveis coletâneas e reedições bem mais completas e importantes que *Summer Dreams*. Mesmo assim, fica difícil de resistir ao charme perene de canções como "Surfin' Safari", "I Get Around", "Help Me, Rhonda", "Wouldn't It Be Nice", "Good Vibrations" e outros hits da era dourada dos irmãos Wilson. Para sonhar neste fim de verão. *C.P.*

VÁRIOS
Until The End Of The World
(Warner)

A simples visão da capa desse disco deixa qualquer um de água na boca. Nela estão os nomes dos que contribuíram com faixas inéditas (a única exceção é o U2) para a trilha do mais recente filme de Wim Wenders. R.E.M., Lou Reed, Nick Cave, Can, Neneh Cherry, Talking Heads: tudo indicava que esta seria uma daquelas trilhas que se sustenta longe do filme em questão.

Infelizmente, não é o que acontece. Ouvir o álbum de ponta a ponta é tarefa das mais ingratas. É muito "clima" para pouca inspiração: vocais arrastados, teclados atmosféricos e ritmos pesados se repetem até o ponto em que você não consegue mais prestar atenção em quem está tocando em cada faixa.

A persistência, porém, pode valer a pena. Perdidas entre óbvias forçações de barra e material de segunda linha estão três pequenas pérolas. O R.E.M. comparece com o melhor momento do álbum. "Fretless" é superior à boa parte de *Out Of Time* e remete aos primeiros discos da banda. Lou Reed mostra que continua no pique de *New York* — "What's Good" é rock'n'roll dos bons, carregado de guitarras apoteóticas. E Nick Cave faz o que sabe melhor: um épico romântico deslavado, a um passo do melodrama.

Um pouco abaixo está a faixa do U2, na mesma linha *cool* do seu último disco. O detalhe é que "Until..." também figura no álbum do grupo — o que dispensa os fãs de comprar essa trilha. Elvis Costello até que poderia enganar, se não tivesse esticando "Days" além do limite suportável. Por outro lado, não deixa de ser agradável ouvir mais uma vez a voz de Julee Cruise(de novo, assessorada por David Lynch e Angelo Badalamenti), ainda que "Summer..." não chegue perto do primor de sua participação na trilha de *Twin Peaks*.

Na categoria *fake*, vencem Depeche Mode, quase irreconhecível na mórbida "Death's Door" e Neneh Cherry, fora de seu elemento na lenta "Move With Me". O resto — Talking Heads, Can, Crime & The City Solution, Daniel Lanois — é pura decepção.

MARISA ADÁN GIL

CHAPTERHOUSE
Whirlpool
(RCA/BMG-Ariola)

Este quarteto não foge à regra da maioria das bandas indepen-

dentes do rock inglês atual. É sempre a mesma coisa: guitarras cheias de *feedback* — a exemplo do Jesus And Mary Chain em 85 /, mas sem nenhuma originalidade.

Whirlpool, o primeiro álbum do grupo lançado por aqui, conta com algumas participações especiais: John Fryer (do selo 4AD), na mixagem em quatro faixas, e Robin Guthrie (Cocteau Twins) assumindo a produção em "Autosleeper" e "Something More" — esta última, um verdadeiro plágio de sua banda original. Mesmo assim, até que se salvam duas boas canções: "Pearl" e "Falling Down". *L.F.*

VÁRIOS
Keeping The Faith
(A Creation Compilation)
THE TIMES
Pink Ball, Brown Ball, Ed Ball
(Creation/Continental)
SPIN
In Motion
(Foundation/Continental)

Três amostras do que acontece hoje na cena independente britânica. Apenas uma, porém, merece atenção. *Keeping...* reúne diversos grupos da Creation em incursões pela dance music. O resultado é melhor do que se poderia esperar. Três faixas são altamente dançáveis: "Philly", do Fluke, "I Hate Hate", do The Sound Of Shoom (o mais dance da coletânea) e "Come Together", do Primal Scream, em novo remix. Um pouco de peso demais compromete a participação do My Bloody Valentine, a outra estrela do disco, que comparece em um remix da faixa "Soon" (do álbum *Loveless*, ainda inédito por aqui).

Edward Ball é o homem banda por trás do The Times. A idéia do álbum (segundo o encarte) é refletir o que os grupos pop em ascensão estão fazendo. Na prática, é um aglomerado de clichês da indie dance.

Pior ainda é o Spin, que insiste naquele rockinho psicodélico *a la* Stone Roses. *Forget it.* *M.A.G.*

METALLICA
Jump In The Fire
Creeping Death
The $ 5.98 EP Garage Days Re-Revisited
(Vertigo/PolyGram)

Não se fazem mais bandas de compacto como antigamente. Os grupos de hoje têm a preocupação de amarrar seus álbuns com temas e fazer trabalhos "sérios". Que saco! Por que ninguém se toca e faz novamente discos descompromissados, sem "mensagens" e outras babaquices? As bandas de Seattle ainda tentam. Seus discos são apenas compilações de boas canções. É um começo.

No heavy metal nem se fala. Seriedade é palavra de ordem. Quando se fala no Metallica, então, não tem nem conversa. Ranzinza perde. Ninguém está dizendo com isso que o grupo é chato ou ruim, muito pelo contrário. Foi o Metallica que conseguiu popularizar o thrash, elevá-lo à categoria de gênero "sério".

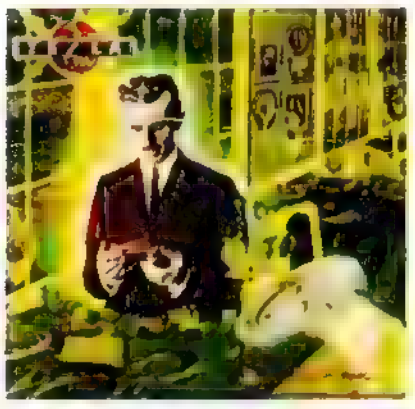
Acontece que eles já tiveram seu lado mais humano, como provam estes três EPs gravados há mais de quatro anos atrás, mas só agora lançados no Brasil. Ali está uma banda querendo apenas se divertir.

Jump In The Fire é o famoso disco do monstrão na capa. Além da maravilhosa faixa-título, tem dois clássicos ao vivo: "Seek And Destroy" e "Phantom Lord". É o Metallica rápido, simples e direto da época do primeiro álbum, *Kill'Em All.* O EP seguinte, *Creeping Death,* é um desbunde. Duas versões primorosas para "Am I Evil?", do Diamond Head (verdadeira obsessão do baterista Lars Ulrich) e "Blitzkrieg", da banda de mesmo nome. Para fazer *stage dive* no sofá de casa.

E, enfim, *The $ 5.98 EP Garage Days Re-Revisited,* um dos discos mais empolgantes da história do thrash. São apenas cinco covers, pouco mais de quinze minutos de barulho e distorção. Mas que bastam para alegrar qualquer festa. tem "Helpless" (mais uma do Diamond Head), "The Small Hours" (Holocaust), "The Wait" (Killing Joke), "Crash Course In Brain Surgery" (Budgie) e "Last Caress/Green Hell" (The Misfits).

Diversão pura, como deve ser.

ANDRÉ BARCINSKI



TESLA
Psychotic Supper
(Geffen/BMG-Ariola)

Sem exagero: o Tesla conseguiu condensar mais pique neste disco simples do que seus coleguinhas do Guns N'Roses lograram em dois álbuns duplos. E sem toda aquela babação de ovo. Trafegando pela mesma praia do hard rock californiano, o quinteto traz os elementos usuais do estilo, mas num contexto eclético, em que, além de pauladas como "Freedom Slaves" e "Time", há lugar para a balada não-melosa ("Stir It Up") e uma vinheta country ("Governement Personnel"). *C.P.*

ARTHUR BAKER & THE BACKBEAT DISCIPLES
Give In To The Rhythm
(Arista/BMG-Ariola)

O produtor/remixador Baker foi inovador na dance até a metade dos 80 (latin hip hop, rap), só que desde o advento da house não conseguiu fazer mais nada de expressivo. Este disco traz garage, tecno e batidas lentas — no geral bastante eficientes. Destaques: "Leave The Guns At Home", com o veterano do soul Al Green e uma recriação garage de "IOU" — hit produzido por Baker para o Freeez em 82. *C.R.*

URGE
(Heavy)

Há quase uma década no circuito *under* carioca, só agora a banda lança seu primeiro álbum. Depois de algumas mudanças na formação, quem responde atualmente pelo Urge é o trio Pedro Luís (guitarra e voz), Fabrício (baixo) e Sérgio Naidin (bateria). O tecladista Carlos Fuchs (grupo Régua) e Paulo Brandão produziram.

Faixas como "Engatilhado" (que já esteve no *Demo MTV*), "Encarnação", "Idiotas" e "Incêndio" dão uma boa noção do som: nervoso mas com algum balanço *A.C.M.*

A NOVA INVASÃO DOS MUTANTES

Os irmãos Arnaldo e Sérgio Dias Baptista, junto a Rita Lee, representaram uma espécie de Santíssima Trindade do rock nacional como **OS MUTANTES**. A criatividade alucinada do primeiro, aliada à exuberância técnica de seu irmão e ao charme pop de Rita deram uma personalidade legitimamente brasileira ao estilo.

Partindo da explosão da Jovem Guarda em meados dos anos 60 e correndo ao lado do pessoal da Tropicália, a incrível alquimia sonora do grupo (rock'n'roll, música caipira, psicodelismo, batuque de morro, jingle, MPB tradicional, etc. etc.) desenvolveu-se ao ponto de ainda hoje surpreender.

Pois este legado foi resgatado em som digital pela PolyGram, através da edição em CD dos cinco primeiros álbuns feitos pelo trio. Eles refletem a fase mais inventiva do grupo, que, após a saída de Rita, em 72, gradativamente foi derivando para o som progressivo, sob a batuta de Serginho.

Deste período de transição é que data o álbum (inédito) *O A E O Z* (73), que a PolyGram também promete para breve em CD, juntamente com os dois primeiros discos-solo de Rita Lee: *Build-Up* (69) e *Hoje É O Primeiro Dia Do Resto De Sua Vida* (72). Seria o complemento perfeito para este pacote essencial, que inclui ainda o terceiro álbum de Rita e a extraordinária estréia solo de Arnaldo. *CELSO PUCCI*

OS MUTANTES

Os Mutantes (68): Os arranjos *à la* George Martin do maestro Rogério Duprat (um dos propulsores do tropicalismo) dão o tom lisérgico do álbum de estréia do grupo. Caetano Veloso (que ganha uma versão de "Baby", faz parceria com Gil em "Panis Et Circensis" e "Batmacumba", e ainda co-assina e participa de "Trem Fantasma") é influência marcante, bem como Jorge Ben ("A Minha Menina"), Beatles ("Senhor F") e Stones ("Ave Gengis Khan"). Contém também o primeiro compacto da banda: "O Relógio" (67).

Mutantes (69): Desta vez sem o artigo *Os* no nome, o trio parte para outro ousado projeto, novamente respaldado pelo maestro Duprat. Um álbum recheado de clássicos do grupo como "Don Quixote", "Fuga N.º II Dos Mutantes" e "Caminhante Noturno", sem contar as antológicas parcerias com Tom Zé ("2001", "Qualquer Bobagem") e Johnny Dandurand ("Dia 36"). Outros destaques: o notório hino roqueiro "Não Vá Se Perder Por Aí" e a inclusão do jingle "Algo Mais", que o grupo fez para um comercial da Shell.

A Divina Comédia Ou Ando Meio Desligado (70): Em seu terceiro álbum, os Mutantes mostram indícios de se desvincular da estética tropicalista, rumo a um formato mais rock. Pelo menos duas canções inesquecíveis: "Ando Meio Desligado" e "Hey Boy", além de sarros impagáveis em "Meu Refrigerador Não Funciona", "Ave Lucifer" e "Haleluia". Abuso maior: as releituras de "Preciso Urgentemente Encontrar Um Amigo" (Roberto e Erasmo Carlos) e "Chão De Estrelas" (Orestes Barbosa/Silvio Caldas).

Jardim Elétrico (71): Na direção de produção, é Arnaldo quem dá a tônica deste disco em canções como "Tecnicolor", "It's Very Nice Prá Xuxu", na balada "Virginia", no rock pesado da faixa-título e mesmo emulando Tim Maia em "Benvinda". O baixista Liminha — que junto ao baterista Dinho tinha sido efetivado no grupo desde o disco anterior — co-assina pela primeira vez duas composições: "Lady, Lady" e o hit "Top Top". Mais um arranjo para "Baby" (Caetano Veloso), desta vez em inglês na voz de Rita.

Abril

RITA LEE

Atrás Do Porto Tem Uma Cidade (74): Em seus dois primeiros álbuns-solo Rita Lee ainda escorava-se nos parceiros dos Mutantes, mas neste ela agrega-se à guitarrista/vocalista Lucia Turnbull e ao grupo Tutti Frutti para apresentar um de seus melhores trabalhos. Fora as conhecidas "Mamãe Natureza" e "Menino Bonito", outras canções memoráveis como "Yo No Creo, Pero...", "De Pés No Chão" e "Pé De Meia". Detalhe para a bandeira explícita das faixas "Tratos À Bola" e "Ando Jururu".

ARNALDO BAPTISTA

Mutantes E Seus Cometas No País Do Baurets (72): No último disco antes da saída de Rita Lee, os Mutantes demonstram certa indecisão musical. "Posso Perder Minha Mulher, Minha Mãe, Desde Que Eu Tenha O Rock'N'Roll" ou as versões de "Rua Augusta" (Hervé Cordovil) e "Todo Mundo Pastou" (Bororó) refletem a proposta inicial do grupo, mas os arranjos complexos (tipo os quase dez minutos da faixa-título) já prenunciam a queda para o progressivo. Vale pela famigerada "Balada Do Louco".

Lóki ? (74): O primeiro solo de Arnaldo é um caso único no rock brasileiro: um álbum lírico e confessional, onde loucura e senso de humor combinam-se na dose exata. O instrumental esparso é composto basicamente por seu piano e a ex-cozinha dos Mutantes (Liminha e Dinho), além de eventuais *backing vocals* de Rita Lee. O bastante para criar obras-primas como "Será Que Eu Vou Virar Bolor?", "Cê Tá Pensando Que Eu Sou Lóki?", "Vou Me Afundar Na Lingerie" e "Te Amo, Podes Crer". *C.P*

PRIMAVERA PARA HITLER

Uma das surpresas da coletânea *Minimal Synth Ethics*, editada pela independente Cri Du Chat de São Paulo, era o vigoroso EBM, padrão internacional, do Símbolo e do Khomand 45.

Algumas das bandas começam a chegar aos discos próprios. A novidade é que a Cri Du Chat passou ao formato *CD only*, mais adequado à distribuição internacional. E a primeira é o **SIMBOLO**.

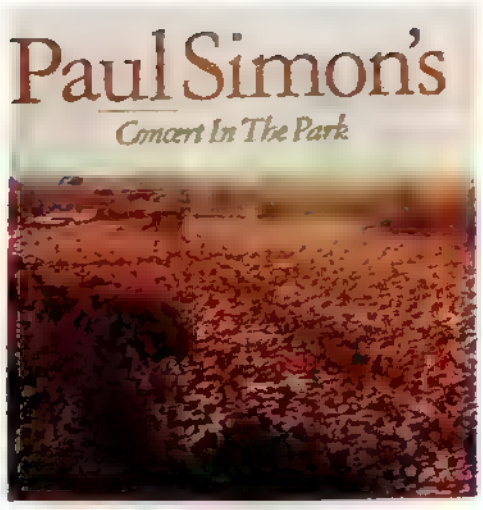
Le Sacré Du Printemps, como anuncia o título inesperado, persegue a intersecção entre a música de Stravinski e a estética fascista... O saldo do embate, em faixas como "Full Control", "Peremptory" e "That's Possession", não é de deixar dúvidas. *Heil!* *R.M.*

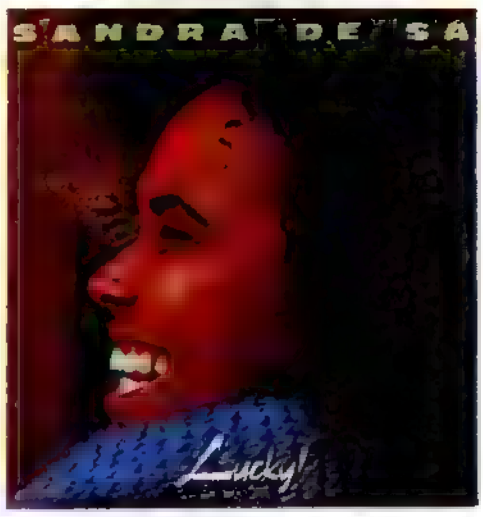
IMPORTADOS QUE IMPORTAM

Hooker'N'Heat (EMI) Outro disco básico, o álbum duplo de 70, que flagra o encontro do *boogie man* com o blues elétrico do CH • **STEELY DAN: Gold (Expanded Edition)**. Editada originalmente em 82, esta coletânea é lançada em CD com quatro faixas-bônus, incluindo uma gravação ao vivo (de 74) do hit "Bodhisattva" e dois excertos de trilhas sonoras feitos por Donald Fagen • **THE MONKEES: Listen To The Band** (Rhyno). Um nome adequado para esta caixa que enfoca a carreira freqüentemente menosprezada deste quarteto americano, responsável por célebres hits *bubblegum* nos anos 60. E, para quem os acusa de mera "armação", convém notar nomes como o de Neil Young e o de Ry Cooder na ficha técnica. *CELSO PUCCI*

FUNKADELIC: Maggot Brain/Standing On The Verge Of Getting It On (Westbound). Mais um par de álbuns — respectivamente de 71 e 74 — do período áureo de Clinton, Bootsy & Cia., na outra face do Parliament. Tão desejáveis quanto o duplo *America Eats Its Young* (72, já disponível em CD) • **MC 5: Kick Out The Jams** (Elektra). O petardo do quinteto de Detroit (resenhado na *Discoteca Básica* de janeiro) ganha sua versão digital. Para os mais fissurados, vale correr atrás de uma coletânea inglesa com sete faixas inéditas do **DESTROY ALL MONSTERS** (grupo do baixista Michael David com o ex-guitarrista dos Stooges, Ron Asheton, e a cantora Niagara). O sugestivo título é **Bored** (Cherry Red) • **JOHN LEE HOOKER AND CANNED HEAT:**

RÁPIDO E RASTEIRO



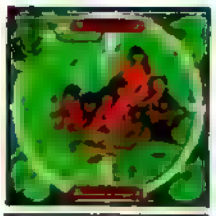


Time to say goodbye... Para tristeza de alguns e gáudio de outros tantos, eis que esta seção leva uma rápida rasteira, sendo extinta a partir do próximo número de BIZZ. Sinal de que a revista será mais criteriosa na escolha dos lançamentos a serem resenhados. Portanto, o negócio é caprichar • Nada de fazer discos ao vivo como **Live, Baby, Live** (Mercury/PolyGram), do **INXS**, ou **Paul Simon's Concert In The Park** (Warner), daquele branquela baixinho metido a negão. Tanto seu show no Central Park, em Nova York, como a turnê mundial do grupo australiano (que inclui o Brasil) seriam registros mais catalogáveis no quesito "ao morto", pela falta de pique, deficiências técnicas etc. • O pop inócuo e renitente de **RICHARD MARX** presente em **Rush Street** (Capitol/EMI-Odeon) bem como o *american rock* pseudo-raiz dos escoceses do **TEXAS** em **Mothers' Heaven** (Mercury/PolyGram) também poderiam amargar uma longa lista de espera, em detrimento de discos mais importantes. Sem falar na baba-de-arena que responde pelo epíteto de **BAD ENGLISH**, uma bizarra agremiação que inclui o cantor John Waite junto ao tecladista e ao guitarrista do Journey. **Backlash** (Epic/Sony) é a bolacha a ser evitada • Já **SANDRA DE SÁ** — excelente na regravação de "Primavera" que dividiu com Cassiano no último disco dele — derrapa perigosamente rumo ao brega em **Lucky!** (RCA/BMG-Ariola), enquanto os mancebos do **CONTRA VONTADE** — notórios pelo *reggae* anticanábico "Erva Sem-Vergonha" — estréiam num álbum homônimo (Philips/PolyGram) com besteiras similares, como "Quieto, Quiet, Kwait". Depois dessa, só fechando o boteco. *CELSO PUCCI*

GRAVADORAS INDEPENDENTES: Cri Du Chat — *Cx. Postal 42.791, São Paulo (SP) - (011) 288-9975* / Heavy — *Cx. Postal 24.047, Rio de Janeiro (RJ) - (021) 264-2612*

BOLSA DE DISCOS

OF THE HEART...
P M Dawn
(Gee Street/PolyGram)

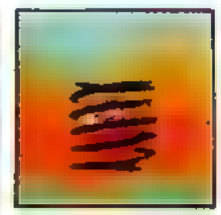


UNKNOWN TERRITORY
Bomb The Bass
Rhythm King/Sony

TIN MACHINE II
Tin Machine
(Victory/PolyGram)

CIRCULADÔ
Caetano Veloso
(Philips/PolyGram)

SUPLA
(EMI-Odeon)



DESCIVILIZAÇÃO
Bruno Cavadeo
(Philips/PolyGram)

ALEX ANTUNES BIZZ						
ANDRÉ BARCINSKI Notícias Populares, SP						
ANDRÉ FORASTIERI BIZZ						
CAMILO ROCHA BIZZ						
DANIEL BENEVIDES MTV						
JOSÉ AUGUSTO LEMOS BIZZ						
JEAN YVES DE NEUFVILLE Isto É/Senhor						
TÁRIK DE SOUZA Jornal do Brasil, RJ						

ÓTIMO

BOM

INTERESSANTE

RAZOÁVEL

FRACO

ZONA FRANCA

MY BLOODY VALENTINE é sem dúvida uma das melhores bandas britânicas da atualidade, como fica provado em **Loveless** (Creation), o mais recente álbum do grupo — que não lançava nenhum disco desde o excelente *Isn't Anything* (88).

Dessa vez, além das guitarras distorcidas sempre presentes, o quarteto também utilizou samplers em algumas canções. O resultado deste casamento feliz pode ser conferido em "Soon", "To Here Knows When" e na delirante "I Only Said", em que o vocal de Belinda Butcher une-se à atmosfera celestial das guitarras. *LEANDRO FORTINO*

O selo americano Triple X lançou **Gabba, Gabba Hey: A Tribute To Ramones**, álbum duplo com 22 regravações de clássicos dos pais do punk. São feitas por bandas novas e não muito conhecidas por aqui, destacando-se os **FLESHEATERS** ("I Don't Wanna Go Down To The Basement"), o **BAD RELIGION** ("We're A Happy Family") e **MOJO NIXON** (com uma demente versão para "Rockaway Beach").

As versões são bem parecidas com as músicas originais, pois é quase impossível inovar em canções feitas apenas de três acordes e muita velocidade. Ao final, as vencedoras são **L7** ("Susy Is A Headbanger"), **RIGOR MORTIS** ("Psychoterapy") e os nojentos do **PIGMY LOVE CIRCUS** ("Beat On The Brat"). *ANDRÉ BARCINSKI*

Mais uma prova que há soul para os anos 90: **ULTRA NATÉ**. Os Basement Boys — responsáveis por Crystal Waters e expoentes do underground dance americano — vêm trabalhando com ela desde 89. No ano passado, finalmente concluíram sua estréia: **Blue Notes From The Basement** (Eternal), um disco anos-luz mais elaborado e classudo do que o de Crystal. Além de muita garage house, há espaço para jazz e baladas. E sua voz é uma história à parte. *CAMILO ROCHA*

O Pigface, dos bateristas Bill Rieflin e Martin Atkins, e o disco solo de tecladista e vocalista **CHRIS CONNELLY** cobrem as extremidades opostas do espectro sonoro aberto pelo Ministry. O que o primeiro tem de agressão desmedida **Whiplash Boychild** (Wax Trax) tem de melodismo *weirdo*.

Al Jourgensen não gosta de comparações; oficialmente o Ministry é só ele e o baixista Paul Barker. Mas além de Barker ter participado do LP Pigface, o Ministry é centro e principal referência de uma nova ordem sonora, que inclui as esquisitices de Connelly. E as quedinhas dele para Bowie/Iggy em "Daredevil" ou "The Game..." (vigorosas, mas nada *thrashy*) são rebatidas pelos fantasmagóricos pianos de "The Last Of Joy" e "Ghost Of A Saint". Excêntrico perde. *ALEX ANTUNES*

Mais um flashback com gosto de cogumelo. Em seu primeiro álbum — **Cocterie** (Capitol) —, o grupo inglês **LEVITATION**, liderado por Terry Bickers (ex-guitarrista do House Of Love), toma um porre nas fontes psicodélicas. E acrescenta fartas doses de rock progressivo em seu coquetel lisérgico. O peso doentio de três guitarras recicla Pink Floyd, Led Zeppelin & Cia., em faixas dos dois primeiros EPs do grupo, e inéditas viagens ao vivo reunidas num único disco. Para encher de vergonha os "três patetas" que sobraram no Genesis.

JEAN YVES DE NEUFVILLE

Nem só do Nirvana vivem os *power trios* maníacos do rock americano. Desde meados dos anos 80, de San Francisco vêm os **MELVINS** — Buzz (guitarra/vocal), Lorax (baixo) e Dale (bateria) —, que com seu heavy letárgico lembra o *early* Black Sabbath, em canções com títulos sugestivos como "If I Had An Exorcism", "Your Blessened" e "Boris". Mas influências do PIL ("It's Shoved") e de Alice Cooper fase 71/74 ("Anaconda") também permeiam **Bullhead** (Boner). *CELSO PUCCI*

O Wire perdeu o baterista Robert Gotobed, virou **WIR** e acertou a mão em cheio. **The First Letter** (Mute) supera o descompasso de *Manscape* e *A Bell Is A Cup* e mostra a determinação de Colin Newman, Graham Lewis (He Said) e Bruce Gilbert de trazer para a banda o que parecia reservado para os projetos-solo. O melhor é a versão CD, para comparar (nos dois *mixes* de "So And Slow It Grows") o que têm de pop e de experimental. *ROSCOE MACIEL*

VÍDEOS

QUEEN
Greatest Flix e Greatest Flix II
Direção: vários. 1975-81 e 1981-91. (60 e 80 min., hi-fi stereo, PMI)

A primeira fita contém hits poderosos, de "Bohemian Rhapsody" a "Flash", passando por "We Are The Champions", "Somebody To Love" e "Love Of My Life". Mas à exceção de uma ou outra investida na produção visual, tipo a animação em "Bicycle Race", restringe-se a clips estilo arena, com palco, fumacinha e os indispensáveis *colants* do jovem Freddy & Cia.

Na segunda parte é que o grupo mergulha de vez em seus delírios *camp*. E sempre com excelentes resultados, como em "Radio Ga Ga" (excertos de *Metrópolis*) e *"I Want To Break Free"* (o quarteto travestido em donas-de-casa). Também tem "Under Pressure", com Bowie, e o clip-testamento "The Show Must Go On". *A.A.*

U2
The Unforgettable Fire Collection
Direção: vários. 1985. (60 min., hi-fi stereo PolyGram)

Quatro clips pouco vistos, pré-estouro definitivo dos irlandeses: "Pride", "Bad", "The Unforgettable Fire" e "A Sort Of Homecoming". Mas o principal atrativo é um documentário de meia hora que registra a gravação do LP, o primeiro em que eles trabalharam com os produtores Eno e Lanois. *A.F.*

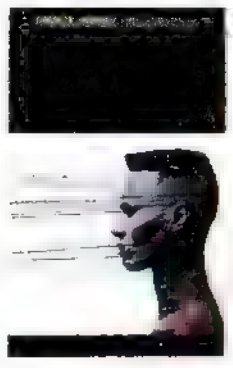
ROGER WATERS
The Wall Live In Berlin
Dir. Ken O'Neill. 1990. (120 min., hi-fi stereo, PolyGram)

No arranca-rabo entre Roger Waters e o trio remanescente pelo nome do Pink Floyd em 87, o baixista levou a pior. Mas, três anos depois, ele demonstrou uma visão mercadológica e um senso de oportunismo com a mesma determinação da "mão-de-ferro" com que dirigiu os destinos do grupo nos anos 70/início dos 80.

Uma idéia grandiosa e milionária: fazer um mega-show apresentando o álbum *The Wall* (79) junto aos escombros do muro de Berlim. Os ingredientes? Banda, orquestra, coral, um batalhão de convidados especiais, projeções, efeitos luminosos e o inevitável muro construído tijolo a tijolo durante o show para ser destruído no final. Óbvio e tedioso. *C.P*

THE POLICE
Their Greatest Hits
Direção: vários. 1986. (59 min., hi-fi stereo, PolyGram)

Esta coletânea de catorze hits vai do primeiro compacto, "Roxanne", à infeliz recriação de "Don't Stand So Close To Me". O que mais impressiona é a mudança entre *Ghost In The Machine* e *Synchronicity*: em vez dos clips espontâneos, entre Beatles e punk, que criaram a imagem da banda (todos assinados por Derek Burbridge), o Police virou no seu último disco mais uma bandinha padrão MTV. O mesmo, aliás, que aconteceu com o som, honrosa exceção feita a "Every Breath You Take". *A.F*



GRACE JONES
A One Man Show
Dir. Jean Paul Goude. 1982. (45 min., hi-fi stereo. PolyGram)

"Videoteca básica", o mais exato flashback dos 80, com a produção *designed by* Jean Paul Goude ainda capaz de matar de inveja uma matilha de publicitários. Cabaré pansexual, jogos de máscaras e espelhos, o impávido colosso Ms. Jones no auge: 90% do repertório extraído de *Warm Leatherette* e *Nightclubbing* (quer dizer, Grace em estado de graça). Para a perfeição, só faltaria substituir a pipoca por caviar e salmão. *J.A.L.*

INXS
Greatest Video Hits (1980-1990)
Direção: vários. 1990. (120 min., hi-fi stereo PolyGram)

O INXS não é uma banda que faz bons vídeos: é uma banda que *só* faz sentido em vídeo — ainda que eles lotem estádios no mundo todo. Nesses clips incrivelmente legais — que mudaram os padrões estéticos da MTV — Michael é um deus do sexo, a banda energética, as letras inteligentes. Tudo que o INXS não é em disco. *A.F*

IMPORTADOS

JOHN LENNON *Sweet Toronto* (EUA, 1969-1991, BMG). A mais célebre das gravações de D.A. Pennebaker feitas no Toronto Peace Festival do Canadá, em 69. Registra os primeiros tempos da Plastic Ono Band (e os últimos dos Beatles), tem participação de Eric Clapton e pontas de Bo Diddley, Jerry Lee Lewis, Chuck Berry e Little Richard • **JIMI HENDRIX** *Jimi Hendrix Plays Berkeley* (EUA, 1970-1991, BMG). Uma das melhores performances de Hendrix registradas em imagens. Gravado na Califórnia, poucos meses antes de sua morte, o vídeo traz números arrasadores como "Machine Gun" e "Voodoo Chile". Já tendo sido lançado anteriormente em 86, a nova versão traz duas músicas-bônus: "Freedom" e "Ezyrider" • **VÁRIOS** *Blues Alive'Messin' With The Blues* (EUA, 1991, BMG). Duas antologias de blues coisa-fina. A primeira gravada em Memphis e Chicago durante 1990 traz Buddy Guy, Albert Collins e Junior Wells, entre outros. Narrado por Willie Dixon. Já o outro resume performances de várias épocas, dos mesmos Guy e Wells, acompanhados de ninguém menos que Muddy Waters *C.P*

Stamp

CAMISETAS - BLUSÕES - CALÇAS

MALHA MERCERIZADA - TAMANHOS P.M.G
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
TEL.: (011) 299-7478

REF.: 560 REF.: 559 REF.: 558 REF.: 557 REF.: 556 REF.: 555
REF.: 554 REF.: 553 REF.: 552 REF.: 551 REF.: 550 REF.: 549
REF.: 545 REF.: 544 REF.: 543 REF.: 542 REF.: 541 REF.: 540
REF.: 539 REF.: 538 REF.: 536 REF.: 534 REF.: 533 REF.: 532 REF.: 531 REF.: 529 REF.: 524 REF.: 522
REF.: 520 REF.: 519 REF.: 518 REF.: 516 REF.: 510 REF.: 509 REF.: 508 REF.: 507 REF.: 504 REF.: 502
REF.: 498 REF.: 496 REF.: 493 REF.: 487 REF.: 482 REF.: 476 REF.: 470 REF.: 469 REF.: 467 REF.: 462
REF.: 445 REF.: 441 REF.: 439 REF.: 435 REF.: 427 REF.: 390 REF.: 377
REF.: 353 REF.: 345 REF.: 341 REF.: 338 REF.: 317 REF.: 308 REF.: 218

CALÇAS DE MOLETON
NAS SEG. REFERENCIAIS

CA1: GUNS N'ROSES
CA2: SEPULTURA
CA3: RED HOT C
PEPPERS
CA4: METALLICA
CA5: U
CA6: NIRVANA
CA7: SLAYER
CA8: SKID ROW
CA9: ENGENHEIROS
DO HAVAI
CA10: LEGIÃO URBANA

DESCONTOS!

ENVIE CHEQUE NOMINAL À STAMP OU VALE POSTAL (JÁ COM O DESCONTO) E GANHE:
1. NA COMPRA ATÉ 3 PEÇAS: 20% DE DESCONTO
2. NA COMPRA DE 4 OU MAIS: 30% DE DESCONTO

PREÇOS

MANGA CURTA (MC):	Cr$ 18.000,00
MANGA LONGA (ML):	Cr$ 23.000,00
BLUSÃO MOLETON (MT):	Cr$ 30.000,00
CALÇA MOLETON: (CA)	Cr$ 28.000,00
BLUSÃO C/CAPUZ (BZ):	Cr$ 34.000,00

VÁLIDOS ATÉ A PRÓXIMA BIZZ

- PREENCHA O CUPOM AO LADO (OU CÓPIA) E ENVIE PARA STAMP: R. EMB. JOÃO NEVES DA FONTOURA, 156 - CEP 02013 - S. PAULO - SP
- VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.
- TODAS AS ESTAMPAS ESTÃO DISPONÍVEIS NOS 4 MODELOS: CAMISETA MANGA CURTA (MC), MANGA LONGA (ML) BLUSÃO SIMPLES (MT) E BLUSÃO COM CAPUZ (BZ).

ESTOU ENVIANDO CHEQUE ☐ VALE ☐ NO VALOR DE . . . . . PREFIRO PAGAR AO RECEBER ☐

REF	TAM	MOD.	REF	TAM	MOD

Nome . . . . . .
End . . . . . .
CEP . . . . Cid. . . . . Est. . . .
Assinatura . . . . . .
RG . . . . . Tel. . . . . .
IDADE. . . SUGESTÃO PARA ESTAMPA . . . . . .

BMG—Ariola

SMELLS LIKE TEEN SPIRIT

(Letra: Kurt Cobain/Música: Nirvana)

CHEIRA A ESPÍRITO JUVENIL

Load up on guns	*Carregue-se de armas*
and bring your friends	*e traga seus amigos*
it's fun to lose and to pretend	*é divertido perder e fingir*
she's over-bored and self assured	*ela está mais do que entediada e segura de si*
oh no, I know a dirty word	*oh não, eu conheço um palavrão*
Hello hello hello how low... (4x)	*Alô alô alô, até onde pode baixar... (4 X)*
(refrão)	*(refrão)*
With the lights out, it's less dangerous	*Com as luzes apagadas, é menos perigoso*
here we are, now entertain us	*aqui estamos, agora nos entretenha*
not just stupid and contagious	*não apenas estúpidos e contagiosos*
here we are, now entertain us	*aqui estamos, agora nos entretenha*
a mulatto, an albino	*um mulato, um albino*
a mosquito, my libido	*um mosquito, minha libido*
I'm worse at what I do best	*Estou pior no que faço melhor*
and for this gift I feel blessed	*e por este dom me sinto abençoado*
our little group have always been	*nosso grupinho sempre foi*
and always will, until the end	*e sempre será, até o fim*
Hello hello hello how low... (4 X)	*Alô alô alô, até onde pode baixar... (4 X)*
(repete refrão)	*(repete refrão)*
And I forget just why I taste	*E esqueço exatamente por que sinto o gosto*
oh yeah, I guess it makes me smile	*ou yeah, acho que me faz sorrir*
I found it hard, it's hard to find	*achei difícil, é difícil de achar*
oh well, whatever, never mind	*bem, seja o que for, deixa para lá*
Hello hello hello now low... (4 X)	*Alô alô alô, até onde pode baixar... (4 X)*
(repete refrão)	*(repere refrão)*
a denial... (9 X)	*Uma recusa... (9 X)*

NIRVANA

Todos os direitos reservados

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FAMA
Música e Ídolos

HIT
Música, Mercado e Negócios

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Vídeo

SET-1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANÁRIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Música Sertaneja

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação e Correspondência: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479. Tel. (011) 211-7866. Telegramas: Editabril/Abrilpress
Rio de Janeiro
Rua Marechal Câmara, 160 - 15.º andar s/ 1533/34, CEP 20020. Tel. (021) 532-0313. Telex (021) 36890. Fax (021) 532-1486.
Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077. Phone: (213)474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone (001212) 557-5990/5993. Telex (00) 237670. FAX: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66 31.18 Telex (0042) 660731 ABRIL-PA. FAX: (00331) 42.66.13.99
PUBLICIDADE
São Paulo: Av. Brig. Faria Lima, 1541 - 16º andar, CEP 01451, Fone: (011) 814-7211, FAX (011) 212-0664
Brasília-DF: Espaço Com. Integrada e Cons. Ltda. Fones: (061) 223-2134/226-3644 FAX
Belo Horizonte: M. A. M. Public e Repres. Ltda., rua Timbiras, 1560, conj. 1904, Ed. City Center, CEP 30140. Fone: (031) 224-9534, FAX (031) 226-2059
Região Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502, cj. 206. CEP 90060. Fone e FAX: (051) 223-9528, Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224 Florianópolis - (0474) 33-6186 - Joinville - SC, (041) 234-0439, Curitiba PR

BIZZ
EDITORA AZUL

ÀS SUAS ORDENS.

A Editora Azul, como empresa do Grupo Abril, mantém uma Central de Atendimento pronta a resolver qualquer dúvida e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Estamos à sua inteira disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ligue das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 226-7007
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel (085) 244-1566
Porto Alegre - Tel. (051) 229-4177
Recife - Tel (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel (021) 295-5544
Salvador - Tel (071) 371-5577
São Paulo - Tel (011) 823-9222

Ou escreva para:

Editora Abril
Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina.
Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome _____

Código de assinante _____

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas

Novo endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Tel. _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

BZ 80

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Sílvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Ross

BIZZ

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: André Forastieri
Editor: Alex Antunes
Editores-Assistentes: Camilo Rocha (Showbizz), Celso de Salles Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adán Gil (Fichas), Antonio Carlos Miguel (Rio)
Editor de Arte: Richard Kovács
Chefe de Arte: Antonio Fernando Morra
Diagramador: Renato Yada
Coordenador de Produção: Wagner Almeida Silva
Colaboradores — Textos: Arthur G. C. Duarte, Carlos Eduardo Miranda, Eneas Neto, Evil Otto, Jan Fjeld, José Júlio do Espírito Santo, Leandro Fortino, René Ferri, Roscoe Mac el. **Fotos:** Jack Tristano, Ricardo Siqueira, Rui Mendes. **Arte:** Alexandre Mattar, Jair da Silva Santos. **Correspondente (Londres):** Anamaria G. de Lemos

PUBLICIDADE

Diretor: Romeu Andreatta Filho
Supervisor: Rosangela Cassino
Contatos: Arthur Oliveira Neto, Silvia Lima
RJ-Contato: Lidia Camarati
Coordenação: Waldimir Xavier de Almeida e José Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Fábio Bueno

EDITORA AZUL

PUBLICIDADE:
Diretor Geral: Carlos Alberto Araujo
Diretor do Rio de Janeiro: Eduardo Rosa
COMUNICAÇÃO:
Diretor: Rogério Raheer
SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Estudio Fotográfico-Gerente: Fábio Cabral
Abril Press-Gerente: Judith Baroni
Dpto. de Documentação-Gerente: Suzana Camargo
Correspondentes (Los Angeles): Ana Maria Bahiana, José Emilio Rondeau
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelo

BIZZ 80 é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, tel.: (011) 211-7866, CEP 05479. Caixa Postal 66254, CEP 05389. Telex (011) 83178. Fax (011) 813-9115. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** R. Marechal Câmara, 160 - 15º andar S/ 1533/34, CEP 20020. Tel. (021) 532-0313. Telex (021) 36890. Fax (021) 532-1486. Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor da capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigido de acordo com as disposições legais em vigor sobre a matéria. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Data de circulação: março/92. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela ANER DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante:** tel. (011) 823-9222

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS

CABEÇA DURA

Não gostei do que foi dito no *Ao Vivo* da BIZZ 76. Se não fosse Mike Patton, o Faith No More não teria saído do anonimato.

Marina,
São Paulo, SP

Concordo plenamente que o Patton deve deixar seu teatro para os shows do Mr. Bungle.

Viviane Coral,
Rio de Janeiro, RJ

Eu não sei se o repórter sabe, mas o vocalista em quase todos os shows joga o pedestal na platéia ou em quem quer que seja, não para machucar ninguém mas para fazer sua performance.

Renata Prado,
São Paulo, SP

Sr. Alex Antunes, cara, que tal da próxima vez tu ir num show do A-ha, ou quem sabe DuranDuran, talvez eles te joguem um cartao perfumado com os dizeres: "Lembrei de você". Vai tomar linha, ô xaropão!

Lio Letício F. Leite,
Viamão, RS

Recebemos telefonema do cidadão Guilherme Perpétuo, que se identificou como a pessoa atingida pelo pedestal. Ele foi dali para o hospital, onde tomou cinco pontos na cabeça — mas preferiu não divulgar o episódio para não dar margem, segundo suas palavras, a outra daquelas campanhas oportunistas contra a "violência no rock". Portanto, nota zero para a cavalada do Mike Patton e o Troféu Vânia Cavalera de safe rock *para o Guilherme, que ele merece.*

CARAS & BUNDAS II

Através desta gostaria de dar meu total apoio à banda Sepultura. Achei uma total sacanagem de seus fãs desprezarem a banda por descobrir que seu vocalista tem preferência sexual apenas por pessoas do mesmo sexo. Acho que os verdadeiros fãs têm que se conscientizar de que preconceito não leva a nada. A bunda é dele e ele dá para quem quiser. Eu particularmente acho Max um excelente músico. Fiquei sabendo também que o baterista Igor, pensando apenas em seus fãs, recusou um convite milionário para posar para a revista *Playgirl*. Acho que não teria nada demais se ele aceitasse, pois eu trabalhei dois anos no EUA como estrela de filmes pornográficos e não me envergonho nem um pouco. Ganhei uma grana legal, voltei para o Brasil e hoje tenho uma casa e vivo em boa situação. Gostaria de deixar meu recado para esses fãs ingratos: os rapazes da banda são fiéis e pensam muito em vocês, não é à toa que Max conseguiu esconder isso durante muito tempo. É injusto que seus verdadeiros fãs o desprezem agora.

Verônica Cherry
São Paulo, SP

Estamos escrevendo esta carta para defender nossa opinião contra algumas difamações sofridas pelo Sepultura. Somos fãs do grupo desde os tempos de Belo Horizonte e não admitimos que agora acabem com a moral da banda. Na BIZZ 77 saíram na revista cartas de *headbangers* decepcionados com eles. Algumas apelaram e chamaram o vocalista de "ultraviado". Outras eram cartas de meninas vulgares que acham os membros da banda lindos. Gostaríamos de deixar bem claro que a culpa não é da banda, mas, sim, dessas cabecinhas de merda que não sabem porra nenhuma de metal. Para elas é tudo igual, não sabem diferenciar uma música da outra: bastou tocar metal que elas já dão em cima. Algumas dessas "piranhas do metal", quando indagadas a respeito do som que curtem, juntam tudo em seu cérebro de ameba e depois vomitam na sua cara nomes como Guns N'Roses, Skid Row, Poison e Sepultura. Se você perguntar sobre algumas bandas mais underground, nunca ouviram falar. E o que o Sepultura tem a ver com isso? Eles sempre foram uma banda fiel ao underground, mas acabaram fazendo m pouco mais de sucesso. Como o heavy já estava na moda, ficou mais fácil para eles caírem na boca dessas vagabundas, que, quando não estão correndo atrás deles, estão escrevendo um montão de merda para as revistas. O que mais nos chateia é que é impossível impedir isso. Talvez quando a onda heavy acabar, as modistas esqueçam e parem de galinhar para o nosso lado.

Lorena Aparecida da Cruz e
Ivan Albuquerque
São Paulo, SP

Não adianta querer difamar o Sepultura por causa de algumas meninhas que resolveram ontem ficar fãs da banda porque eles fizeram um pouco mais de sucesso. Não vou deixar de ser fã da banda porque algumas retardadas acham que o som do Skid Row, Guns e Sepultura são a mesma coisa. Acho que nós, os verdadeiros bangers, devemos tratá-las como mongolóides bestificadas que são.

Tzam Chung Ming
São Paulo, SP

Sobre o monte de cartas a respeito do Sepultura: essas pessoas se preocupam com a bunda do Max!!! Eles fazem parte do pior tipo de gente, que enche o Brasil de ignorância, nosso verdadeiro câncer... Opinam sem a menor base e se julgam nesse direito. Um grupo da qualidade do Sepultura não escaparia à cretinice desse povo. É o preço que se paga por ser muito veiculado e cair no pseudogosto popular ("povo", aqui, está no mal sentido). Seria inveja? Deveria haver um modo de transformar isso em orgulho — sem nacionalismo, pois arte não tem fronteiras. É preciso pertencer à tribo para começar a pensar em dizer algo sobre o som pesado. Se você não pertence, pelo menos ouça e pense, e pode começar a entender. Acorde e engula inteiro, cru e quente, que o Brasil produziu um puta grupo que é um fenômeno, sim.

Fausto Mucin
São Paulo, SP

Falar que Sepultura é uma merda porque o Max mostra a bunda na revista é como escrachar o FNM porque o Mike Patton peida no microfone. Podreira no thrash e heavy existe, sim, como em qualquer lugar. Não posso mais agüentar bandinhas baladeiras como Poison, Motley Crue etc. Temos que reconhecer que o thrash brazuca é um dos melhores do mundo.

Gato Félix
Santo André, SP

Fiquei bestificada ao ler tantas asneiras. Vamos começar pelos garotos e garotas ofendidos com o Sebastian Bach na capa. Se não gostaram, problema deles. E, se o Sebatian é bicha ou não, isso é problema só dele. É uma escolha de vida que não influi no fato do Skid Row crescer cada vez mais como banda. Quanto ao Sepultura: acho ridículo que fãs como Amarildo Pereira tenham deixado de gostar dos caras só porque o Max apareceu com a bunda de fora, ou por causa do que eles dizem, ou porque tiraram um pouco da agressividade de suas músicas. Abre os olhos, cara! Fã que é fã não abandona seus ídolos, tá?

Karla Maria Gouvéa
São Paulo, SP

Em nome do meu fã-clube *Stone Of The Death*, queria falar que o povo que criticou o Sebastian e o Max são um bando de ignorantes. Se não fosse o Sepultura, não seríamos reconhecidos lá fora. E outra, ninguém pediu para o fotógrafo ir lá tirar foto do Max tomando banho. E, ainda, se você tem inveja do Sebastian, isso não é culpa dele, que nasceu perfeito. Se você não gosta de ouvir ninguém "urrar" no microfone, não escute heavy metal, pois tem muita gente que gosta.

Simone Tenelli
São Caetano do Sul, SP

Quem não gosta de Poison, Sepultura, Guns N'Roses e principalmente Skid Row não devia ocupar seu tempo falando mal. Eles não são bichas (Sebastian Bach, para quem não sabe, tem um filho) e, mesmo que fossem, o homem tem direito de ser o que quiser.

Érika Fernandes
São Paulo, SP

Onde já se viu publicar uma matéria sobre performance sexual, cutucando as feridas morais de Axl Rose? O que ele faz ou deixa de fazer na cama é da conta dele, e ninguém tem nada a ver com isso. São repor-

tagens ridículas como essa que fazem uma revista bem-sucedida como a BIZZ se transformar em uma enjoativa revistinha de fofocas.

Cecília Mesquita
Jundiaí, SP

Sou leitora da BIZZ há cinco anos, acompanho a revista desde quase o comecinho. Eu não conhecia nada de música, só as melecas que sempre tocaram nas FMs. Lia aquela revista e ficava muito brava: mil nomes de bandas desconhecidas para mim, rótulos e estilos que eu nem tinha idéia do que eram... Não me indignei, queria conhecer de tudo, e assim fui descobrindo que existem coisas maravilhosas que não tocam no rádio. Cinco anos passaram, e hoje em dia eu não consigo mais ouvir rádio. Bem, isso é história. Acabei de dar uma lida na edição de dezembro. Cara, que povinho mais trolha que escreve para a redação. Eu juro que não entendo como uma simples bundinha (deliciosa por sinal) pode causar tanto alvoroço! É só uma bunda, gente! Aparece bunda de mulher na TV a toda hora, no Carnaval então é irritante. Pô, é legal ver uma bundinha masculina às vezes (minto, sempre!). Ainda mais num lugar totalmente inesperado, a BIZZ. Achei superengraçado. E para agradar os meninos publicaram uma foto da *porn star* que deu nota aos rock stars. Achei ótimo, isso é que é democracia... Aliás, eu adoro a BIZZ, porque na hora de ser séria, ela é; e não é chata, serve para divertir (principalmente as cartas dos ardorosos fãs do GN'R ou Engenheiros malhando a redação).

Carla Gonçalves Haiduk
Curitiba, PR

RAMONES

Quero agradecer ao André Forastieri por ter lembrado e falado com tanta competência dos Ramones na *Discoteca Básica* da BIZZ 77. Sua matéria ficou com excelente estilo e trouxe a gostosa lembrança de músicas tão boas para ouvidos tão rebeldes. Muito obrigado, André, por lembrar de Ramones, certamente a melhor banda de rock'n'roll da história.

Marcelo Mesquita Funchal
São Paulo, SP

Parabéns, BIZZ! Pelo seu pior ano. Qual é o problema? Falta de bons músicos ou de boas reportagens? A edição de dezembro foi completamente desprezível. Começando pela capa, depois um papo de avestruz com os cafajestes idiotas dos Engenheiros, indo para o fim da paciência com os coroas ultrapassados do Dire Straits. Que boas matérias tivemos esse ano? Cramps e "Novo Metal"? E as críticas dos senhores Antunes e Porra Louca para os discos de rap e dos Ramones? O primeiro quis ser professor de matemática, e fez besteira. Mr. Forastieri resumiu o disco dos Ramones ridiculamente com sua teoria canto-urbano-entediado de uma pessoa-que-aos-16-anos-matava-aula-para-ouvir-Clash. *Come on, guys... try next year!!*

Icaro Sorregotti
São Carlos, SP

Finalmente uma matéria merecedora de aplausos e elogios. A do LP *Rocket To Russia* na *Discoteca Básica*. Há dois anos eu espero que apareça Ramones, Pistols, Clash, Dead Kennedys etc. Bem, para uma revista que neste ano parecia segmentada em dance music já é um começo: a banda que salvou o rock'n'roll (como eles mesmos se definem no encarte de *All The Stuff And More*). Parabéns, Forastieri.

Walter Hupser
Salvador, BA

A BIZZ está cada vez melhor, apesar de alguns leitores dizerem que a revista está decadente. Quanto àquele comentário do disco dos Ramones feito pelo Forastieri, quero saber por onde ele andou nos anos 60. Com o Maharishi? Ou fazendo experiências psicofarmacológicas? Sem dúvida, ele conhece em profundidade as misérias que afligem o ser humano. Pô, você devia defender tese em universidade!

Jean Carlos Corrêa
Juazeiro, BA

TITÃS

Sou um novo leitor da BIZZ e, lendo a crítica ao disco dos Titãs, fiquei estarrecido e revoltado com a bicha do André Forastieri. Você não devia ter dito o que disse dos Titãs. Você soltou a franga. Como pode um cara, na mesma edição, dizer que Deep Purple é música de macho e dar a entender que foi demais passar uma tarde com (as outras bichas) Mike Patton e Max Cavalera? Isso é conversa de viado com vontade de ser gringo. O heavy metal nunca tomará o nosso rock. O Sepultura são bichas mineiras e os Ratos de Porão merecem morrer, pois traíram os punks. Se não quer escutar palavrões, vá ouvir música de igreja. Se não gosta de guitarras barulhentas, vá ouvir Fábio Jr. Quero parabenizar o Alex Antunes, sua entrevista com os Titãs estava demais. Você está certo: os Titãs são os Titãs são os Titãs.

Cleber dos Santos
São Paulo, SP

Tenho seis discos dos Titãs e infelizmente tenho que dar o braço a torcer a esses críticos babacas. Este disco não ficou legal. Cara, para quem gravou *Ô Blésq Blom* há algum tempo atrás... Este *Tudo...* saiu seco e sem gosto.

Carlos Martins
Belém, PA

Achei ridícula a crítica ao último disco dos Titãs! Só porque os caras fizeram um disco cheio de nojeiras e podridões? Os assuntos dos jovens hoje em dia são cheios de palavrões e agressões. Se o grande Liminha não os ajudou, é porque teve algum motivo, mas nem por isso esse disco devia ter recebido tanta crítica contra. A crítica realmente é muito estúpida, concordo totalmente com o grupo.

Daniele Letícia Martendal
Blumenau, SC

Titãs? Quanta expectativa para tão pouca coisa. Se fosse uma ou duas cabeças, vamos lá. Mas oito e depois de tanto tempo dar no que deu? Os fãs, mereciam coisa melhor. Acordem, pois o tempo não pára!

João Alcântara de Almeida
Dourados, MS

A crítica é que abusou do direito de ser crítica. *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora* é do caralho e a crítica, além de estúpida, é fodida!

Rogério
Três Cachoeiras, RS

LETRAS TRADUZIDAS
Bizz
E
FOTOS ALUCINANTES

O ROCK FALANDO A SUA LÍNGUA
NAS BANCAS
AZUL

DISCOTECA BÁSICA

RAUL SEIXAS
NOVO AEON (1975)

No verão de 89, Raul Seixas e eu estávamos em minha casa preparando material para o disco *A Panela Do Diabo*, quando ele falou: "Marceleza, vamos dar um tempo nesta paranóia de compor e tomar uma cervejinha".

Fizemos uma pausa, quando eu coloquei para tocar o seu álbum *Novo Aeon* e disparei: "De todos os discos que você fez, este é o meu favorito". Para minha surpresa, ele rebateu: "O meu também!"

À medida que as músicas rolavam, ele ia me dizendo que, ao contrário do sucesso de *Krig-Ha Bandolo* (72), com "Ouro de Tolo" e principalmente *Gita* (74) — que vendeu algo em torno de oitocentas mil cópias, puxado pela faixa-título —, *Novo Aeon* não havia ultrapassado as quarenta e poucas mil. Mas se o álbum frustrou as expectativas da gravadora, ao mesmo tempo tornou-se uma espécie de querido filho bastardo para Raul.

Realmente, este é um disco filho da puta de bom. Se Raulzito sempre foi, antes de tudo, um homem de textos, eles nunca estiveram tão afiados, sarcásticos e intensos como em *Novo Aeon*. O disco é aberto com "Tente Outra Vez", balada que exorta os perdedores e desesperados a voltar à luta: "Tente/Levante sua mão sedenta e recomece a andar/Não pense que a cabeça agüenta se você parar".

Entre o dramático e o patético, ela nos conduz a uma obra-prima da parceria de Raul com o letrista Paulo Coelho — o "Rock Do Diabo". Temido e odiado no senso comum, o velho Demo é visto aqui não só como um integrante da mesma gangue ("O Diabo usa capote/É rock, é toque, é *fuck*..."), mas como alguém que pode sintetizar a complexidade da psicanálise em uma simples ação ("Enquanto Freud explica as coisas/O Diabo fica dando os toques"). Cantando que "O Diabo é o pai do rock...", Raul revela uma intimidade com o assunto que remete ao *bluesman* Robert Johnson — que em 1936 afirmava "andar lado a lado com Satã" em "Me And The Devil Blues".

Enquanto o disco rola, surgem os temas mais imprevisíveis. "Tu És O MDC Da Minha Vida" traz uma melodia que costura Orlando Dias e Odair José, enquanto a letra — outra parceria com Paulo Coelho — vai levando a situações hilárias através de seus versos impossíveis: "Eu me lembro/Do dia em que você entrou num bode/Quebrou minha vitrola e minha coleção de Pink Floyd". Quem senão Raulzito ousaria tal rima?

Em outras duas canções, ele flagra os impasses e as contradições que se abateram sobre sua geração no início dos anos 70. No rock'n'roll de "A Verdade Sobre A Nostalgia", declara que "Mamãe já ouve Beatles/Papai já deslumbrou/Com meu cabelo grande eu fiquei contra o que eu já sou". Já "É Fim De Mês" traz em ritmo de baião uma abordagem semelhante (com uma alusão a Os Panteras, o primeiro grupo de rock de Raul em Salvador): "Já fui pantera, já fui hippie, beatnik/Tinha o símbolo da paz dependurado no pescoço/Porque nego disse a mim que era o caminho da salvação".

Mas um dos momentos mais emocionantes do álbum está na canção "Para Nóia", em que a criação católica de Raul desaba com toda sua avalanche de culpas, temor a Deus e vergonha da masturbação ("Minha mãe me disse há tempos atrás/Deus vê sempre tudo que 'cê faz/Mas eu não via Deus/Achava assombração... Vacilava a ficar nu lá no chuveiro, com vergonha/De saber que tinha alguém, ali comigo/Vendo fazer tudo que se faz dentro de um banheiro...").

Um disco inquieto, apesar de maduro. Às vezes cínico, mas sempre perturbador. *Novo Aeon* contém toda a grandiosidade estética e poética de Raul. Um artista que, em vida, fazia questão de polemizar e desprezer o insosso "novo rock brasileiro" e por ele era ignorado. Agora, quase três anos após sua morte, alguns dos "artistas" que o "homenageiam" mal conhecem o trabalho dele, mas parecem "topar tudo" por dinheiro. Não se deixe enganar e vá ao original. *MARCELO NOVA*

DÁ PARA ENTENDER ESSE CARA?

AGORA DÁ.

Conheça tudo sobre a banda mais famosa do momento! 20 letras traduzidas para você cantar e ainda a biografia completa do Skid Row.

LETRAS TRADUZIDAS BIZZ

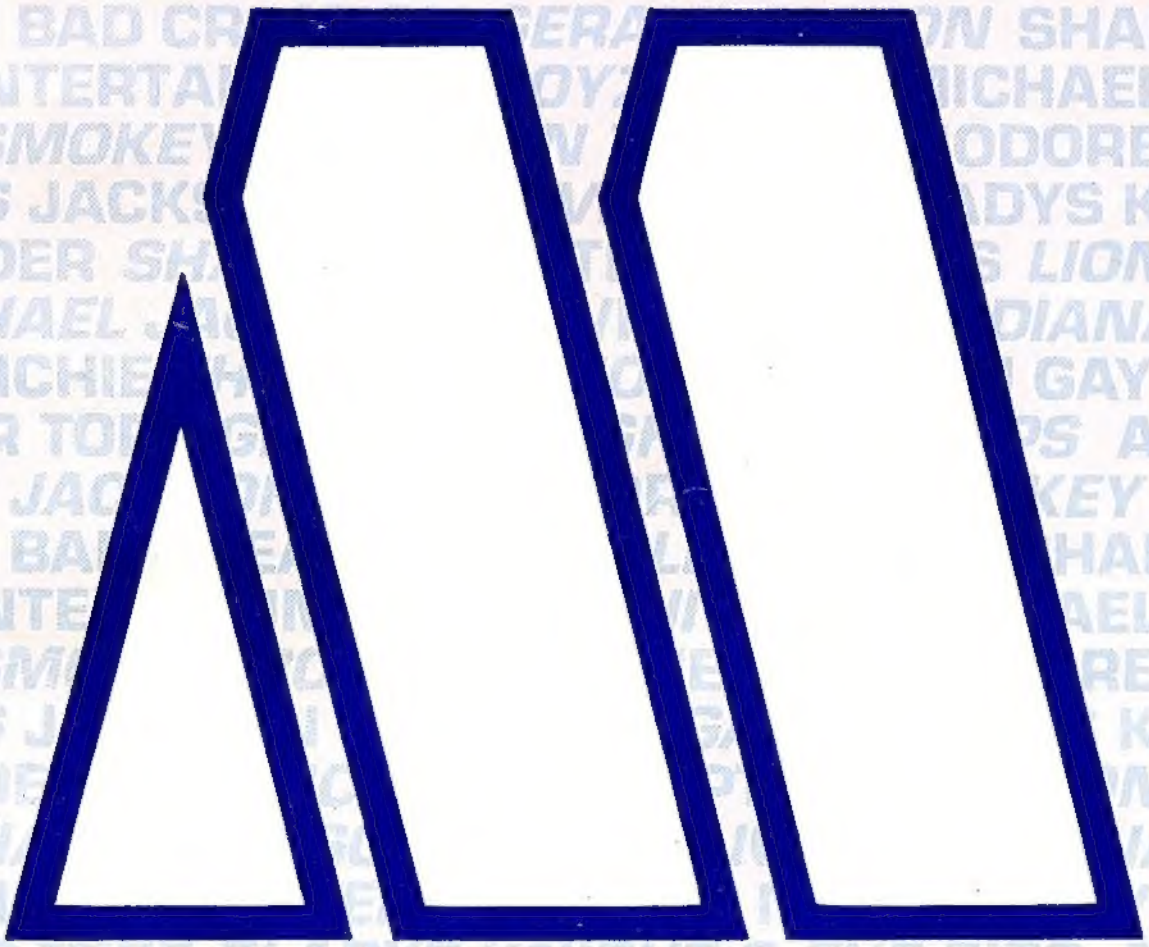
ÁLBUM ESPECIAL

INCLUINDO
IN A DARKENED ROOM
WASTED TIME
I REMEMBER YOU

EDITORA AZUL

NAS BANCAS.

MÚSICA SE ESCREVE COM



A *MOTOWN* MUDOU A CARA DA MÚSICA MUNDIAL
E AGORA MUDOU-SE PARA A *POLYGRAM*

OLHA SÓ QUEM ASSINA EM BAIXO

MOTOWN®

PolyGram

ERNESTO BALDAN

sete sete cinco

STEVIE WONDER NO ENTREVISTÃO

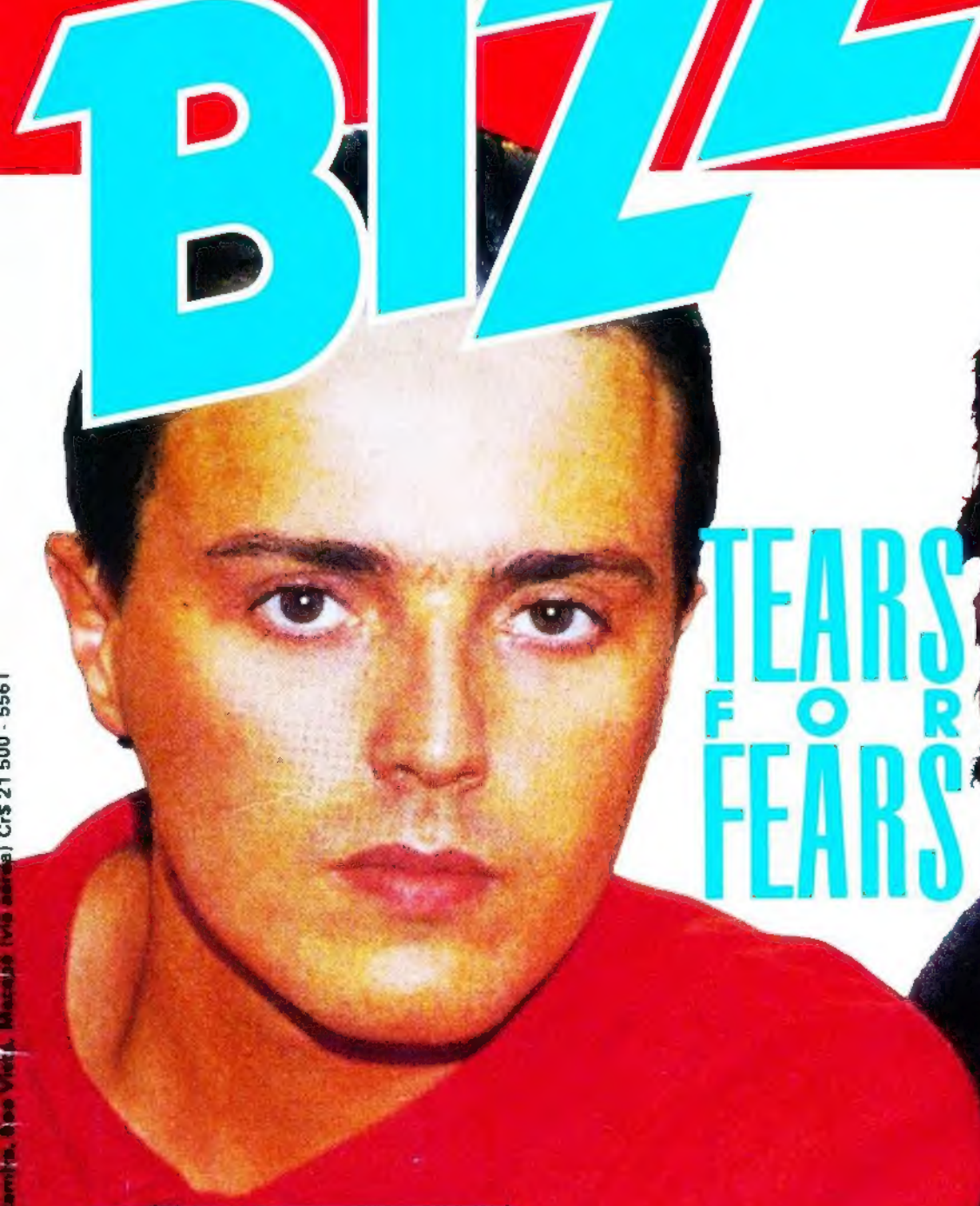
EDITORA ABRIL

Nº 6
JANEIRO 1986
Cr$ 18 500

BIZZ

GRÁTIS

CALENDÁRIO DO ROCK



TEARS FOR FEARS

CHOQUE!!
O PLÁGIO DO ULTRAJE (PLÁGIO?)

RITA LEE
DISCO NOVO, VIDA NOVA

RAUL SEIXAS
"FUI TORTURADO NO GOVERNO GEISEL"

MADONNA ■ LULU SANTOS ■ SMITHS ▶ VOTE NOS MELHORES DE 85

Manaus, Santarém, Rio Branco, Altamira, Boa Vista, Macapá (via aérea) Cr$ 21 500 - 5561

Rock & Quadrinhos Scans